

# COOJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

Um jornalista americano conta como os EUA organizaram e financiaram um programa para treinar 100 mil policiais brasileiros. Dois bilhões de dólares foram gastos, desde 1964, em cursos e equipamentos (inclusive instrumentos de tortura)



## 2 BILHÕES DE DÓLARES PARA A REPRESSÃO

A DIREITA  
OCUPA O  
SEU LUGAR

PARAGUAI,  
VERDADE DE  
UMA GUERRA

MISTERIOSA  
MORTE  
DE ALBERI



Este jornal, criado em 15 de novembro de 1975, pertence à primeira cooperativa de jornalistas do Brasil, a Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda., fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 310 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 15 outras publicações que faz para terceiros.

**Editor**  
Elmar Bones da Costa

**Secretário**  
Osmar Trindade

**Redação**  
Baru Derquin, Elaine Lerner, Jorge Gallina, José Antônio Vieira, Lenora Vargas, Lillian Bem David, Marco Antonio Schuster, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodke, Maurecy Santos, Najjar Tubino, Rafael Guimarães, Rosvita Saueressig, Silvio Correa, Tânia Kruttscka, Tomás Pereira, Waldoar Teixeira (repórteres, fotógrafos e editores), Edgar Vasques, Juvenal da Luz, Luiz Carlos Ferré, Sérgio Batsow (Arte), Luiz Recena Grassi (Brasília), Gilberto Pauletti (Rio), Geraldo Hasse, Jorge Escosteguy (São Paulo), Gleizer Neves (Belo Horizonte), José Maria de Andrade (Recife), Paulo Marconi (Salvador), Luiz Lanzetta (Florianópolis), Zélia Leal (França), Eva Dürr (Alemanha), Moema Bauer (México), Licínio Azevedo (Moçambique), Caco Barcelos (Nova Iorque).

**Industrial**  
Francisco Alba (coordenador), Lindomar da Silva, Sílvia Berni, Edison Ubratran Trindade, Maria de L. B. Lima (revisão), Carlos Milton Rios (produção), Júlio Ferrari, Atil Vineton, (fotolito), Paulo Sá, Ivan Carlos Franco, Hélio Pinho, Júlio César Martins (fotocomposição), Luiz Augusto de Oliveira, Luiz Gustavo Machado, Léo Roberto dos Santos (montagem).

**Comercial**  
Enio Lindenbaum, Francisco Kleber Bressani

**Circulação e Assinaturas**  
Renan Carvalho Rodrigues

**Números atrasados**  
A venda somente a partir da edição nº 13. Custo de cada exemplar: preço da última edição na banca. Pedidos devem ser acompanhados do respectivo valor, em cheque ou vale postal em nome de COOJORNAL.

**Endereço**  
Rua Comendador Coruja, 372  
CEP 90.000 — Porto Alegre — RS  
Fones 218984 e 240951 — Telex (051) 1605

**Registro nº 33170/Livro A 1**  
**Impressão: Diário de Notícias**

**COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA. ASSOCIADOS:** José Antônio Vieira da Cunha (Presidente), Tomás Pereira (Vice-Presidente), Rosvita Saueressig (Secretária), Afonso Ritter, João Souza, Jorge Polvdoro, Osmar Trindade, Pedro Maciel, Baru Derquin, Jorge Gallina, José Emanuel de Mattos, Ricardo Chaves e Sérgio Batsow (Conselheiros de Administração), Antônio Oliveira, Agnese Schiffino, Danilo Licha, Hermelindo Macedo, Luiz Vitello e Regina Vasques (Conselheiros Fiscais), Assis Hoffmann, Elmar Bones, Hélio Gama, João Aveline, Luiz Carlos Merten, Carlos Bastos, Jorge Olavo Leite, Guaraci Fraga, Luiz Cláudio Cunha e Paulo Burd (Conselheiros de Edição), Adélia Porto da Silva, Ademar Vargas, Ângela Beatriz Riccardi, Antônio Britto, Antônio Dreon, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Carlos Mosmann, Celso Rosa, Claiton Selistre, Clarice Aquistapace, Cláudio Barcelos, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Edgar Vasques, Erni Quaresma, Euclides Torres, Floriano Soares, Gládis Ybarra, Imara Stallbaum, Jandira César, José Antônio Ribeiro, José Félix Valente, Julieta Pereira, Leo Tavejnhansky, Licínio de Azevedo, Luiz Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Marina Wodke, Mário Marcos de Souza, Marques Leonam, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson de Oliveira, Renato Pinto da Silva, Sérgio Moita, Sílmar Müller, Walter Molina, Clóvis Malta, Omar de Barros Fº, João Carlos F. da Silva, Lenora Vargas, Leonid Streliaev, Divino Fonseca, João B. Scalco, Eva Caparelli, Maristela Bairos, Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Klintowitz, Sílvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto André, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Freitas, Renan de Oliveira, Antônio Gonzalez, Mário Villas-Boas da Rocha, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schirmer, Rejane Baeta, Fernando Coulart, Comercindo Coutinho, Luiz Salzano, Luiza Pinheiro, Marimônia Schilling, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlbeg, Jussara Pereira Coelho, Paulo Maciel, Luiz Afonso Franz, André Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Madureira, Roberto Manera, Fláudio Levitan, José Antônio Simch, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro Quadros, Marcelo Oscar Lopes, Maria Inês Burger, José A. Pinheiro Machado, Olivio Lamas, Sílvia Costa, Judith Martins Costa, Sérgio Tonello, José Abu-Jamra, Sérgio Becker, Francisco Dias Lopes, Lillian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascentes, Beatriz Polvdoro, Hipólito Pereira, Fernando Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Afalá, Carlos Karnas, Valdir Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Vera Regina Monteiro, Amauri Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otília Coulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Souza, Carla Irigaray, Tânia Barros, Tânia Failace, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Terezinha Figueiredo, Iraporan Müller, Zélia Leal, Luiz Arteche, Neusa Ribeiro, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armino Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockym, Jayme Copstein, Raul Rubenich, Citina Leal, Leonardo Dourado, Edson Gomes Chaves, João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaíne Silveira, Adroaldo Correa, Vera Daisy Barcelos, Maria da Graça Seligman, Humberto Andrade, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Dibe Pinto, Floriano Correa, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Moura, Paulo Fogaca, Severino Goes, Fernando Guedes, Neltair Abreu, Maria da Graça Silva, Walmaro Paz, Milton Fernando Wels, Maria Helena Brancher, Maria Luísa Teixeira, Júlio Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najjar Tubino, Marise Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Fedrizz, Carlos Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmen Laviaguerra Silveira, Nelson Baibich, Francisco Daniel Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Costa, Juarez Fonseca, Maria Elzir da Silveira, Renato Kern, Vera Kern, Valmário Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Higinio Barros, José Eneid Francisco, José Roberto Garcez, Valdir da Silva, Cândido Cruz, Luiz Carlos Felizardo, Francisco Juska, Carlos Rafael Guimarães Fº, Carlos Frederico Menz, Eduardo San Martin, Ilza Girardi, Eugênio Neves, Carlos Eduardo Athanasio, Renato Canini, Wilmar Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Pinto Netto, Pedro Sosa Pereira, Ennio Nugent da Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Filgueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling, Fernando Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizz, Odilon Abreu, Laerte Martins, Sílvia Correa, Luis Carlos Ferreira, Anibal Bendatti, Arthur Oliveira Fº, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Simch, Orides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Ruschel, Luis Fernando Verissimo, José Luiz Prévidi, Maria Elaine Borges, Eduardo Bueno, Marco Túlio de Rose, Mauro César Silveira, Mauro Toralles, Luiz Lanzetta, Alice Urbim, Ana Maria Barros, Lotário Neuburger, Ubirajara Silva Prate, Antônio Canabarro Trois, Bernadete Viana, Eloisa Beatriz Enck, Carlos Alexandre Castro, Cristina Baptista Pereira, Jane Peters, José Ribeiro Fontes, Mário Nascimento, Paulo Antônio Barros, Riomar Trindade, Rômulo Kraft, Vera Maria Bosak, Patrício Davila Bentes, Raul Quevedo, Ricardo Bolsoni, Miria Vieira Coelho, Juvenal da Luz Neto, Juan Carlos Gómez, Luiz Recena Grassi, Ariosto Paz Teixeira, Ayrton Centeno, Celso Schroeder, Milton Ribeiro da Silva, José Antônio Severo, Lucila Camargo, Paulo Marconi, Armênio Abascal, Maurecy Santos, Hélcio Ferreira, Luis Humberto, Valtier Firmo, Manuel Joaquim Martins, Jorge Meditsch, Pedro Flores e Zeka Araújo.

**Associação de**  
**AJOCOOP**  
Associação dos Jornais e Revistas de Cooperativas

# Caro leitor

Recebemos uma carta do secretário de Segurança do Rio Grande do Sul, coronel Rubem Moura Jardim. Ele reclama de um repórter nosso, que estaria denegrindo a imagem da polícia gaúcha com inverdades que publica em nosso jornal e em outros órgãos para os quais prestamos serviços através da agência Coojornal. Pede, o secretário, que o afastemos da área policial em nome do bom senso e do bom jornalismo.

É compreensível (e louvável) a preocupação de uma autoridade, como o coronel Moura Jardim, com a imagem da polícia. O coronel, quando assumiu a Secretaria de Segurança, há dois anos, foi elogiado por toda a Imprensa (inclusive por este jornal) ao afirmar que seu objetivo era "uma polícia mais técnica e menos emocional". Entendeu-se que uma polícia mais técnica significava uma polícia menos arbitrária, menos violenta, diante da qual o cidadão comum se sentisse protegido e não ameaçado. E aquele que saísse fora da lei tivesse a garantia de um tratamento humanamente digno.

Ocorre que nós lidamos com fatos. A polícia hoje, no Brasil inteiro, tem uma imagem ruim. O cidadão comum tem medo da polícia, que ele paga para protegê-lo. Evidentemente, sempre se poderá dizer que a culpa é da Imprensa. Se os jornais não divulgassem, como agora estão fazendo, os casos brutais de torturas e todo o tipo de atrocidade cometidos durante os anos de repressão política, a maior parte da população deles não tomaria conhecimento. Acontece que, se é fundamental para a polícia merecer o respeito dos cidadãos, também é vital para a Imprensa ser digna do crédito dos seus leitores, do público em geral. Se a polícia bate, tortura e mata, os cidadãos perdem a confiança nela, passam a ter medo em vez disso. Assim como um jornal, que não informa aos seus leitores o que ocorre, cai no descrédito.

Ademais, é no mínimo uma distorção atribuir à Imprensa a culpa pela má imagem que a polícia tem hoje. Ela — a tal imagem da polícia — não é pior do que era há alguns anos, quando, totalmente censurados, os meios de comunicação nada informavam sobre arbitrariedades policiais. A sociedade tem as suas defesas e a insegurança é um sentimento que se propaga de forma sutil e incontrolável a partir das experiências pessoais de alguns cidadãos. Fora isso, as próprias forças de segurança usaram a atemorização indiscriminada como forma de repressão política. Um dos custos disso — o menor talvez — foi a má imagem.

Para ficar no estrito caso das inverdades atribuídas ao nosso repórter pelo secretário Moura Jardim em sua carta, a questão é simples. Se o repórter recolhe uma série de fatos — alguns deles registrados detalhadamente em processos que estão em andamento na justiça ou em sindicâncias da própria polícia e outros baseados em informações prestadas por pessoas idôneas ou em declarações das próprias vítimas — seu dever é publicá-los. Não há porque, por esse motivo, atribuir a ele uma intenção pré-determinada de denegrir a imagem da polícia.

Se as informações que o repórter está trazendo para o jornal são falsas a questão também é simples. As pessoas atingidas ou com o nome vinculado a uma notícia comprovadamente falsa têm garantia na lei para obter reparo e punir a irresponsabilidade de quem divulgou a notícia. Além disso, em qualquer jornal que se preze, se for comprovado que um repórter está deliberadamente transmitindo informações falsas, o reparo é automático. Dispensa qualquer pedido ou solicitação. O erro é o ônus inerente ao trabalho do jornalista, como a qualquer outro. Mas nenhum jornal que almeje o respeito dos seus leitores gosta de mentir.

Nós sabemos que nem todos os policiais gaúchos são violentos e arbitrários. Não afirmamos isso em momento algum. Agora, se o fato de publicarmos fatos envolvendo alguns policiais acabar atingindo a imagem da polícia em geral, não nos parece justo afirmar que a culpa é nossa.

O Editor

Tiragem desta edição: 31 mil exemplares

## NESTA EDIÇÃO:

6	<b>Poder &amp; Política</b> Ampla, competente e atuante: a verdadeira dimensão da extrema direita conservadora	19
7	<b>Paulo Schilling</b> Pai ou padastro? Uma análise sobre as condições em que Geisel deixa o País para Figueiredo	20
10	<b>Um tribunal de professores fazia as cassações na Universidade Federal do Rio Grande do Sul</b>	24
14	<b>Passados 10 dias, a polícia nem investigava a misteriosa morte do ex-sargento Alberi</b>	27

16 Como os Estados Unidos ajudaram a montar a máquina de repressão que se instalou no Brasil



## Lula pisou na bola

Até a leitura de publicações vindas do Brasil tenho captado informações que muito têm me impressionado. São algumas declarações inconseqüentes e inoportunas de líderes sindicais trabalhistas, principalmente na área da Grande São Paulo, onde o ufanismo advindo do resultado das urnas no último pleito os induz a pretensamente conduzirem seu eleitorado para desvinculados e novos caminhos que foram gerados dentro da presente realidade brasileira.

Apesar de uma consistência democrática, falta-lhes uma estrutura partidária e um preciso objetivo ideológico. E onde encontrar isso, senão no seio de um partido de tradicional passado, lutando pela classe trabalhadora e do qual as atuais lideranças são apenas uma decorrência ideológica?

Por que representantes nascidos dentro da permissibilidade contestatória do próprio regime de exceção tentam demarcar e disciplinar lideranças, criando um abismo entre 1964 e agora, jogando dentro líderes trabalhistas de valor político e capacidade administrativa como Brizola?

Lula pisou na bola. Ele e outros líderes estão incorrendo em erros subjetivos que os distanciarão fatalmente de uma liderança mais positiva e autêntica.

Me parece que o momento que atravessamos requer UNIÃO e consqüente aceitação de todos os que lutam pela volta ao estado de direito e dos que estariam prontos para restaurarem e exercitarem na plenitude seus ideais democráticos.

Alfredo Daudt, New York, USA

## Voto de louvor ao Coojornal

A Associação Brasileira de Imprensa aprovou, em sua última reunião de diretoria um voto de louvor à direção do Coojornal pela publicação, em seu último número, de duas excelentes reportagens, a primeira sobre o seqüestro de Lillian Celiberti e Universindo Diaz e a segunda sobre as condições carcerárias a que está submetida, no exterior, a brasileira Flávia Schilling.

As duas matérias mostram o que há de melhor em Jornalismo: precisão na informação, pesquisa em profundidade dos assuntos apresentados, coragem e independência em sua exposição e tratamento eminentemente informativo, baseado em documentos e informações.

O Coojornal atinge, assim, um elevado nível no exercício da atividade jornalística, o que o coloca entre os periódicos de prestígio e importância no panorama editorial do País.

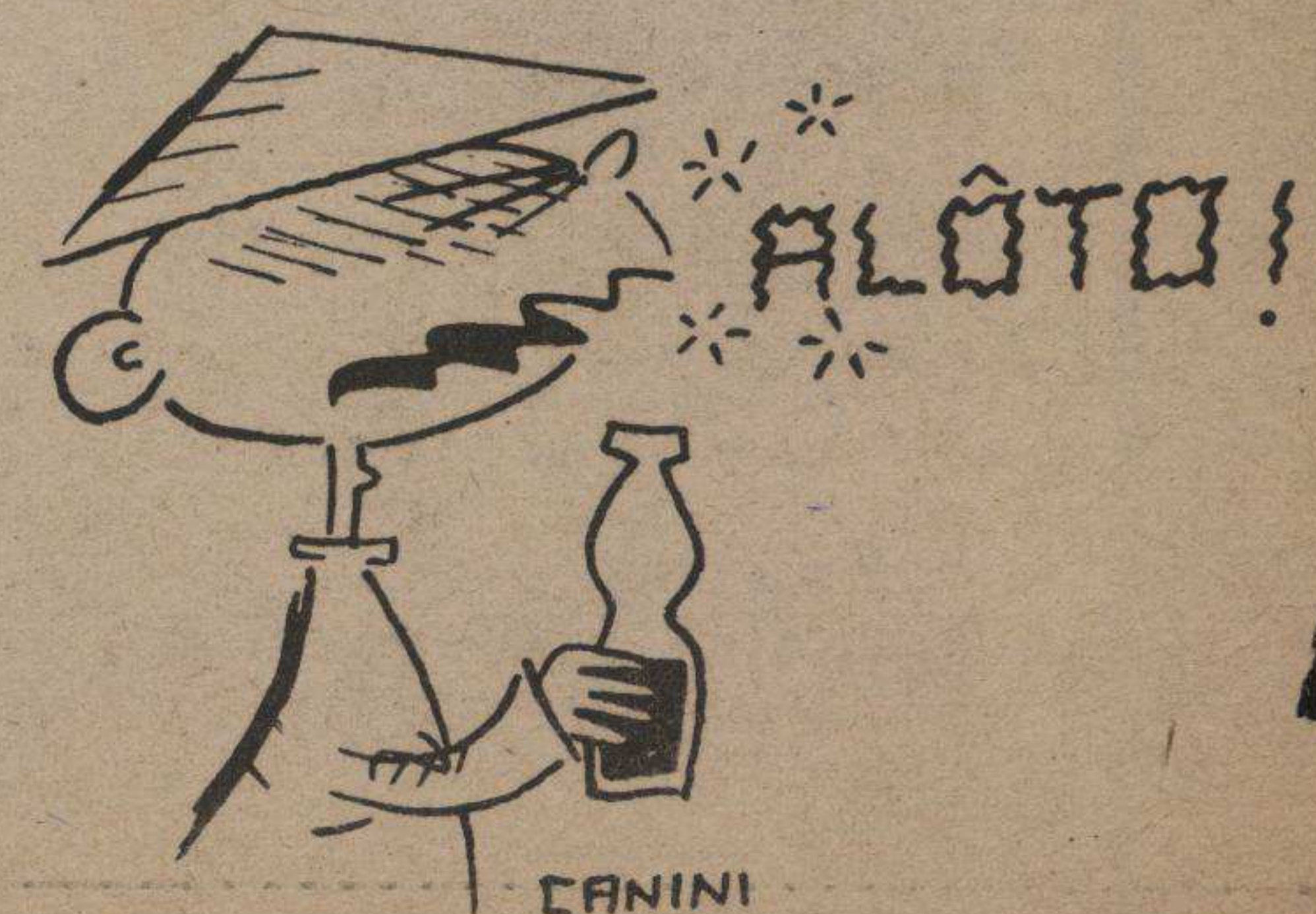
Queira aceitar, em meu nome pessoal e no da Diretoria da ABI, os cumprimentos por aqueles trabalhos, que pedimos sejam transmitidos aos seus autores, mercedores de nossa mais profunda admiração.

Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI, Rio de Janeiro, RJ

## "Quem sou eu?"

Muito me agradaria ver publicado este meu poema "Muito Além da Utopia":  
Dói profundamente/ ver meu povo/ tão colonizado./ Queria despertá-lo/ mas quem sou eu?/ Nem em sonho/ a isso me atreveria/ pois quando acordasse/ caso isso acontecesse/ estaria sendo espancado/ nos cárceres militares./ Sei que posso/ muito mais que isso/ posso ver meus gestos/ regendo multidões/ que a passos lentos/ caminham para o futuro/ confiantes quanto a tudo./ Mas quem sou eu?

Antonio Cabral Filho, Rio de Janeiro, RJ





## "A volta de Prestes é teste da democracia"

Entendo que nada questionará tanto a propalada abertura quanto a volta de Luiz Carlos Prestes ao Brasil. Será este o momento ideal para testar a sinceridade de propósitos de muitos travestis de democratas que estão à solta por aí.

Aliás, algumas manifestações já feitas não deixam de ser sintomáticas. Logo após a entrevista de Prestes ao *Coojornal* o coronel Rubens Ludwig achava justo o desejo de Prestes de voltar, enquanto o sr. Thales Ramalho, do MDB, recebia a notícia com evidente má vontade. Basta ver o que disse à Folha de S. Paulo do dia 3/2. Aqueles que discordam da vinda de Prestes têm que reconhecer, porém, que ele chefia o mais duradouro partido oposicionista brasileiro, apesar de ilegal, mas que participou ativamente na derubada da ditadura de Vargas, na campanha *O Petróleo é Nosso* e outras tantas jornadas do povo.

Voltando ao que disse o sr. Thales Ramalho, "Prestes pode voltar porque já não tem mais capacidade alguma de mobilização". Isto significa que, se no entender do sr. Ramalho, Prestes tivesse esta capacidade, melhor seria que ficasse mesmo no exílio. Creio que não tanto por habilidade política, mas, ao menos, por uma questão de ética, o sr. Thales Ramalho deveria furtar-se a declarações como esta, já que ambos são secretários-gerais de dois partidos que têm em comum a bandeira oposicionista e representam, certamente, o pensamento de parcelas do povo brasileiro.

Quanto à capacidade ou não de mobilização que Prestes ainda possua, isto é algo a ser visto quando ele tiver as mesmas condições que o sr. Thales Ramalho tem para agir.

J. B. Costa, Aparecida, SP

## Puebla e o rebanho faminto

Todos nós que admiramos o trabalho da Igreja dos Pobres estamos apreensivos com os rumos pós-Puebla. Será que Puebla continuará sendo a Puebla de Los Angeles ou transformar-se-á na Puebla de los Pueblos sonhada por Frago, Balduino, Pedro, Padim e tantos outros bravos sacerdotes que, sabedores da irreversibilidade da história, procuram agiornar a Igreja, mudar seus *modus operandi* para que possa estar mais próxima do Evangelho sem as vinculações de outrora: Igreja ligada ao Estado, hierarquia corrupta, etc.

Que Puebla tenha sido uma transformação maior do que Medellín para permitir ao povo — e não apenas à hierarquia da Igreja — maior libertação, convívio, denúncia. Que Puebla tenha despertado parte do mundo cristão, quiçá todo ele para esta época terrível em que o homem se distancia e é forçado pelo mau exemplo a afastar-se do "altíssimo", de sua luz.

Que Puebla não subestime a inteligência do povo... e cuide do seu rebanho faminto, torturado, espoliado, enganado (inclusive por certa Igreja...).

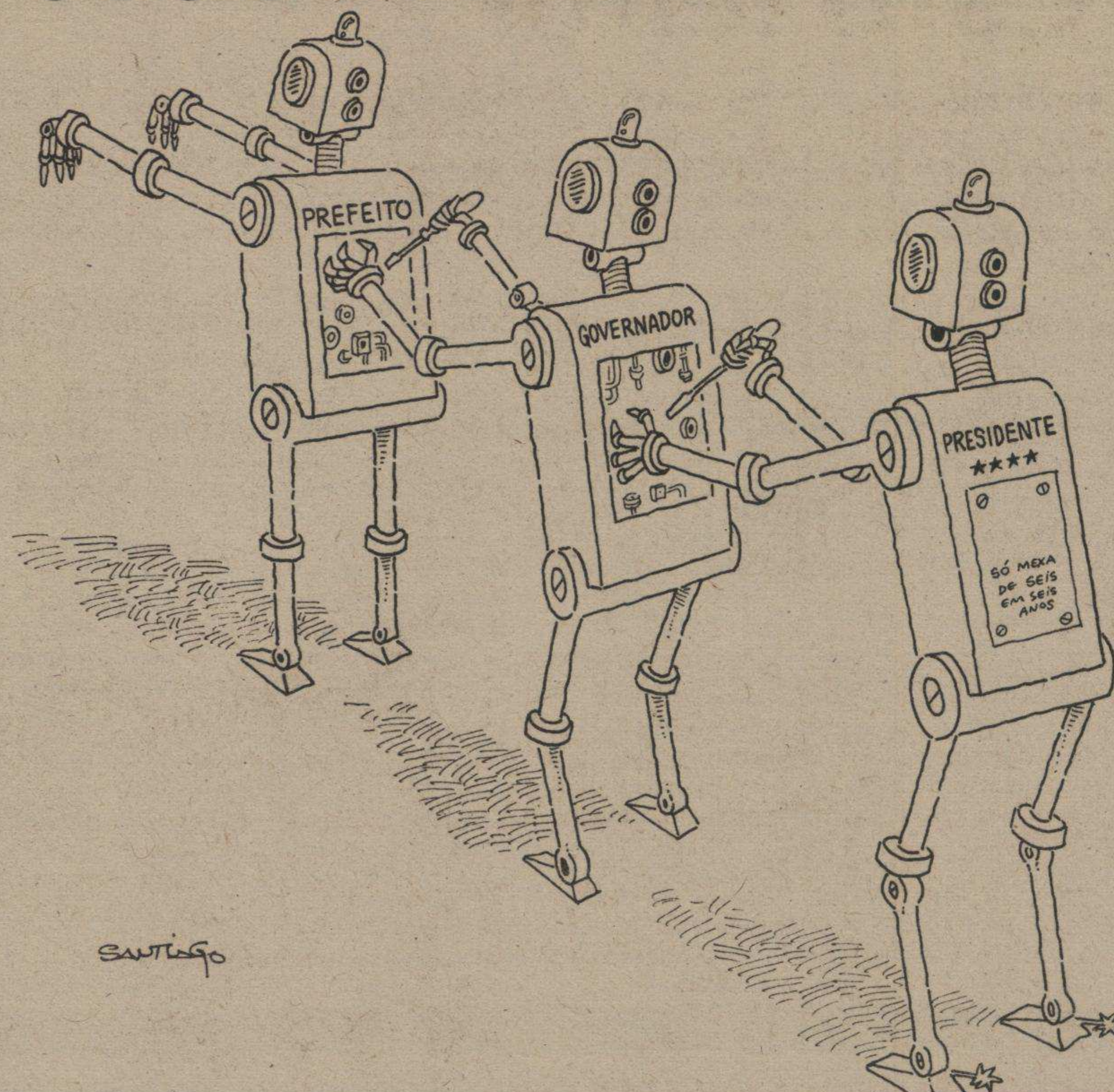
Jorge Baleeiro de Lacerda, Francisco Beltrão, PR

## Parabéns

Parabéns pela edição extra.  
Zeka, Rio de Janeiro, RJ

As cartas para a redação devem conter nome e endereço completo do remetente para que sejam publicadas. Remeter para Rua Comendador Coruja, nº 372, Porto Alegre.

## O CICLO BIÔNICO



## "Não houve traição nem adesismo"

O ex-tenente José Wilson da Silva, que nos primeiros tempos de Montevideu foi o principal assessor militar do Sr. Leonel Brizola, procurou o *Coojornal* para rebater declarações feitas por dois ex-companheiros de exílio em entrevistas por nós publicadas.

No seu depoimento sobre a Guerrilha de Três Passos (*Coojornal* 35), o ex-coronel Jefferson disse: "José Wilson, ex-vereador pelo PTB, voltou ao Brasil e é o único exilado militar que foi reintegrado no Exército e além disso recebeu promoção, passou a capitão. Hoje vive tranquilamente em Porto Alegre".

Na entrevista publicada em nossa edição passada, Paulo Schilling afirmou: "Vários dos principais colaboradores passaram com armas e bagagens para o inimigo. Basta citar dois, que deram todo o serviço: o tenente José Wilson e Eno Becker".

— É uma grande injustiça comigo, diz José Wilson, hoje com 47 anos

E para comprovar, conta sua história:

— Eu era sargento, ligado ao movimento dos sargentos, a Brizola e ao PTB. Em 63, me elegi vereador por Porto Alegre. Funcionava, então, como ligação entre o setor militar e o político, informando e alertando sobre a preparação do golpe.

— Quando estourou o golpe eu estava muito visado. Mas não conseguiram me prender. Como eu era vereador e estava agregado (à disposição), eles me convocaram, com a intenção de me declararem desertor. Acontece que eu estava agregado por determinação do Presidente da República e um Comandante de Região não podia, não tinha autoridade para me convocar. Além disso, antes de decorrer o prazo para a apresentação, me apresentei no Uruguai e pedi asilo político. Em consequência disso fiquei numa situação sui generis, inclusive porque naquela ânsia de me prenderem acabaram não me cassando. Dizem que meu nome estava naquele famoso listão do Meneghetti, que foi perdido e depois refeito, não sei.

— No Uruguai, fiquei um ano em Montevideu e fui para o interior. Em 71, a situação estava ficando difícil no Uruguai. Pedi a familiares que sondassem a possibilidade de minha volta. Eram boas as chances. Me apresentei no consulado, dizendo que queria voltar. Vim, pode-se dizer, oficialmente: um agente da Secretaria de Segurança me esperou na fronteira e fiquei um mês no DOPS. Depois fui para o Exército. Fiquei um ano e 28 dias preso, saindo em fins de junho de 72, com uma situação indefinida pois fui absolvido nos dois processos que tinha. Em novembro de 1973 fui demitido pelo AI-5.

— Então, dizer que estou muito bem, que recebi duas promoções é, no mínimo, uma maldade, pois para sustentar a família (seis filhos) tive que vender tudo o que tinha, até os móveis da minha casa e trabalhar como corretor de imóveis. O



Eno Cristiano Becker



Ex-tenente José Wilson

Paulo Schilling eu sei que falou por ter informações erradas, mas o Jefferson é leviandade.

José Wilson mora hoje em Porto Alegre, trabalha com representação comercial e está com um pedido de revisão do seu processo de deserção no STM. Conforme o resultado, pretende recorrer ainda, buscando sua reintegração nas Forças Armadas.

Eno Cristiano Becker foi diretor administrativo da Supra no RS e no exílio foi uma espécie de secretário pessoal de Brizola, também procurou-nos para refutar as afirmações de Schilling:

— Se isso partisse de um adversário político, ainda seria aceitável. Mas, de um companheiro, é doloroso. Ele simplesmente me chama de alcagüete, uma coisa que eu considero abominável. Minha preocupação nestes 15 anos tem sido exatamente não vacilar diante de tantas dificuldades, para poder deixar ao meu filho um legado de seriedade e de coerência. E agora ele joga tudo por terra assim com uma frase... Meu único consolo é que a única pessoa que pode definitivamente dizer o que sou e o que fiz é o Brizola e tenho certeza que quando houver oportunidade ele vai repor a verdade.

Eno Becker voltou ao Brasil em novembro do ano passado e ficou um mês preso na Polícia Federal. Depois foi solto, hoje trabalha também com representação comercial em Cachoeira do Sul.

## Valorosa OAB

Minha primordial intenção é exaltar a publicação do *Coojornal* nº 37. Excelente, pela seleção e desenvolvimento dos assuntos, apesar de alguns erros gramaticais. Mas isto fica por conta da reforma do ensino do professor Jarbas Passarinho.

Só gostaria de registrar o valioso trabalho da Ordem dos Advogados do Brasil em benefício dos interesses nacionais. Todavia, a missão essencial, que é a defesa dos interesses dos próprios advogados, como, por exemplo, a melhoria no funcionamento da burocracia judiciária (sobretudo a 1ª instância), essa não vem sendo cumprida. Aqui em Brasília é uma lástima! E note-se que a anuidade subiu para Cr\$ 2 mil, além da taxa extra para cada ação. Aí entra o provérbio: "Casa de ferreiro, espeto de pau!"

Paulo Batista Gomes, Brasília, DF

## "Drama suplementar, cansativo e dolorido"

Eles poderiam ser personagens de um conto, uma novela de marcante realismo social. Só não são porque vivem (ou sofrem) uma realidade tão comum, tão cotidiana, que se tornou banal. Parecem normal, a coisa mais natural do mundo, que quando as pessoas humildes, essas que com mãos calosas vão cavando os alicerces, erguendo as paredes das novas e prósperas cidades onde por certo não morarão, que quando essas pessoas adoecem, nunca tenham como nós repouso e cuidados, mas que comece para elas, no mesmo instante, um drama suplementar, cansativo e dolorido.

Não são essas pessoas, que padecem horas e horas, do frio da madrugada ao sol escaldante do meio-dia à espera de um médico quase sempre apressado e desatencioso, por vezes indelicado, as responsáveis pela euforia dos brilhantes tecnocratas, que saudáveis e sorridentes anunciam ao fim do ano a vitória, o aumento do PNB, a disparada do PIB e a escalada incrível da ilusória renda per capita?

Não se cuida com toda atenção das máquinas, dos equipamentos, porque são eles a mola mestra do progresso? Os cavalos de raça não são cercados de cuidados e conforto por renderem fortunas aos seus donos? Será que só as pessoas é que não são importantes, por serem tantas, tão substituíveis e dependentes?

Não creio que aos serviços de previdência faltem recursos. Os que mais contribuem são os que menos os utilizam, pois naturalmente ganham o bastante para manterem a saúde, e se, por infelicidade a perderem, buscam tratamento com quem realmente possa dá-lo, inda que para isso cobre (absurdo, num país de doentes), às vezes mais que o salário mensal de um trabalhador.

É a esses homens que os brilhantes tecnocratas, mais que ao próprio talento, devem as euforias de fim de ano. Seria muito justo que a eles dedicassem um pouco da sua reconhecida capacidade buscando soluções para os problemas que afligem àqueles que com seus ombros sustentam a cruz pesada dos gráficos. Que valham ao povo ao menos na doença, se ainda não têm espírito e coração suficientes para respeitarem o direito de todos a uma recompensa justa, que lhe permita manter a saúde e a dignidade.

Humberto de Almeida, Londrina, PR

## Dois gladiadores no palco

Vibre, como todos seus admiradores, com a premiação da Marlise Saueressig como a melhor atriz do Festival do Cinema de Gramado. Adoro teatro e acho Marlise esplêndida atriz. E tem uma garra... já a vi representando para meia dúzia de pessoas com o mesmo pique.

O trabalho de Jairo de Andrade e Marlise é muito sério e muito bonito. Sem trocadilho, parecem dois gladiadores, socando, impávidos, as barreiras, pelo bom teatro. Nessa peleia, esses dias, andaram levando uns petardos. Por que o *Coojornal* não transa uma entrevista com o casal do Teatro de Arena?

Lúcia Ramos, Porto Alegre, RS



"É preciso somar"

Um compromisso maior com o povo exige abdicar de posições simplesmente luminosas ou de sucesso pessoal garantido. Se o que pretendemos é realmente conquistar para mudar definitivamente, é preciso evitar deslumbramentos e erros de avaliação geradores de sacrifícios desnecessários, e que freqüentemente atingem mais as bases. O imediatismo não corresponde à amplitude do que se pretende — mudanças estruturais.

A primeira constatação realista é que a redemocratização não se iniciou unicamente por pressões populares. A tentativa armada não sensibilizou a opinião pública e foi derrotada. As greves só vieram depois de rompida a rigidez da aliança empresarial-militar, quando Bardella e outros empresários botaram a boca no mundo contra o que para eles era estatização e excesso de controle governamental. Houve na época uma revoada dos ministros da área econômica a São Paulo para tentar explicar e buscar uma recomposição. Mas a ferida não cicatrizou mais e o sistema conseguiu desagradar a uns sem agradar a outros.

Finalmente, houve ainda a influência internacional. É aquela velha história. Sozinho ninguém governa.

Mas seria bom não se confiar apenas nos tais movimentos pendulares da história. Se hoje as coisas estão a nosso favor, o melhor era aproveitar para uma conscientização popular de forma a termos uma base sólida para conquistas definitivas. A alienação construída nos últimos anos precisa ser neutralizada. A maioria dos militares é certamente conservadora, o que é mesmo natural, já que se trata de uma classe criada para manter, para conservar.

O fato é que gastar energia criticando e exigindo uma pureza teórica muitas vezes desnecessária, nos parece pouco conseqüente. Não vai se conseguir nada na base de uma minoria elitista.

É preciso somar e abandonar as reuniões e os gabinetes que dão uma visão caolha. Quem quiser chegar, e não apenas viajar, deve concentrar esforços contra os adesistas, os fisiológicos, etc.

Alexandre C.P. de Carvalho, Rio de Janeiro, RJ

HÉLIO FERNANDES CITA OS QUE ESCAPARAM DA OPERAÇÃO-LIMPEZA

RIO, 18 (Sucursal) — O jornalista Hélio Fernandes, diretor-presidente do vespertino carioca "Tribuna da Imprensa", divulgou, ontem, em seu jornal, a reportagem-assinada, com o seguinte título — "Os que sobram da Operação Limpeza". Nesta reportagem, Hélio Fernandes aponta os seguintes homens públicos que não tiveram os seus mandatos e diretos cassados pelo Alto Comando Revolucionário — Juscelino Kubitschek, Afonso Arinos, San Tiago Dantas, Nelson Maculan, Tancredo Neves, José Cândido Ferraz, Hugo Faria, Ermírio de Moraes, Sebastião Pais de Almeida, Renato Costa Lima, Walter Moreira Salles, Hélio Almeida e Badger Silveira. O co-

mentarista Hélio Fernandes diz ainda que o sr. Juscelino Kubitschek é dono da conta número 18 da Suíça e um dos grandes incentivadores da subversão no Brasil e consolidador da aliança comuno-negocista em nosso País. Afonso Arinos é apontado como carreirista nato e "pelego" de casaca. O ex-ministro da Fazenda San Tiago Dantas é tacha-do de "O Pierre Laval brasileiro", sendo, ainda, o mais notório "pelego" da diplomacia. O sr. Tancredo Neves é apresentado como cínico e a serviço do enriquecimento ilícito. A reportagem do diretor da Tribuna de Imprensa obteve enorme repercussão nos meios políticos cariocas.

Hélio Fernandes

Fazendo uma pesquisa em jornais descobri esta jóia publicada na *Folha da Tarde* de Porto Alegre, dia 18/4/64. O Sr. Hélio Fernandes numa de dedo-duro. Quem vê a veemência com que ele prega contra o Governo hoje, não diz. Hein?

Eduardo S. Ferreira, Porto Alegre

"O único líder popular que nos resta"

Somente hoje, dia 5 de fevereiro, tomei conhecimento de que este prestigioso jornal publicou uma entrevista com o sr. coronel Jeferson Cardim, na qual cita meu nome de maneira desonrosa, identificando-me quase como um lacaios de Brizola, fato este que me obriga a responder alguns aspectos da citada reportagem.

O coronel Jeferson, referindo-se à falta de apoio dos companheiros exilados no Uruguai a seu movimento revolucionário, disse que Brizola havia me proibido de falar com ele e ordenado a mim e a meus companheiros a não prestar-lhe nenhuma colaboração nem a seu frustrado movimento guerrilheiro.

Tudo faz crer que o coronel Jeferson

não teve tempo suficiente para conhecê-lo. Apenas levou daqui sua opinião pessoal e superficial sobre mim, daí porque não sabe como penso, vivo e atuo, em qualquer situação.

Sou um homem livre, um idealista, um revolucionário. Um homem que dedica sua vida a serviço de seus ideais jamais poderá ser um pelego. Nem mesmo meu grande amigo Brizola teria autoridade para proibir-me de falar com quem quer que seja ou impedir-me de colaborar com quem quiser.

Aqui no exílio, como estamos obrigados a conviver em aberta promiscuidade com todos que, como eu, estão cumprindo longos anos de dificuldades fora da Pátria, chegamos a conhecer-nos intimamente. Portanto, tenho autoridade para dizer que conheço profundamente o companheiro Brizola.

Brizola, para os que o conhecem intimamente, é infinitamente superior a todos estes políticos que se apresentam com uma fachada de respeitabilidade e que em verdade são meros oportunistas.

Falar de Brizola é referir-se a uma figura que volta a destacar-se novamente, ante uma abertura democrática. Ele surgiu na política numa época de agitação social sem precedentes em nossa história. Considerado por muitos como subversivo e comunista, foi quase adorado por milhões de brasileiros como o defensor da causa dos oprimidos.

Em seus últimos meses no Uruguai, a atenção permanente que dedicava a

companheiros e à situação do Brasil era dia a dia mais exigida pelas visitas freqüentes de compatriotas esperançosos de seu regresso e desejosos de escutar suas palavras.

Neste momento, seu regresso é o trauma da política brasileira. Todos discutem se deve ou não voltar.

As cúpulas dirigentes temem este momento, a oposição teme ceder espaço. Seus líderes, por isto, o combatem veladamente, na esperança de que jamais regresso. É a inveja e a falta de caráter que os leva a estas atitudes. E os militares, por seu lado, não deixam de especular de que este regresso seja, nas mãos do povo, o último golpe em seu castelo de cartas. Porque a "liberdade" de governar com um partido e uma oposição obediente será sempre incompatível em relação a um verdadeiro líder popular.

Paulo Cavalcanti Valente, Montevideo, Uruguai

Os cassados e a convivência de Tarso Dutra

A reportagem do *Coojornal* de fevereiro sob o título "Em dias de crise no Planalto, um fantasma punia com o AI-5", assinada por Angélica de Moraes, não poderia ter sido mais oportuna. Nem sempre ela teve a objetividade que seria de desejar, porém isso não diminui o mérito do trabalho. Por duas razões: porque teve de valer-se das informações que lhe foram fornecidas e porque é conseqüência inevitável do caráter espacial e temporal de nossa vida e de nosso ser, sermos observadores parciais, isto é, observadores que contemplam instalados numa perspectiva determinada que nunca coincide plenamente com a dos outros.

A razão principal destas linhas é retificar uma informação que se encontra na última coluna da página 14. Transcrevo: "Cerca de 20 professores voltaram atrás. Maria da Glória Bordini e outros cinco colegas recusaram-se a fazê-lo. Após a breve inquirição, eles ainda lecionaram, normalmente, um mês. Até que o Diário Oficial da União" etc.

Ignorava que Maria da Glória Bordini, a informante da reportagem, tivesse lecionado, normalmente, durante um mês, após os acontecimentos por ela descritos. Se o fez, suponho que deveria ter tido graves razões para assim proceder. Porque a carta que assinou; junto com outros professores, e com centenas de alunos, afirmava, explicitamente, que os professores abandonariam as aulas, como protesto contra o ato de violência que atingira nossa Universidade. E eles assim procederam (falo dos professores da Faculdade de Filosofia), com exceção, verifico agora, de Maria da Glória Bordini.

Quanto ao que ocorreu nos bastidores da revolução, creio que a situação, tal como se está agora publicamente configurando, pode ser assim resumida: 1) Tarso Dutra não assinou o decreto que aposentou ou rescindiu o contrato de um grupo de professores universitários, e era de opinião, já em 1969, que o Presidente da República também não o havia assinado, por impossibilidade física. 2) Tarso Dutra nada disse, porque o general Hugo Abreu não o autorizou a falar. 3) Tarso Dutra, desta maneira, permitiu, na área da educação, pela qual era responsável, que um decreto em sua opinião inexistente sob o ponto de vista legal, porque não havia sido assinado por quem podia fazê-lo, destruísse a vida profissional de professores brasileiros dignos e capazes. 4) Tarso Dutra, quase dez anos após, faz essas revelações, provavelmente com a consciência de que merece o aplauso de todos os brasileiros.

Os bastidores da revolução!  
Victor de Britto Velho, Porto Alegre, RS

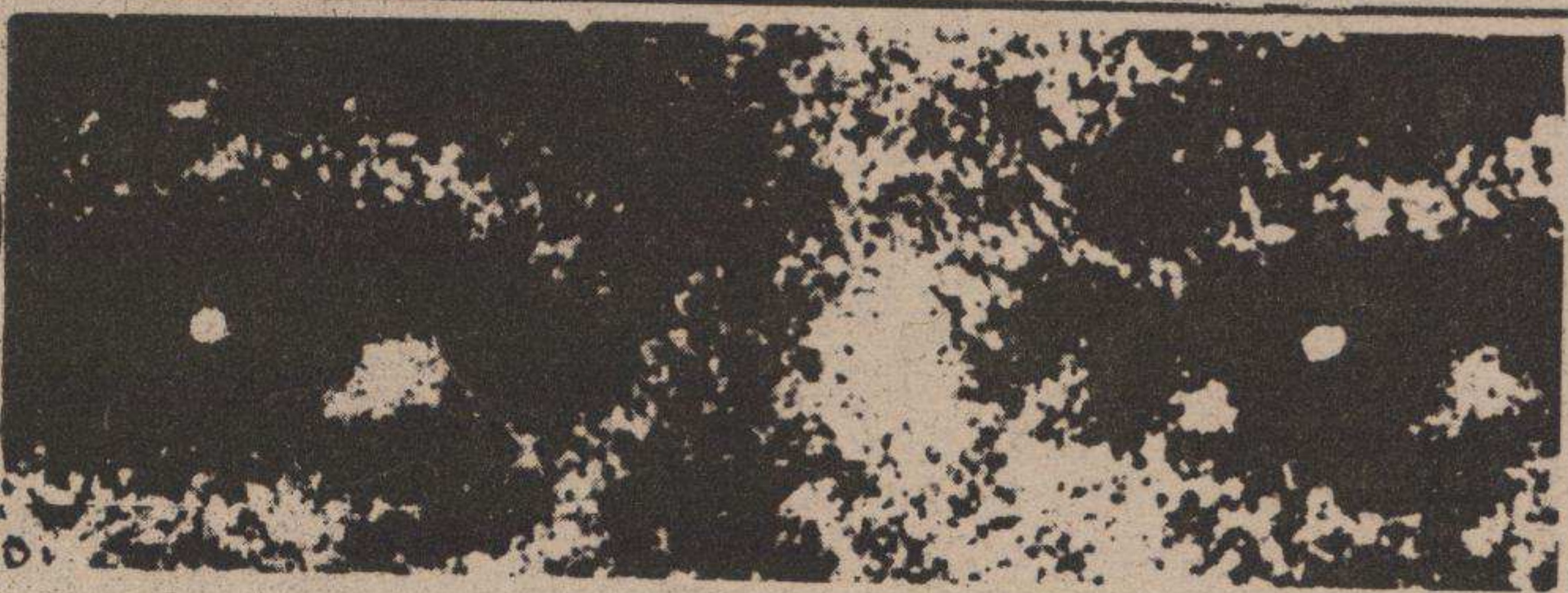
O autor!

Adorei a edição de humor do *Coojornal*, o "Humor às Pampas". Bis! Bis! Mas houve um esquecimento: quem escreveu as gozadíssimas "Novas Lendas do Sul"?

Sandra Britto, Porto Alegre, RS

Nota da Redação: As lendas são do Luís Fernando Veríssimo.

Querida família:



"As cartas de Flávia Schilling constituem o depoimento comovedor de um ser humano que fez uma opção política clara e a ela se dedicou com todas as suas forças"

VEJA

"Com incrível lucidez, Flávia relata momentos vividos no presídio e analisa situações dramáticas, como a relação torturado-torturador"

ISTO É

"Flávia lembra Anne Frank, assassinada pelo nazismo no campo de Bergen-Belsen, em 1945. A diferença é que Flávia está viva, apesar de já ter passado por toda a sorte de violências e torturas"

FOLHA DA MANHÃ

"É um dramático documento de uma jovem que não se deixou sucumbir pelos momentos terríveis de violência que caíram sobre si de um momento para outro"

ZERO HORA

"É um documento estupendo de humanidade, e, simultaneamente, possibilidade de uma profunda reflexão à respeito da liberdade e da prisão, da força que o ser humano encontra em seu próprio interior para vencer e ultrapassar as dificuldades externas"

CORREIO DO POVO

"Mais do que uma expressiva forma de comunicação de uma moça de 19 anos com sua 'querida família', as cartas revelam o extraordinário vigor de caráter de uma brasileira condenada no Uruguai por envolvimento com os tupamaros"

JORNAL DO BRASIL

Faça seu pedido pelo reembolso postal, preenchendo este cupom e remetendo para a Editora Coojornal

Solicito ..... exemplar(es) do livro "Querida Família", ao preço de Cr\$ 70,00 cada.

Rua Comendador Coruja, 372 - 90.000 - Porto Alegre - RS

cooJORNAL

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Bairro \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

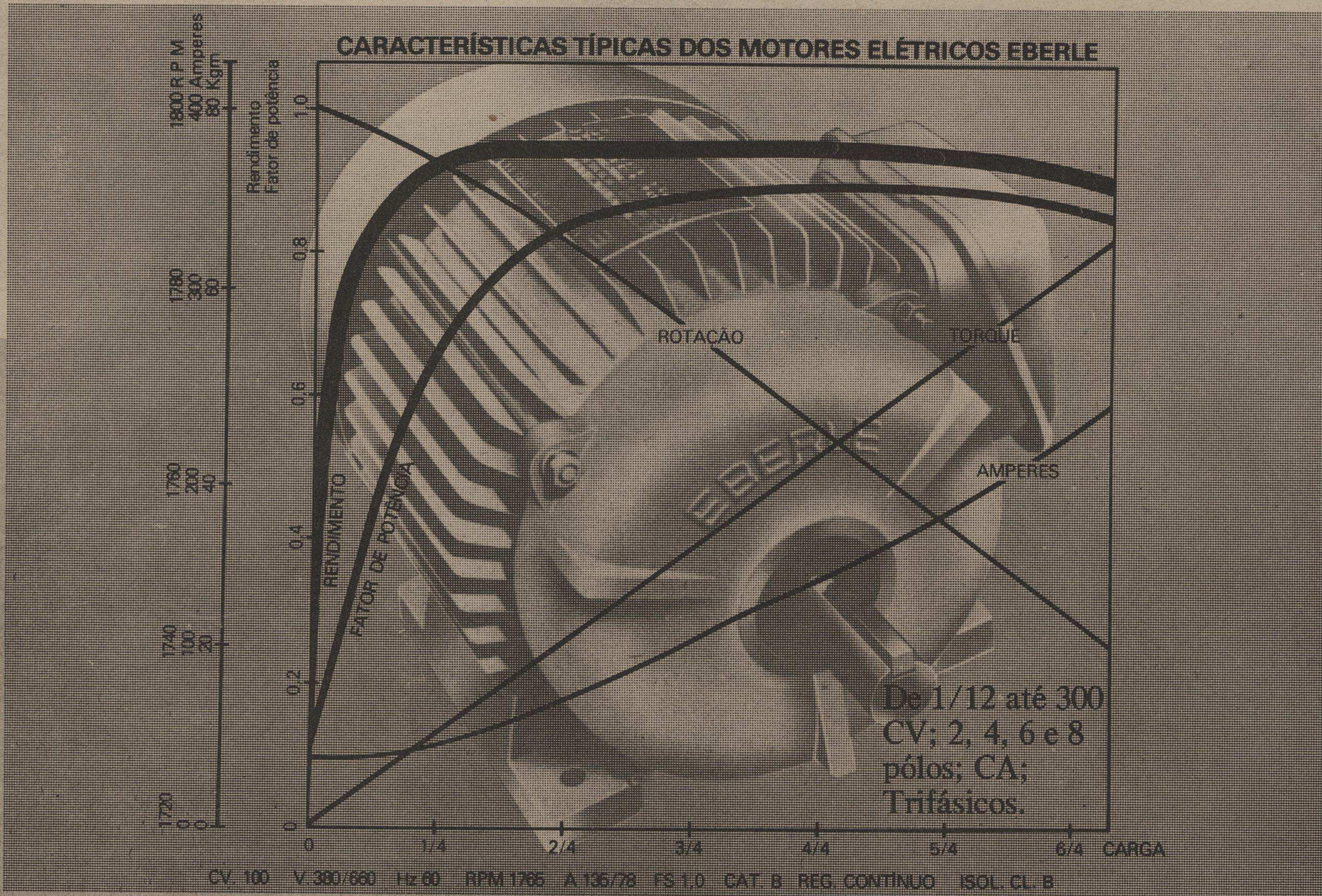
Estado \_\_\_\_\_

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o livro.

Assinatura \_\_\_\_\_



# Razões e conseqüências da qualidade Eberle.



Para atingir a posição de melhor motor nacional, a Eberle precisou desenvolver importantes aspectos construtivos:

— Construção rigorosa dentro das normas e especificações da ABNT e IEC, inclusive com dimensões de acordo com os padrões exigidos no Mercado Comum Europeu.

— Torque de partida elevado, excedendo os limites mínimos normalizados.

— Escorregamento: inferior a 5%.

— Produto "rendimento x fator de potência" elevado.

— Blindagem: o único motor nacional com a classificação IP55 (Totalmente blindado contra líquidos e poeiras).

— Precisão: balanceamento dos componentes girantes entre 10 e 20  $\mu$ .

— Sobreaquecimento:  $\Delta t$  inferior a 80° para a classe de isolamento B.

— Baixo nível de ruído assegurado pelo controle de qualidade utilizando equipamento BRÜEL e KJAER.

Como conseqüência destes índices, os motores Eberle apresentam

um desempenho superior.

Têm maior vida útil, menores custos de manutenção e consomem muito menos energia elétrica. Isto significa lucro.

Sem quebras ou interrupções.

A prova da veracidade destes dados são os dois anos de garantia sobre todos os motores Eberle.

A Eberle construiu e testou.

Você utiliza e comprova.



**2 anos de garantia**

MATRIZ: Rua Sinimbu, 1670  
CEP 95.100 - Caxias do Sul - RS  
End. Teleg. EBERLE  
Fone: (054) 221-2511  
Telex n.º 0542-155 MAEB-BR  
PORTO ALEGRE - CURITIBA  
SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO  
BELO HORIZONTE - SALVADOR  
RECIFE



# A direita conhece o seu lugar

Dizia-se nos tempos negros do AI-5 e da repressão, que o País avançava tanto para a direita que quem ficava parado, de repente se surpreendia à esquerda. Foi assim que o conceito de direita se restringiu a tal ponto que, a um dado momento, nele não cabiam mais que os generais Sílvio Frota e Ednardo D'Avilla Mello. Daí para o outro lado, amontoava-se uma incrível população de liberais, democratas, distensionistas mais ou menos graduais, social-democratas, centro-esquerdistas (o grupo mais numeroso) até os esquerdistas propriamente ditos, entre os quais não poucos se atrapalhavam com tão estranha companhia.

Foi essa mistura, entretanto, que formou a frente de oposições contra o arbítrio e disparou sua barragem de críticas à exceção descarada. Agora, quando o País começa a voltar da extrema-direita em que caíra, é natural que se realinhem as posições. O espectro político torna-se pouco a pouco mais claro e os primeiros movimentos políticos da temporada iniciada em março jogaram mais luz sobre um ponto importante: vê-se agora como a direita — o pensamento de direita, a força política de direita, os setores conservadores são bem mais amplos, ativos e competentes do que pareciam ser há apenas alguns meses.

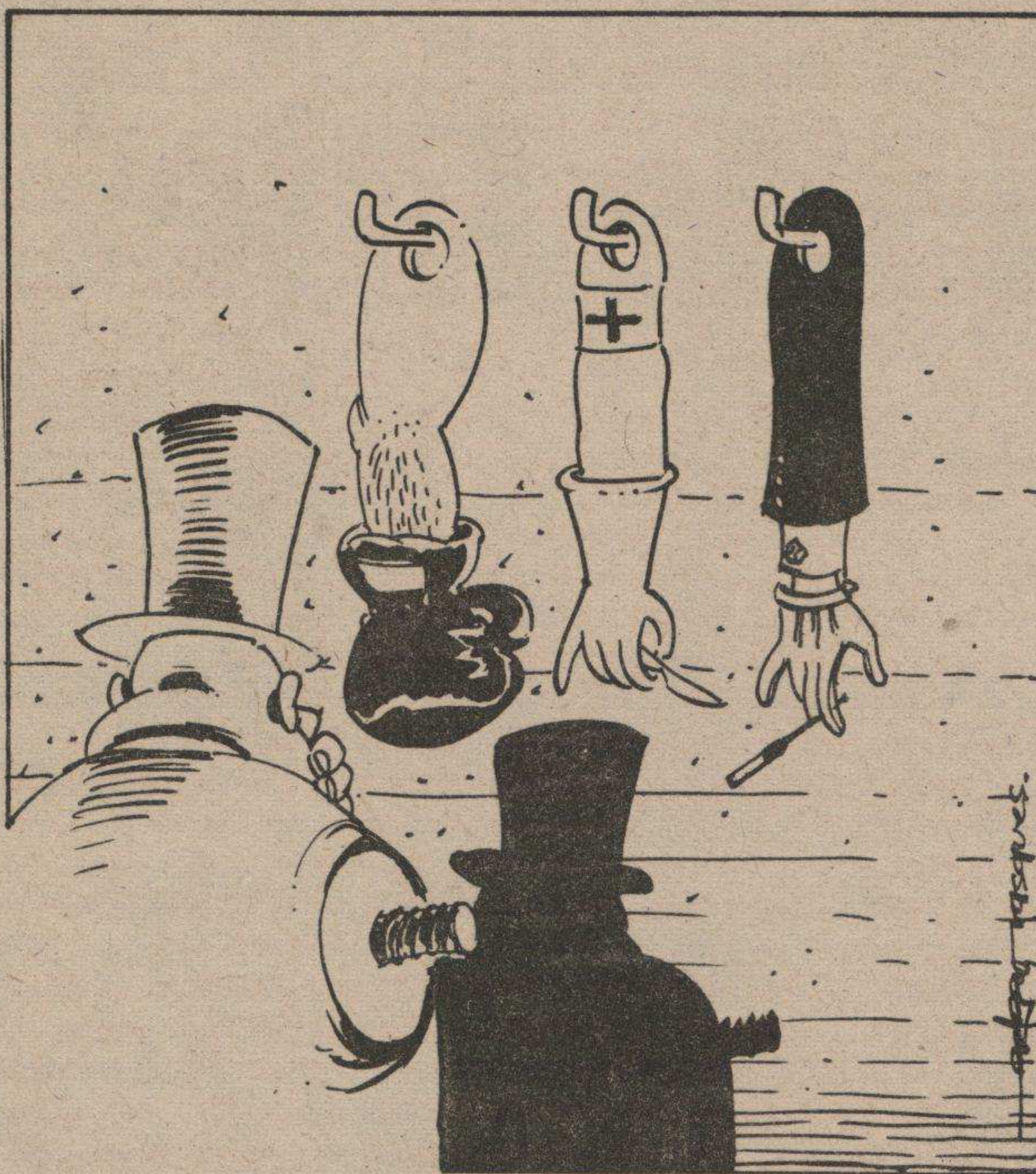
Um movimento flagrante nesse sentido foi a derrota imposta ao general Rodrigo Octávio Jordão Ramos na eleição para a presidência do Superior Tribunal Militar. Essa corte é integrada por 15 ministros, dos quais 10 militares (quatro generais, três brigadeiros e três almirantes) e cinco civis. A presidência cabe sempre a um militar, e, pela tradição, fazia-se rodízio entre as três Armas, elegendo-se de cada vez o oficial mais antigo da Arma à qual tocava a presidência. Neste ano, a presidência cabia ao Exército e, pois, ao seu general mais antigo, Rodrigo Octávio.

Todos conhecem o peso das tradições para os tribunais e a força da hierarquia — e antiguidade é hierarquia — para os militares. Nem por isso os ministros militares mais ligados ao Governo — aos dois Governos, de Ernesto Geisel e de João Baptista de Figueiredo — deixaram de montar uma cuidadosa articulação para colocar na presidência do STM o general Reynaldo Mello de Almeida. Para atingir certos objetivos políticos — este é um dos ensinamentos do episódio — tradição e hierarquia podem sofrer arranhões. E ainda outro: pode-se, também, afastar sumariamente um oficial da Revolução que desempenhou todas as suas funções de general com fidelidade ao regime instalado desde 1964. Porque todos sabiam que o velho General, homem de princípios austeros, não ficaria nem mais um dia no Tribunal se lhe tomassem a presidência. E por que Rodrigo Octávio não serviu mais?

A explicação mais imediata está na sua oposição militante à atual Lei de Segurança Nacional, escrita, feita e aprovada pelo Governo Geisel, em substituição ao texto baixado em 1969 pela Junta Militar. A nova LSN é mais branda na medida em que prevê penas mais reduzidas, mas, doutrinariamente, é igual ao antigo texto: mantém todos os tipos de delitos relacionados na lei da Junta Militar, escrita para o regime do AI-5.

Juntando sua voz à dos liberais clássicos, Rodrigo Octávio não perdeu oportunidade para criticar essa reforma restrita da Legislação de Segurança. E uma dessas oportunidades foi em novembro último, quando fez o discurso de despedida de outro ministro liberal do STM, o general Augusto Fragoso. Rodrigo Octávio investiu então contra "a psicose da subversão permanente a justificar a permanência do arbítrio" — tese que provocou protestos de diversos ministros, na medida em que Rodrigo Octávio falava em nome do STM.

Na ocasião, ficou evidente que Rodrigo Octávio



avançava muito além dos limites da abertura promovida e tolerada pelo Governo. Mas, afinal, ainda se vivia o AI-5 e se supunha que, janeiro entrando e caindo o ato, os ventos da abertura tornariam a temperatura mais tolerável, de tal modo que não haveria nada demais se a presidência do STM, a corte dos crimes políticos, fosse ocupada por Rodrigo Octávio.

A temperatura política, do fato, está mais tolerável, bem mais tolerável. Mas o engano foi supor que a queda dos instrumentos puros de exceção, por si só, enfraqueceria a ação política de direita. É bem o contrário: exatamente por já não dispor dos instrumentos de arbítrio a direita — agora uma direita grande, ampla, com seus reais personagens — precisa se cercar de todas as garantias políticas. Para simplificar: quem dispõe do poder de mudar as regras do jogo a qualquer momento está se lixando para o resultado do jogo. Se não gostar, muda. Quando não se pode mudar a regra, também não se pode mudar o resultado — e está evidente para todos que o regime da Revolução, ao promover a sua abertura controlada, munuiu-se de regras que lhe são muito favoráveis. Por isso, se dispõe a respeitá-las.

Em resumo, e como diz o próprio discurso do Regime, se foi preciso ceder, abrindo-se mão do AI-5, restabelecendo-se o *habeas corpus* e certas garantias do Legislativo e Judiciário, compensou-se isso com regras (salvaguardas) pelas quais o poder político continua nas mãos do Regime. Vale dizer, a abertura é uma conquista das oposições e abre espaço para as oposições. Mas não enfraquece automaticamente o Regime. Pode até fortalecê-lo.

Foi assim no STM. Até o início de março, uma vertente liberal da frente de oposições encontrava eco, naquela corte, na voz e nos votos do general Rodrigo Octávio. E havia muita expectativa em relação à presidência desse General. Uma manobra política do Governo, coordenada pelo brigadeiro Délio Jardim de Mattos, ex-ministro da corte, ministro da Aeronáutica de Figueiredo, eliminou os dois problemas com a eleição do general Reynaldo Mello de Almeida.

É o espectro político clareando. Não faz muito tempo, Reynaldo, Délio e Rodrigo Octávio eram alinhados na mesma posição política — a ala dos militares liberais, geiselistas e distensionistas, que manobravam dentro das Forças Armadas para neutralizar a direita e, assim, garantir suporte à abertura. Feita essa abertura, o País deslocando-se da extrema direita deixou os três oficiais em lugares separados: Délio e Reynaldo se reúnem para impor uma derrota política a Rodrigo Octávio. No quadro político, isso se traduziu por uma vitória do Governo sobre as oposições. As oposições todas, bem entendido, porque é evidente a todos que o general Rodrigo Octávio está longe, muito longe de qualquer matiz levemente esquerdista. Ele não tem culpa se o interpretaram mal quando o País foi tanto à direita. Também começa a ficar claro que, dentro das oposições, milita um contingente considerável que, enquanto o País se movimenta, vai ficando cada vez mais à direita.

Foi, assim, um acontecimento esclarecedor essa eleição no Superior Tribunal Militar. Uma boa ilustração política, digamos assim, porque o fato, afinal, não se inscreverá entre os mais importantes do atual momento. Nem se deve retirar desse episódio qualquer expectativa catastrófica: a derrota imposta a Rodrigo Octávio não significa que o fechamento e o retrocesso são inevitáveis e iminentes. Longe disso. Significa apenas que a abertura desejada pelo Governo tem limites muito precisos e que o Governo tem força e condições políticas suficientes para preservar esses limites sem recorrer à exceção.

Parece bobagem insistir nisso. E talvez seja mesmo. Mas é que as oposições, aqui e em outros países, viveram tanto tempo sob ditaduras bravas, sem regra, sem nada, sofreram tanta violência aplicada na base do mais puro arbítrio, que isso criou uma ilusão: a de que bastava derrubar os instrumentos de exceção e a direita seria varrida implacavelmente.

Bem, o que se está verificando aqui e em outros lugares — e não deixa de ser um aprendizado democrático — é que a direita, além de ser forte, civilizada e competente, é ainda capaz de ganhar eleições e mesmo eleições limpas e honestas, como foram as últimas na Espanha.

Isso recoloca — entre nós — um problema que as oposições de esquerda enfrentaram — e mal em 64 e, especialmente, no período 68/69. A direita não é um pacote só: ela inclui desde os radicais que se reúnem ainda em torno dos organismos de segurança e informações, até os setores civilizados e mais ou menos liberais. No momento, ao que parece, são estes, os últimos, que conduzem o regime, mas os outros não foram aniquilados. Ao contrário, permanecem inteiros, à disposição, e não foram vencidos pelos setores civilizados. Não é à toa que se ouve cada vez mais oficiais até aqui considerados liberais saírem em defesa dos órgãos de repressão, rejeitando assim qualquer proposta de devassa nos porões do Regime. O general Ednardo D'Avilla Mello foi convidado para a posse de Figueiredo e ganhou uma vigorosa defesa do general Dilermando Gomes Monteiro.

Quer dizer, mesmo para aqueles "setores civilizados" a aliança mais próxima está à direita, não à esquerda. As oposições de esquerda e mais liberais certamente insistirão, por exemplo, na apuração e punição da tortura — são seus deveres fazer isso. Mas qual o momento e modo de fazer isso? É nessa avaliação — como em toda sua política — que precisam levar em conta os diversos matizes da direita e tomarem o cuidado de não favorecerem uma nova aliança duradoura entre "civilizados" e "radicais".

## RECEBA O COOJORNAL EM CASA 5 DIAS ANTES

Como assinante, você recebe o Coojornal em outros Estados no mesmo dia em que ele vai para as bancas em Porto Alegre.

Quer dizer: no mínimo 5 dias antes de ele chegar às bancas de sua cidade.

**ASSINE JÁ E ECONOMIZE CR\$ 75,00**

**ASSINE. É BOM PARA VOCÊ É BOM PARA NÓS.**

Em abril o jornal vai passar para Cr\$ 20,00 o exemplar e Cr\$ 240,00 a assinatura anual. Mas até o dia 15 de abril você pode assinar pelo preço atual — Cr\$ 165,00.

**cooJORNAL**

### Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00  
Envie cheque nominal ou vale postal para:  
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000  
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....  
Endereço: ..... Fone: .....  
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... Profissão: .....  
Comunique-nos qualquer alteração de endereço.

### Cupom de Assinatura

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 165,00  
Envie cheque nominal ou vale postal para:  
Rua Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre — RS — 90.000  
Fones: 21.8984 e 24.0951

Desejo receber o Coojornal a partir do nº

Caso você tenha interesse em adquirir o Coojornal a partir do nº 13 — entre em contato com o nosso Depto. de Circulação nos mesmos fones acima.

Nome: .....  
Endereço: ..... Fone: .....  
Bairro: ..... CEP: ..... Cidade: .....  
Estado: ..... Profissão: .....  
Comunique-nos qualquer alteração de endereço.





Hilário Pinha e Milton Coelho: dois casos com provas das torturas

## Operário cego por torturas vai à Justiça

Logo que o Supremo Tribunal Militar confirmar a absolvição de 19 sergipanos acusados de tentar reorganizar o Partido Comunista Brasileiro, (prevista para o fim deste mês ou início de abril) o ex-funcionário da Petrobrás, Milton Coelho de Carvalho, requererá à União uma indenização por invalidez permanente. Cego em consequência das torturas sofridas no 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju, ele se beneficiará do precedente aberto pelos casos similares de Wladimir Herzog e do ex-deputado federal paranaense, Valter Pecoits, nos quais a justiça deu ganho de causa aos reclamantes.

Será o terceiro preso político a acionar a União por maus tratos, isso se Hilário Gonçalves Pinha, operário de 51 anos que teve os intestinos destruídos pelos torturadores no Dops do RS, não entrar antes com a ação indenizatória que anunciou em janeiro. Pinha, que reside em Porto Alegre, também foi preso e sequestrado sob a acusação de atuar na reestruturação do PCB.

A exemplo de Pinha, Milton Coelho de Carvalho, não enfrentará desprevido esse combate: a peça de resistência para o pedido de indenização é a própria sentença do Conselho de Justiça da Auditoria da 6ª Circunscrição Judiciária Militar, de Salvador. A sentença absolve todos os denunciados e salienta que "a tônica da violência funcionou como palavra de ordem desde os primórdios do procedimento instrutório". Adiante, observa que "estão nos autos os documentos, atestados médicos, até fotografias, a provar com marcas ainda visíveis de algemas, a brutalidade havida".

Segundo a advogada Ronilda Noblat, "não existe no Brasil nenhum processo como o de Milton, onde o próprio Conselho Militar de Justiça reconhece as torturas". Ela acentua que o reconhecimento da culpabilidade da União no caso de Milton Coelho de Carvalho é mais significativo do que a vitória dos familiares de Herzog. "São as próprias autoridades militares que reconhecem a tortura". No

caso de Herzog quem admitiu os maus tratos foi a justiça civil.

Milton Coelho de Carvalho e os 18 presos políticos de Aracaju sabem também que um dos torturadores era o agente da Polícia Federal, Aerovaldo de Andrade Freire, acompanhado de um capitão médico — que controlava as violências e medicou os presos — um cabo e um sargento do 28º Batalhão de Caçadores. A advogada pretende acumular com o pedido de indenização, a solicitação de abertura de inquérito para apurar responsabilidades.

Sequestrado na noite de 20 de fevereiro de 1976, quando outras 22 pessoas foram também presas, Milton Coelho, agora com 37 anos, foi solto 50 dias depois já com a visão perdida. Dos 22, 18 foram torturados com choques elétricos nos testículos e submetidos ao pau-de-arara. Encapuçados, os presos ainda tinham sobre os olhos uma venda de borracha. Míope, Milton pediu que os torturadores afrouxassem um pouco a venda que lhe machucava os olhos. A reação imediata do seu algoz foi enfiar-lhe os dedos nos olhos, pressionando-os com força e mergulhando sua cabeça num tonel com água. Semanas depois, o oftalmologista de serviço médico da polícia, Daudete Pastor, diagnosticava deslocamento da retina.

No Instituto Hilton Rocha, de Belo Horizonte, tido como o melhor centro oftalmológico do país, Milton submeteu-se a três cirurgias que custeou do próprio bolso, sem qualquer melhora. Aposentado por invalidez pelo INPS, ele recebe Cr\$ 5.126 mensais com os quais sustenta mulher e dois filhos.

Seu caso é semelhante ao de Valter Pecoits que perdeu um olho no desenrolar de um interrogatório aplicado pela polícia paranaense, em 1964. No ano passado, a justiça deu ganho de causa a Pecoits, que deverá receber Cr\$ 11 milhões do Governo do Paraná.

Em Porto Alegre, após nove cirurgias que lhe deixaram o abdômem coberto de cicatrizes, Hilário Gonçalves Pinha prepara sua documentação, incluindo um ofício assinado pelo ex-chefe do Estado-Maior do II Exército e atual comandante da 1ª Região Militar, general Antonio Ferreira Marques, que reconhece o deploreável estado físico em que o preso foi entregue pela polícia gaúcha ao DOI-Codi, em abril de 1975. Segundo Pinha, depois de participar de sessões de afofamento, choque e pau-de-arara, os torturadores sapatearam sobre sua barriga. Resultado: hoje ele possui apenas 20% de seus intestinos, e sobrevive à custa de uma dieta rigorosa e medicação permanente. Seu sustento é garantido pela mulher, que é tecelã, e dois irmãos.



## Geisel, pai ou padrasto?

Por Paulo Schilling, de Buenos Aires

Não sei se vocês aí no Brasil compreendem; para mim, aqui em Buenos Aires, a decisão do presidente Geisel em favor do general João Baptista de Figueiredo continua sendo um mistério total, absoluto. Um enigma que se materializa num sem número de perguntas sem respostas.

Por que o atual presidente alterou o processo sucessório, eliminando o Alto Comando como "colégio eleitoral"?

Por que, correndo inclusive o risco de um enfrentamento armado, o general Geisel eliminou Sílvio Frota do posto de Delfim e passou carona em outros 16 generais para proporcionar a Figueiredo a quinta presidência da Era Militar?

Por que, além de assegurar a sucessão a João Baptista, Geisel aumentou para seis anos o futuro mandato? E, com o pacote de abril, garantiu a seu sucessor, contra a maioria dos votos populares, um sólido controle em ambas as casas do Congresso?

Por que reservou o atual ao futuro presidente uma dose formidável de poderes totalitários, com salvaguardas, lei de segurança quase intacta e manutenção de todo o aparelho repressivo?

Estaria efetivamente o general Geisel convencido de que seu colega, por sua inteligência, sua cultura política, sua capacidade administrativa, sua habilidade diplomática e sua popularidade era o mais indicado — entre todos os generais de quatro e três estrelas — para comandar este difícil período de transição política?

Ou seria verdadeira a versão, veiculada pelos adversários do regime, de que o SNI já acumula um poder de decisão política maior do que as forças armadas em seu conjunto?

Aparentemente nunca um pai fez tanto por um filho dileto como Geisel por Figueiredo. Considerando, entretanto, a herança político-econômico-social que deixa o atual general-presidente ao seu sucessor, surge a dúvida: pai extremoso ou padrasto rancoroso?

Sim, porque principalmente nos aspectos econômico e social a herança que Figueiredo recebe é um elefante branco, ou, para exemplificar à moda da casa: um abacaxi.

### UM MODELO MUITO ESPECIAL

O tão badalado modelo econômico brasileiro chegou a ser apontado por estadistas e economistas dos países centrais como o modelo, uma alternativa para os países subdesenvolvidos que pudessem ser tentados por perigosas soluções nacionalistas ou socialistas.

Para analisar o que é realmente o "modelo brasileiro" seria necessário um livro de algumas centenas de páginas. Porém, para compreendê-lo no fundamental, basta enfocar dois ou três de seus fatores principais.

Por um lado, sua política violentamente anti-social. Para conseguir uma rápida acumulação interna de capital, aplicou-se um drástico arrocho salarial, especialmente aos setores de mão-de-obra não especializada. Além disso, na divisão do produto foi necessário assegurar um maior poder aquisitivo às classes médias, proporcionando assim mercado de consumo para os produtos sofisticados fabricados pelas empresas transnacionais.

Para conseguir os recursos para a importação de equipamentos e matérias-primas necessários ao progresso acelerado, estabeleceu-se uma agressiva política exportadora, sem maiores preocupações com o consumo interno. O exemplo mais evidente: cultivar soja em lugar de feijão. Paralelamente, se manteve intocada a estrutura agrária, latifundiária. Com isso se promoveu uma rápida urbanização da população e se assegurou às transnacionais um exército de mão-de-obra de reserva.

Por outro lado, tivemos uma política que, eliminando todos os obstáculos nacionalistas que tinham se formado desde 1930, abriu totalmente a economia brasileira às empresas internacionais. Isso, mais a concessão de fabulosos privilégios ao capital forâneo, mais a "paz social" e a estabilidade política proporcionadas pelo regime castrense, assegurou ao Brasil a preferência das multi da banca mundial.

### SOMENTE UMA DITADURA

Essa política anti-social e antinacional não seria possível sob um Governo democrático-representativo. Somente um Governo Militar — com poderes absolutos — poderia colocá-la em prática. Daí o 1º de abril.

Quatro dias depois do golpe, senadores e deputados homologaram o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, que há 16 anos dormia nos arquivos do Congresso.

A Lei que limitava a remessa de lucros ao exterior, uma das grandes conquistas dos setores nacionalistas-populares, foi revogada logo depois do golpe. As transnacionais já poderiam saquear sem limites a economia do País.

Outra das primeiras medidas do

(continua na página seguinte)



Governo Militar foi comprar o ferro-velho da *Bond and Share* (que Brizola havia nacionalizado sem indenização alguma, pois já não havia nada que indenizar), por cerca de 400 milhões de dólares. O escândalo foi tão grande que a *Hanson's Latin American Letter*, (uma publicação para homens de negócio norte-americanos) editorializou: "Nenhuma das famosas *banana's republic* da primeira metade do século havia aceitado um despojo, um roubo, um assalto tal, com tanta passividade, com tão doce resignação como o fez o Brasil, ao aceitar as imposições da *Bond and Share* (...). Ao aceitá-las, o Brasil se transformou no palhaço do continente".

**Um parêntese:** 14 anos depois, ao apagar das luzes de seu Governo, o general Geisel repetiu a dose com a *Light & Power*. O que significa que em termos de defesa dos interesses nacionais e de moralidade pública nada mudou nesses longos anos.

#### TUDO PARA O CAPITAL ESTRANGEIRO

Com o *Acordo de Garantia de Investimentos*, o regime militar assegurou extraterritorialidade ao capital norte-americano. Qualquer futura nacionalização seria indenizada de acordo com o estabelecido pela Lei dos Estados Unidos.

Graças à ação do 10º Grupo de Aerofotogrametria da Força Aérea dos Estados Unidos, os norte-americanos passaram a conhecer em seus mínimos detalhes o território e o subsolo brasileiros. Além da violação à soberania nacional, o acordo proporcionava negócios seguros aos monopólios interessados em explorar as riquezas naturais do Brasil.

Com toda uma série de medidas fiscais e creditícias, consubstanciadas em sua teoria da "falência positiva", Roberto Campos liquidou em grande parte a pequena e média indústria e forçou a burguesia nacional a associar-se aos monopólios estrangeiros.

Castelo Branco decidiu que a Petrobrás "não é intocável". Posteriormente, durante as administrações Geisel-Ueki na empresa estatal e de Golbery na Dow Chemical, se decidiu a privatização da petroquímica, o filé mignon da indústria do petróleo. Mais tarde, com Geisel-Golbery-Ueki já no Governo, se concretizaram os *contratos de risco*. (O que acontecerá agora, com o nissei na presidência da Petrobrás?)

Todos estes fabulosos e até então inéditos privilégios econômico-financeiros e fiscais não foram, entretanto, suficientes para assegurar a preferência em favor do Brasil do capital internacional. Foi necessário também modificar drasticamente a legislação social getulista.

Alguns aspectos da legislação trabalhista constituíam um obstáculo aos planos dos monopólios internacionais. Na segunda quinzena de abril de 1964, as transnacionais atacaram. A revista *Latin American and the World* dava o recado: "Importantes grupos econômicos norte-americanos se preparam para fazer investimentos no Brasil. Exigem, entretanto, a revisão da Lei de estabilidade dos trabalhadores".

Então, a Lei foi modificada e o FGTS instituído. E para tornar possível o aumento da taxa de exploração da mão-de-obra foi necessário modificar o sistema de reajuste salarial instituído pela CLT em 1943. Pelo Decreto-Lei nº 15, o governo Castelo Branco decidiu que os salários já não seriam aumentados de acordo com o aumento do custo de vida e sim em função do "resíduo inflacionário considerado como compatível com a programação financeira do Governo".

Resultado: em 1965, para comprar os alimentos considerados como mínimo vital por um decreto de Vargas, um trabalhador de salário mínimo necessitava trabalhar 262 horas por mês. Em 1976 — depois do milagre — 546 horas e 33 minutos, segundo o Dieese.

#### APOGEU, DECADÊNCIA E FIM

Com tudo isso se conseguiu o "milagre". 1968/73 foi o período da euforia, do ufanismo ("Ninguém segura este país"...).

Como nos tempos de Ruy em Haia, outra vez o mundo se inclinaria frente ao

Brasil. "Para onde se incline o Brasil se inclinará o resto da América Latina", diria Nixon. A euforia internacional com o modelo brasileiro era tão grande que os próprios norte-americanos pensaram em adotar a correção monetária, o invento do nosso gordo Delfim.

Mas a alegria durou pouco: as taxas de desenvolvimento baixaram para menos da metade e a inflação triplicou durante o governo Geisel; o II PND foi arquivado; os projetos siderúrgicos reduzidos à metade; as transamazônicas e a Ferrovia do Aço, abandonadas, estão sendo devoradas pela selva e pela erosão; o acordo nuclear Brasil-Alemanha se afunda no subsolo pouco firme de Angra dos Reis e na corrupção; a dívida externa já alcança os 43 bilhões de dólares; o mercado interno está saturado e as possibilidades de aumentar a exportação são cada vez mais remotas e gravosas.

Em consequência, as multinacionais já demonstram seu desinteresse e sua preocupação. Um sintoma a U. S. Steel já não se interessa pelo minério de ferro da Amazônia; os japoneses se mostram cada vez mais cabreiros e sorriem mais amarelo quando são instados a cumprir os projetos binacionais decididos quando da visita do General-Presidente a Tóquio.

Em resumo: o ingresso maciço de capitais e empréstimos forçados, um dos pilares do modelo, tende a diminuir, a ser mais caro e a exigir condições cada vez mais atentatórias à soberania nacional.

O outro pilar também está desmoronando. A medida em que aumenta a brecha de liberdade que o povo está conquistando, as classes trabalhadoras, vão tratar de recuperar o que lhes foi apropriado nos últimos 15 anos.

A questão agrária, transformada pelo regime em um caso de polícia, voltará a agitar-se. Os camponeses, condenados a transformar-se em bóias-frias, voltarão a lutar pela reforma agrária.

Não é necessário ser profeta para prognosticar que dentro de pouco a "paz social" será recordada com saudades pelos militares de direita, pelos tecnocratas, pelas classes dominantes nativas e pelas transnacionais.

#### CLASSES MÉDIAS NA OPOSIÇÃO

A "estabilidade política", a outra das panacéias do regime, também está seriamente comprometida. A base de sustentação social do Governo é cada vez menor; seus aliados diminuem e vacilam. O que resta efetivamente de burguesia nacional já não morre de amores pelo regime militar.

As classes médias, superada a fase adesista decorrente do consumismo assegurado pelo "milagre", se extremam hoje na Oposição. A inflação e a corrupção, que as levaram a colocar-se contra o governo Goulart, colocam-se contra o Governo Militar.

A intelectualidade — os escritores, artistas, jornalistas, profissionais liberais, estudantes — constitui hoje fator decisivo na liquidação da ditadura. É especialmente impressionante o papel da imprensa, não somente da "alternativa", como de alguns dos grandes diários e revistas liberais.

O bipartidarismo oficialista está terminando. O MDB, criado para contestar o regime frente aos contribuintes norte-americanos, financiadores do 1º de abril, com um setor de autênticos cada vez mais representativo, se transforma efetivamente num partido opositor e constituirá, no futuro próximo, a *mater* de partidos populares ideologicamente definidos.

O clero católico, que antes de abril de 1964 constituía uma das principais colunas de sustentação do sistema social, está hoje em forma majoritária comprometido com as causas populares. Apesar de seu caráter declaradamente não-político, as comunidades de base constituem o mais importante instrumento de conscientização já criado no País.

As próprias forças armadas, que depois dos expurgos maciços haviam conseguido manter nesses anos uma aparente unidade política, voltam à situação clássica de toda e qualquer organização social: a divisão entre um setor conservador, um liberal e um progressista.

Essa constitui a herança — nada invejável — que Geisel deixa a Figueiredo. Daí a dúvida: pai ou padraсто?



A concentração dos jornalistas cariocas contra o mau patrão da Bloch

## Jornalista não dá notícia quando protesta

Foi uma demonstração de solidariedade quase impecável. Com exceção da *Folha de São Paulo*, que publicou uma pequena nota em página interna, nenhum dos grandes jornais do país informou aos seus leitores sobre o conflito entre a Bloch Editores S.A. e os jornalistas do Rio de Janeiro. Um conflito antigo, que chegou ao auge no dia 8 de fevereiro, quando o sindicato dos profissionais promoveu um ato público contra a empresa, reunindo mais de 300 profissionais, líderes sindicais, parlamentares numa concentração a poucos quarteirões do luxuoso Edifício Manchete, na Praia do Russel, no Rio.

As condições de trabalho nas revistas da Bloch — *Manchete*, *Fatos & Fotos*, *Amiga*, *Ele/Elá*, *Desfile*, *Sétimo Céu* e outras há muito são motivo de queixas dos profissionais. Mas partir do dia 20 de novembro — quando os jornalistas de todas as redações cariocas pararam, durante uma hora, para forçar o Sindicato dos Proprietários de Jornais e Revistas a

se pronunciar sobre suas reivindicações feitas em setembro — o relacionamento entre os empregados e a Bloch transformou-se num atrito amplo.

"Estamos em silêncio para que nos ouçam", dizia o *slogan* da manifestação, criado por João Saldanha e seguido à risca por toda a classe que exigia um piso de cinco salários mínimos, reposição de 20% não compensável por cassão do dissídio, reconhecimento por parte dos empregadores das comissões de redação, cumprimento do horário estabelecido em lei para os jornalistas profissionais e seguro contra acidentes para profissionais em viagem.

Fora pequenos incidentes, o protesto foi absorvido pelos patrões. Mas na Bloch ele desencadeou uma perseguição violenta contra os funcionários. Em apenas dois dias, dez jornalistas foram demitidos e Adolfo Bloch, o diretor-presidente da empresa, acusou os empregados de nazifascistas porque no dia do silêncio usaram uma braceira negra no braço, o que para ele nada mais era do que uma provocação anti-semita.

A partir daí as relações entre o sindicato e a empresa esquentaram, chegando a entidade de classe a expulsar de seus quadros três diretores da Bloch: Zevi Ghivelder, Pedro Jacques Kapeller e Oscar Bloch Sigelmann. No dia 8, portando cartazes com frases de *Abaixo a Repressão Fascista na Bloch*, os jornalistas pretendiam protestar concentrando-se na frente da sede da empresa, na Praia do Russel. Mas, quatro caminhões da polícia de choque, solicitados pela direção da Bloch, obrigaram-nos a fazerem sua manifestação à distancia.

## O Sul ganha mais 7 TVs

No dia 10 de março, com a transmissão de um concurso de beleza — Rainha das Piscinas do Rio Grande do Sul —, foi inaugurada oficialmente a quinta emissora de televisão gaúcha: a TV2 Guaíba. Não está vinculada a nenhuma rede nacional e pertence ao grupo Caldas Júnior, proprietário dos jornais *Correio do Povo*, *Folha da Tarde* e *Folha da Manhã* e da Rádio Guaíba.

A se cumprirem todas as promessas que estão sendo feitas, a TV2 Guaíba é apenas a primeira das sete emissoras de televisão que surgirão durante este ano nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Só a RBS (Rede Brasil Sul de Comunicações) diz que vai inaugurar três. Duas delas, a exemplo de outras seis que a RBS tem no interior gaúcho, são apenas geradoras, com uma reduzida programação local: a TV Cruz Alta, em Cruz Alta, e a TV Umbu, em Passo Fundo. E a terceira que vai inaugurar este ano é em Florianópolis, a TV Catarinense, Canal 12 com um investimento de Cr\$ 60 milhões. Apesar da soma, já sofre críticas no mercado profissional, pois, ao recrutar pes-

soal, ofereceu salários de Cr\$ 3 mil para repórter, Cr\$ 4 mil para redator e Cr\$ 5 mil para chefe de setor.

Também em Santa Catarina, e já funcionando em fase experimental, surgirá a TV Eldorado, de propriedade do poderoso grupo Domicio de Freitas, que além de indústrias e casas comerciais é proprietário das rádios Eldorado, de Criciúma, Araranguá, de Araranguá, e Difusora, de Laguna. A sede da TV Eldorado, que fará rede com a Bandeirantes, é em Criciúma.

Em Joinvile vai surgir a TV Santa Catarina. Seus proprietários são a RBS (mais uma vez), com 50%, e um grupo local, com a outra metade. A TV Santa Catarina deve funcionar só no fim do ano, pois recém começam a ser construídas suas instalações.

Finalmente, vem aí a TV Pampa, canal 4, de Porto Alegre. Pertence à Rede Rio-Grandense de Emissoras (que tem quatro emissoras de rádio) e vai entrar em rede com a TV Record. Ainda não tem data para entrar no ar, mas deve ser neste ano.



# Um tribunal de professores expurgou na UFRGS

De quem é a responsabilidade pelos expurgos realizados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em 1964? Quem examinar apenas os documentos oficiais, certamente responderá que é do presidente Humberto de Alencar Castello Branco e de seu ministro da Educação Eduardo Suplicy de Lacerda, que assinaram os decretos demitindo 16 professores — muitos deles catedráticos respeitáveis e todos de reconhecida competência nos meios universitários.

A resposta completa, no entanto, não é tão simples. A reconstituição de todo o processo inquisitório revela que a própria Universidade tem pelo menos metade dessa responsabilidade. O corpo docente da UFRGS escolheu professores e delegou a eles a tarefa de executar o expurgo. Em cada Faculdade, a congregação (que reúne todos os professores) se reuniu para escolher, pelo voto, um representante para as subcomissões que formaram a Comissão Especial de Investigação Sumária.

Também o presidente dessa Comissão, o professor de Filosofia Nagipe Buaes, foi eleito pelo voto de seus colegas para ser o Grande Inquisidor, o responsável direto — junto com o general Jorge Garrastazu Teixeira, interventor nomeado pelo Ministério da Guerra e que acumulava as funções de representante do Ministério da Educação — pela instauração do inquérito dentro da Universidade gaúcha. Da missão fez parte a elaboração de uma nominata dos professores a serem punidos e a recomendação da pena.

Esse processo de autopunição foi único em todo o país nos conturbados tempos que se seguiram ao 31 de março de 1964. Nas demais universidades do Brasil o Governo revolucionário assumiu integralmente a intervenção e o expurgo. No Rio Grande do Sul, porém, as Forças Armadas conseguiram dividir responsabilidades nessa incômoda tarefa.

Adesismo, omissão ou conivência. A história daqueles tempos não poderá prescindir dessas palavras. Mas, por questão de justiça, também não poderá ficar sem registro o esboço de reação verificado no corpo docente gaúcho frente às determinações do ministro Suplicy de Lacerda para impor essa autopunição à UFRGS.

## INVESTIGAÇÃO

Em abril de 1964 se instalavam em todos os órgãos federais de administração direta ou indireta — desde os intitutos de previdência até mesmo o Banco do Brasil — os interventores da Revolução, dispostos a realizar os expurgos necessários à manutenção da nova ordem. O então ministro da Educação e Cultura, Suplicy de Lacerda, instituiu as Comissões Especiais de Investigação Sumária em todas as universidades brasileiras, através de portaria específica baixada pelo MEC.

Baseado nesse documento, o reitor José Carlos Milano envia um ofício a cada uma das Faculdades e institutos integrantes da UFRGS. Todos os Conselhos Departamentais, em reunião, concluem pela inexistência de atos de subversão ou corrupção no meio docente. E oficiam ao reitor considerando desnecessária qualquer investigação nas Faculdades.

Diante do insucesso dessa primeira investida, entra em cena o general Jorge Garrastazu Teixeira, que na época ocupava o cargo de interventor no Iaptec. Designado pelo então Ministro da Guerra, Costa e Silva, para representar o III Exército em intervenção na UFRGS, ele também recebia nomeação de Suplicy de Lacerda para ser o representante do MEC no processo de expurgo da Universidade.

Através de portaria do reitor Milano, foi ordenado que cada Faculdade reunisse sua congregação para nomear um representante para as subcomissões integrantes da Comissão Central de Investigação Sumária. Os escolhidos nomeariam o presidente da Comissão. Assim foi feito. Com votos a descoberto e com o débil argumento brandido por alguns professores de que era preferível uma auto-investigação do que entregar a tarefa a militares, alheios ao ambiente.

## DENÚNCIAS ANÔNIMAS

Formaram-se quatro subcomissões,

cada uma delas responsável por uma área da Universidade. A Subcomissão D, por exemplo, era integrada pelas Faculdades de Direito, Filosofia, Ciências Econômicas e Escolas de Artes. No total, eram 16 professores que, reunidos, formavam a Comissão Central sob a presidência de Nagipe Buaes. O general Garrastazu Teixeira participava de todas as subcomissões, enquanto Buaes acumulava a presidência da Subcomissão D.

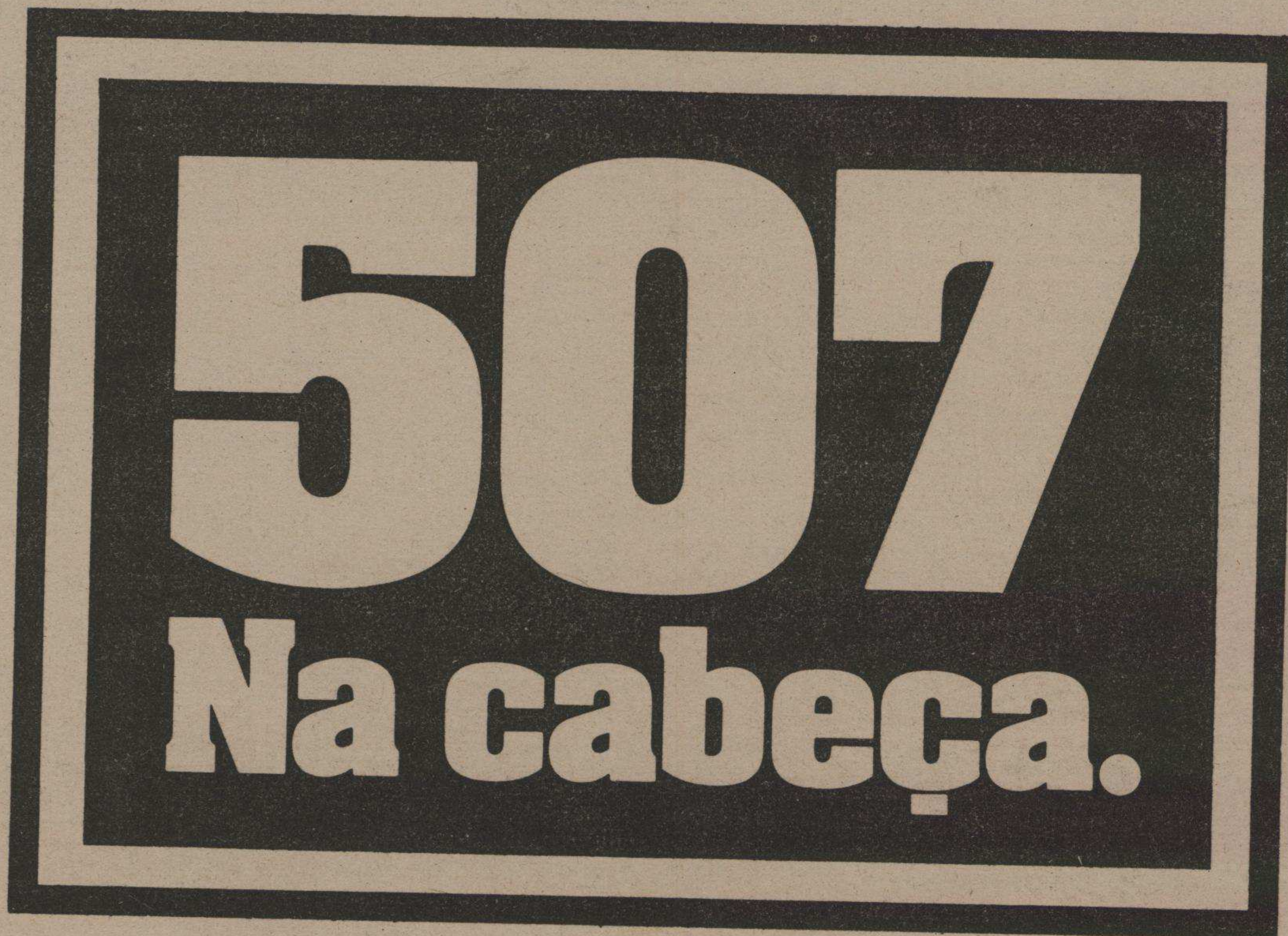
O presidente da Subcomissão A

(Faculdade de Agronomia e Veterinária) era o professor Cícero Menezes de Moraes. O representante da Faculdade de Direito era Nei Messias e representando a Faculdade de Filosofia, o professor Laudelino Medeiros. Amadeu da Rocha Freitas representava a Faculdade de Arquitetura (este foi um caso de indicação, já que não foi votado pelos professores) e Luiz Carlos Guimarães (atual vice-diretor da Faculdade de Odontologia) representava a Odontologia.

As subcomissões se instalaram algumas no prédio da Reitoria, e outras nas próprias Faculdades, sendo que a reunião da Comissão Central era na Sala do Conselho Universitário, uma solene peça em forma de anfiteatro existente na Reitoria.

O passo seguinte foi ouvir as testemunhas de acusação, receber as denúncias — muitas anônimas ou apócrifas. "Muita gente mandou relatos, cartas, recortes de jornais com pronunciamentos de professores", conta o general Garrastazu.

(Continua na página seguinte)



## Fundo Maisonnave 157, o mais rentável do Rio Grande.

Já tinha sido em 1977. Aconteceu de novo em 1978.

O fato foi noticiado pelos mais importantes jornais do Brasil e do Estado. Um orgulho para a gente. Uma alegria para os nossos investidores.

O Fundo Maisonnave 157, que agora tem o número 507, atingiu, em termos de rentabilidade, no ano passado, a taxa de 39,04%, classificando-se entre os dez primeiros do Brasil (dados da ANBID - Associação Nacional dos Bancos de Investimentos).

E no Rio Grande do Sul, disparado, ficou em primeiro lugar.

Ao fazer a sua declaração de renda, pense nestas verdades. Você mora no Rio Grande e não deve mandar o dinheiro do seu futuro para longe.

Quanto à rentabilidade, aqui você estará sempre melhor também.

INFORMAÇÕES DA RESOLUÇÃO 470 DE 25.04.78 BANCO CENTRAL DO BRASIL			
Exercício findo em 31/dez.	RENTABILIDADE		
	No Exercício %	Acumulada	
		Inversão feita há	%
1973	0,95	6 anos	190,41
1974	1,60	5 anos	187,68
1975	7,60	4 anos	183,15
1976	21,59	3 anos	163,13
1977	55,64	2 anos	116,41
1978	39,04	1 ano	39,04

\* Rendimento distribuído aos Srs. Condôminos em "cotas-dividendos" foi de Cr\$ 0,16 por cota, representando 2,9% do valor da cota de Cr\$ 5,5411 de 31.12.77.

\* Taxa anual média de administração (calculada sobre o patrimônio líquido médio do Fundo, no exercício findo em 31.12.78) = 3,38%.

\* Montante dos encargos e das despesas debitado ao Fundo no 2º semestre/78 (inclusive despesas de administração), calculado sobre o patrimônio líquido médio do Fundo no mesmo período = 0,56%.



Decore o número que deu na cabeça. Você só tem a lucrar com isso.



Banco Maisonnave



azu Teixeira. Em nenhum momento foram ouvidas testemunhas de defesa, nem foram professores atingidos.

A forma como os acusados de subversão recebiam a intimação para depor na Comissão de Expurgos (como logo ficou conhecida) variava. A maioria recebia uma carta assinada pelo presidente da subcomissão correspondente a sua Faculdade, intimando a comparecer frente a ela. Lá, recebia — em papel timbrado da Universidade mas sem qualquer assinatura ou rubrica — as "denúncias e fatos registrados", divididos em dois itens: informações do III Exército (fornecidas pelo general Garrastazu Teixeira) e Outras Fontes (sem especificação alguma).

Cada item começava com termos imprecisos como "consta que", "é tido como" e o principal pecado apontado (sem apresentação de nenhuma prova) era ter "influência comunicante na mentalidade dos alunos", "tendência ideológica esquerdista" ou ainda "liderar movimentos de agitação entre os estudantes".

Mas, antes de responderem às acusações, os implicados eram chamados em grupos de dois no III Exército, que solicitava colaboração no andamento das investigações, "para se evitar maiores tumultos dentro da Universidade".

Não faltaram acusações insólitas como a que foi feita ao professor Luis Carlos Pinheiro Machado. Ele foi acusado de "ter sido candidato à vereança em Porto Alegre pelo PC ao redor de 1950". Ora — ponderou o professor em sua defesa escrita — desde 1947 o Partido Comunista está impedido legalmente de apresentar candidato a cargos eletivos. Além disso, nunca o PC teve candidato a vereador em Porto Alegre, nem a capital gaúcha realizou eleições em 1950.

**QUADRO-NEGRO**

Com Pinheiro Machado — então professor catedrático de Zootecnia da Faculdade de Agronomia e Veterinária e presidente da Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul — ocorreu outra forma de convocação para depor: um edital de citação no *Correio do Povo*, na época jornal mais lido do Estado. "Era uma evidente manobra para prejudicar minha reputação", afirma ele, já que seu endereço era bem conhecido da Universidade.

O acusado tinha geralmente o prazo de apenas quatro dias a contar da intimação para fazer sua defesa escrita (perante a subcomissão) ou defesa oral com o tempo máximo de 15 minutos (perante a Comissão Central), sem poder fazer perguntas aos inquisidores. "Foi um funcionamento muito bem elaborado", afirma o general Garrastazu Teixeira, que era responsável pelas perguntas de investigação ideológica.

Em seu gabinete de Chefe da Segurança da Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), o General recorda — a contragosto e sem permitir fotografias — aqueles tempos de 64:

— Os processos, juntos, somavam uma pilha de papéis de mais de um metro de altura. Fizemos o dossiê de cada um dos implicados e enviamos para o Ministério da Educação, para que o Ministro examinasse e decidisse. Depois fui a Brasília para tratar do caso e, quando voltei, trazia a determinação do MEC: todo o plenário da Comissão Especial de Investigação Sumária deveria se pronunciar sobre cada caso. Um relatório não bastava.

Embora defendendo causa própria não se pode deixar de considerar estas palavras do general Garrastazu Teixeira: "A ideia era que os próprios professores julgassem os elementos que deveriam ser atastados da Universidade e a punição que seria aplicada".

A indicação dos professores a serem punidos por decreto de 24 de setembro de 1964, que invocou o AI-1, foi feita por votação dos membros da Comissão Central de Investigação Sumária. Muitos nomes receberam unanimidade de votos.

Como afirmou, na ocasião, Tristão de Athayde em editorial mandado transcrever no *Correio do Povo* por Érico Veríssimo: "Como nos ensina toda a nossa experiência revolucionária, nossas revoluções são brancas e quase incruentas mas também apagam totalmente tudo o que estava escrito no quadro-negro do passado. Nosso perigo está adesismo fácil, no conformismo".

Angélica de Moraes

# A fronteira acredita em milagres

A zona da campanha gaúcha, dominada por grandes propriedades e com um crescente êxodo rural, um grande mercado para o misticismo. Alegrete, a cidade mais pródiga em milagreiros, fez mais uma aquisição: o pastor Nasser Bandeira dos Santos, 22 anos, que leva diariamente para o templo do Evangelho Quadrangular, antes semideserto, mais de duas mil pessoas. Sua popularidade deve-se principalmente à guerra santa lançada contra os umbandistas: numa noite ele recolheu 40 despachos apenas para, na sessão seguinte, pisotear imagens,

quebrar quadros de lemanjá e chutar galinhas pretas. Tudo orquestrado por um conjunto de iê-iê-iê.

Excluindo a promessa de alguns umbandistas de dedicar-lhe os próximos despachos, Nasser só faturou prestígio com sua demonstração de destemor e mais dólares (embora pobres, os assistentes são generosos nas doações) para o norte-americano George Russel, espécie de papa do Evangelho Quadrangular no Brasil, que vive em São Paulo. A seita, criada após uma iluminação da missionária pentecostal Ayme Macpherson, na Califórnia, tem ramificações por 37 países. Nasser Bandeira, que executa também o exorcismo grupal — várias pessoas rolam no chão, quando ele diz: "Sai Satã, filho das trevas" — realiza curas, as quais explica pelo "poder de Deus".

Um pouco antes de Nasser Bandeira convulsionar Alegrete, chegaram à cidade mais duas figuras: a primeira delas, Eliane Maciel Barbosa, de 16 anos, tornou-se mais conhecida como "Santinha

do Caverá", depois de prometer que se crucificaria na Serra do Caverá, em Rosário do Sul. Entre orações e promessas, três mil pessoas a seguiram. E no começo de 1978, o pregador Celso Lopes dos Santos, da seita Assembléia de Deus, atraiu milhares de fiéis com a afirmação de que faria "os paráliticos andarem, os cegos enxergarem e mudos falarem".

Em Livramento — invadida até por pregadores uruguaios — Itaqui e São Borja, a situação não é diferente. Em Uruguaiana, o dono do campo é o pastor Benedito Batista, que comprou um espaço na televisão para propagar sua mensagem.

Inquieto, Nasser Bandeira já escolheu o próximo alvo de sua pregação. Após intimidar os umbandistas, ele adverte que condena com a mesma veemência "a propaganda comunista", estando mesmo disposto a rasgar na frente de seu público toda a literatura de esquerda que encontrar. "Faço isso com a maior tranquilidade", comenta.

Jorge Nascimento





# 2.500 alunos do Unificado passaram no vestibular.

## E agora?



Eles poderiam formar 227 times de futebol, uma escola de samba do 1º grupo, 625 esquadilhas, uma platéia frenética de um show pop, uma Rua da Praia em fim de tarde.

Mas, se eles são o que nós pensamos que são, farão muito mais do que engordar nosso mundo mal feito.

Suas cucas limpas foram incentivadas - durante um ano de debates, seminários, programas culturais e muita aula participada - a questionar certas coisas que existem por aqui. Sua coragem e vitalidade foram estimuladas no Unificado, e hoje eles têm condições de suplantar barreiras que antes lhes pareciam gigantescas e escorregadias.

Esses 2.500 do Unificado serão muito mais do que uma simples lista de aprovados no Vestibular. Serão gente pensando, falando, gritando, se for preciso, para fazer ouvir suas idéias.

Essa turma pensa. E faz.

**unificado**  
**UN**

Ensinando a pensar.  
Alberto Bins, 467  
Fone: 24-6955  
Otávio Rocha, 151





Foto de Paulo Albuquerque

Alende: "Aqui vicejam as idéias de Hitler, Mussolini, Franco e Salazar"

## Democracia versus ditadura, confronto ao Sul do Equador

Há um lugar do mundo predestinado para o confronto final entre totalitarismo e democracia: o cone sul latino-americano, região composta por Brasil, Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai, terra fértil onde vicejou a semente do autoritarismo de cunho nazi-fascista. Assim pensa o líder do Partido Intransigente Argentino, Oscar Alende. Homem da Internacional Socialista em Buenos Aires, Alende argumenta que esta é a razão do súbito interesse de Willy Brandt, Mário Soares, Felipe Gonzalez e outros socialistas moderados pelos rumos políticos da América Latina. "Os europeus — argumenta — sofreram na carne a experiência totalitária de Hitler, Mussolini, Franco e Salazar e sabem que tais idéias influenciaram os militares latino-americanos chegando, em certos casos, a formá-los".

### PASSO DE GANSO

Alende atribui menor importância à migração de nazistas para o cone sul logo após o término da guerra, preferindo centrar sua análise nas influências: "Peron,

conforme foi revelado no livro biográfico editado na Espanha *Yo, Juan Domingo Peron*, entrou marchando com as tropas nazistas em Paris, quando era coronel e adido militar da embaixada argentina..." Esta afirmação foi gravada por Peron em entrevista aos jornalistas espanhóis Torcuato Luca de Tena, Luis Calvo e Esteban Peicovich.

O mesmo Peron — segundo Alende — gabava-se da elegância do exército argentino que adotou nos desfiles o passo de ganso, característico da infantaria do Terceiro Reich. O líder do Partido Intransigente — uma dissidência da União Cívica Radical, de Ricardo Balbin — define fascismo como "o domínio, através da violência, das estruturas consagradas no relacionamento entre as nações; a força das armas na consolidação das diferenças" e, com este conceito mais elástico, inclui a CIA como entidade fascista. "A CIA também é fascista porque assassina, suborna e corrompe".

Alende encontra na história do exército argentino seis períodos em termos de ten-

dências: pró-ingles (embora o exército tenha nascido em meio à luta contra as invasões inglesas); pró-fascista; pró-nazista; pró-aliados ("quando a Segunda Guerra estava por terminar começou a troca de casacas"); pró-Peron e anti-Peron. O último e atual período envolve "um coquetel de influências" a maioria delas revelando posições elitistas, que não excluem um namoro com a União Cívica Radical que, tem cedido muitos nomes de seus quadros para funções menores no Governo Militar. Migalhas que fizeram o presidente do partido, Balbin, exclamar: "Videla é o grande general da democracia".

### FALANGE DA FÉ

A presença nas bancas e a receptividade da revista anti-semita *Cabildo* pela classe dirigente argentina é outro sintoma apontado por Alende para demonstrar que o nazi-fascismo goza de excelente saúde no cone sul, especialmente na Argentina. No ano passado, os editores de *Cabildo* participaram de uma reunião na Europa com Giorgio Almirante, o papa do neofascismo italiano. "Também em 1978 — acentua — em plena discussão da questão de Beagle, o general Augusto Pinochet recebeu no Chile um emissário da *Falange da Fé*, uma organização argentina de índole fascista..." Uma satisfação para Pinochet que, vitorioso o golpe contra Salvador Allende, manifestou intenção de fundar a *Juventud Pinochetista*. A pressão da doutrina de direitos humanos do Governo Carter e a dissidência dentro da junta militar — afastamento de Gustavo Leigh — adiaram tais planos.

Alende sustenta que as simpatias de Peron pelo nazi-fascismo não foram nenhuma loucura de juventude. Se no final da guerra o caudilho recebeu de braços abertos os criminosos nazistas — "eles vieram como uma multidão e eu os recebi", confessou na sua biografia — no seu último Governo permitiu que seu secretário de Bem-Estar Social, José Lopez Rega, elogiasse em público as virtudes do nacionalsocialismo. Alende lembra que "Getúlio Vargas, também influenciado por seu ministro da guerra, o germanófilo Góes Monteiro, não ocultava sua admiração por Itália e Alemanha. Como hoje, o general Pinochet não esconde seu fascínio pelas teses geopolíticas, nitidamente imperialistas, defendidas pelo chefe da Casa Civil do Governo Geisel, ministro Golbery do Couto e Silva, que, por sua vez, foi beber nas fontes teóricas alemãs geradoras do princípio do *espacio vital* adotado por Adolf Hitler". Ideologicamente afins, as cinco repúblicas do cone sul dão-se ao luxo de dispensar o mecanismo legal da extradição recorrendo seguidamente ao seqüestro no exterior deste ou daquele inimigo de qualquer dos cinco regimes.

mecanismo legal da extradição recorrendo seguidamente ao seqüestro no exterior deste ou daquele inimigo de qualquer dos cinco regimes.

### FACHADA PELOS ARES

Otimista, Alende não abandonou suas articulações políticas — na última eleição seu partido obteve 300 mil votos, terceira do País — mesmo depois que a fachada de sua casa na periferia de Buenos Aires foi pelos ares. A bomba foi advertência da Aliança Anticomunista Argentina a sua ousadia de integrar a Assembleia Permanente dos Direitos Humanos.

Com a mesma disposição, ele anuncia a constituição de uma frente ampla civil integrada por peronistas, radicais, cristãos e socialistas para lutar contra o regime militar, naturalmente com o apoio da social-democracia europeia. "Mas nada de dinheiro nisso. Esse tipo de auxílio não recebemos", garante. Convicto de que os cuidados dos sociais-democratas tipo Brandt, Soares e Gonzalez não se identificam com as preocupações das multinacionais diante da instabilidade política ao Sul do Equador, Alende argumenta que, enquanto os europeus apontam a luta entre capital e trabalho como a oposição fundamental, os sociais-democratas sul-americanos têm como primeiro problema a confrontação "democracia versus ditadura".

Walter Moraes

## Suplício e morte de Tupac Amaru

Os réus, metidos em sacos de erva paraguaia, saíram arrastados por cavalos. Chegados ao lugar do suplício foram entrando um a um no patíbulo. Tupac Amaru, sua esposa e Fernando, seu filho menor, assistiam aos suplícios. Bardejo, Castelo y Bastidas foram enforcados de forma simples, lançados do alto de uma escada. O ex-excravo negro Oblitas foi arrastado com uma corda amarrada no pescoço. Por haver matado o corregedor Ariaga, sua cabeça foi remetida a Tinta, o braço direito a Tungasuca e o esquerdo foi colocado no caminho de San Sebastian.

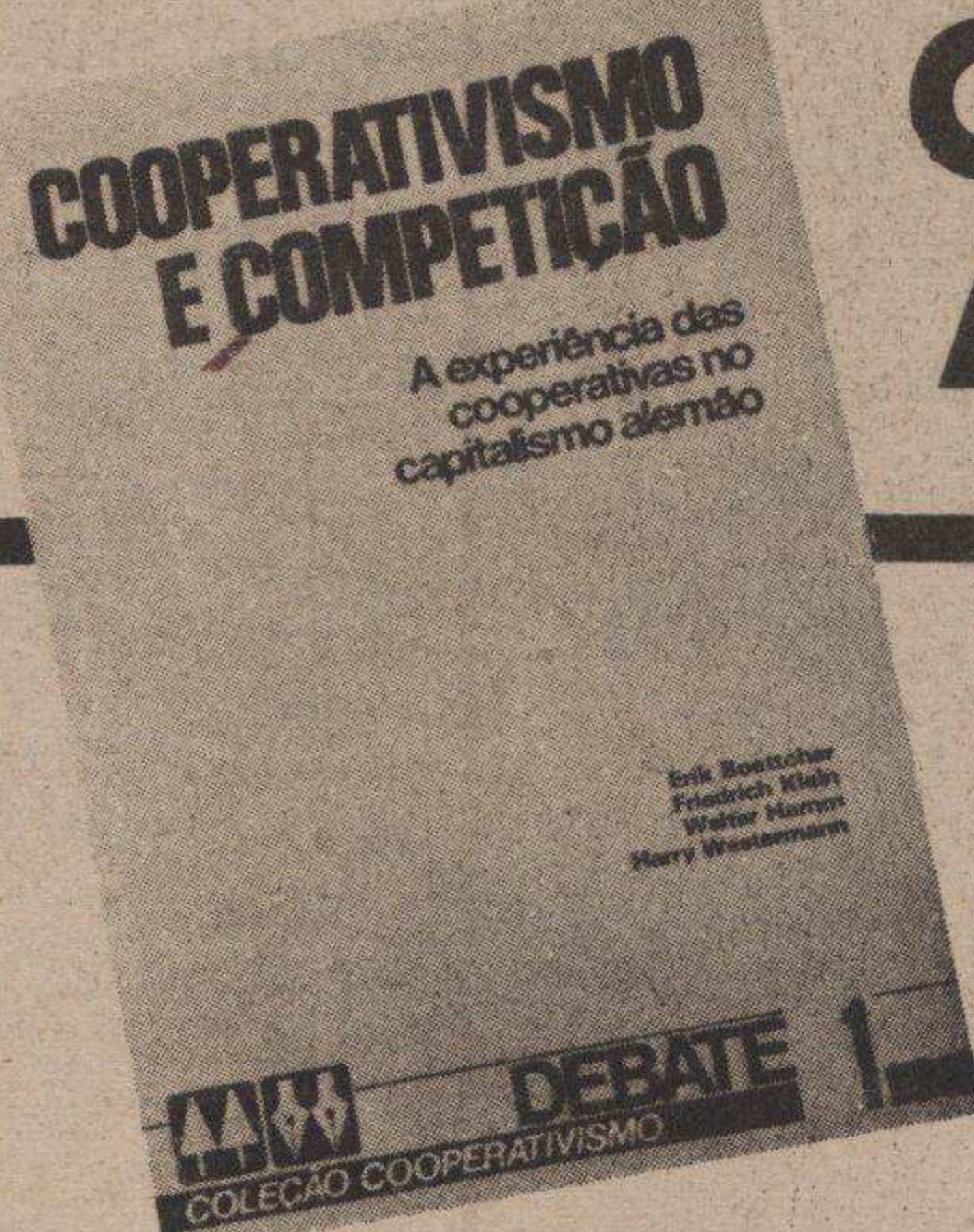
Hipólito Tupac Amaru, filho mais velho do caudilho e seu tio Don Francisco, sofreram igual pena, com o acréscimo que antes de os executarem, cortaram-lhes a língua.

Chegada a vez de dona Micaela, a mulher de Tupac Amaru, ela subiu ao tablado e não desmentindo naquele momento a sua firmeza, resistiu a pôr a língua para fora, tendo o verdugo que cortá-la depois de morta.

A *função* foi encerrada com o suplício do Caudilho. Conduzido ao patíbulo, seu aniquilamento físico contrastava com sua vigorosa serenidade espiritual. A muita força abriram-lhe a boca e cortaram a língua. Quatro cavalos, cavalgados por quatro mestiços, se aproximaram. Com laços prenderam as pernas e os braços do réu. Terminados os preparativos, ouviu-se um sinal e os ginetes partiram na direção dos quatro pontos cardeais. Mas não puderam avançar além da minúscula extensão de seus laços, porque a fortaleza física do condenado resistiu vitoriosamente ao intento de despedaçá-lo.

Por breves momentos Tupac Amaru se debateu no ar, como uma gigantesca aranha... O corpo foi conduzido ao pé da força e esquartejado. A cabeça foi enviada para Tinta, os braços, um para Tungasuca e outro para Carabaya. As pernas, uma a Santa Rosa e outra a Lavitaca. Os corpos, de Tupac Amaru, privado da cabeça e extremidades, e de dona Micaela conservando a cabeça e uma perna, foram conduzidos ao cerro Picchu para serem queimados e suas cinzas lançadas ao Rio Watanay.

(La rebelion de Tupac Amaru, Daniel Valcarcel, Fundo de Cultura Econômica México. 1780 — a rebelião. 1781 — o suplício na praça Wacaypata, em Cuzco).



## Cooperativas e Capitalismo. A Experiência Alemã.

Erik Boettcher Walter Hamm  
Friedrich Klein Harry Westermann

Eles estão descrevendo toda a experiência do cooperativismo alemão na busca da sua adaptação com o regime capitalista.

Uma publicação da CooJornal em convênio com a Fidene de Ijuí, com o patrocínio da Cotrijuí.



"COLEÇÃO COOPERATIVISMO. SELO DEBATE Nº 1."

Preço de capa: Cr\$ 75,00

Solicite o seu exemplar pelo reembolso

Preencha este cupom e remeta para a CooJornal.

**cooJORNAL** Rua Comendador Coruja, 366/372  
90.000 — Porto Alegre — RS

Nome: \_\_\_\_\_

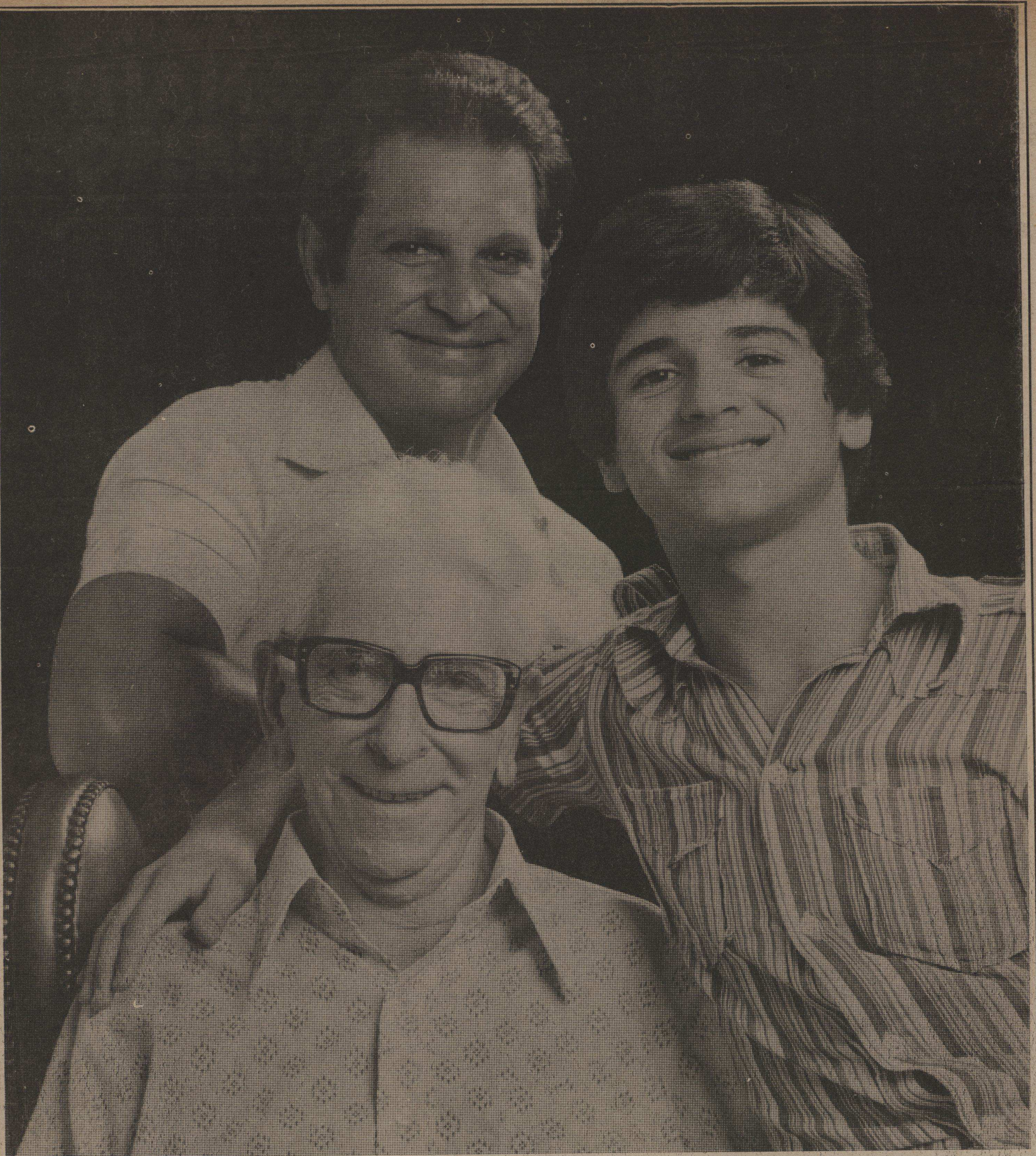
Rua: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Não mande dinheiro. Só pague ao receber o livro.

Assinatura \_\_\_\_\_





## Em nome do pai, do filho e do neto.

1929, Seu Aristides, o pai, completava 25 anos. A Samrig estava começando. Eram tempos difíceis, Seu Aristides recém tinha casado e sentia em cheio todo o impacto da crise daquele ano, mas nem por isso se amedrontava. Nem a Samrig. Num moinho em Porto Alegre e com capital inicial de "12 mil contos de réis", a Samrig começava a produzir farinha de trigo. E a freqüentar a mesa de Seu Aristides todas as manhãs. Hoje, 50 anos depois, muita coisa mudou na vida de Seu Aristides. E da Samrig.

Seu Aristides criou um filho, viu nascer seu neto, se aposentou. A Samrig cresceu, foi pioneira na transformação de soja no País e hoje possui o maior parque de processamento integrado de soja da América Latina. Mas a antiga e silenciosa presença à mesa de Seu Aristides continuou firme e constante. Transformando soja desde o grão em produtos de qualidade insuperável, a Samrig participa da vida diária de milhares de pessoas, tornando-a mais saudável e mais feliz. Há três gerações de brasileiros. Como o Seu Aristides, seu filho e seu neto.



Há 50 anos participando da vida de nossa gente.



# Quem matou Alberi? (A polícia não parece interessada na resposta)

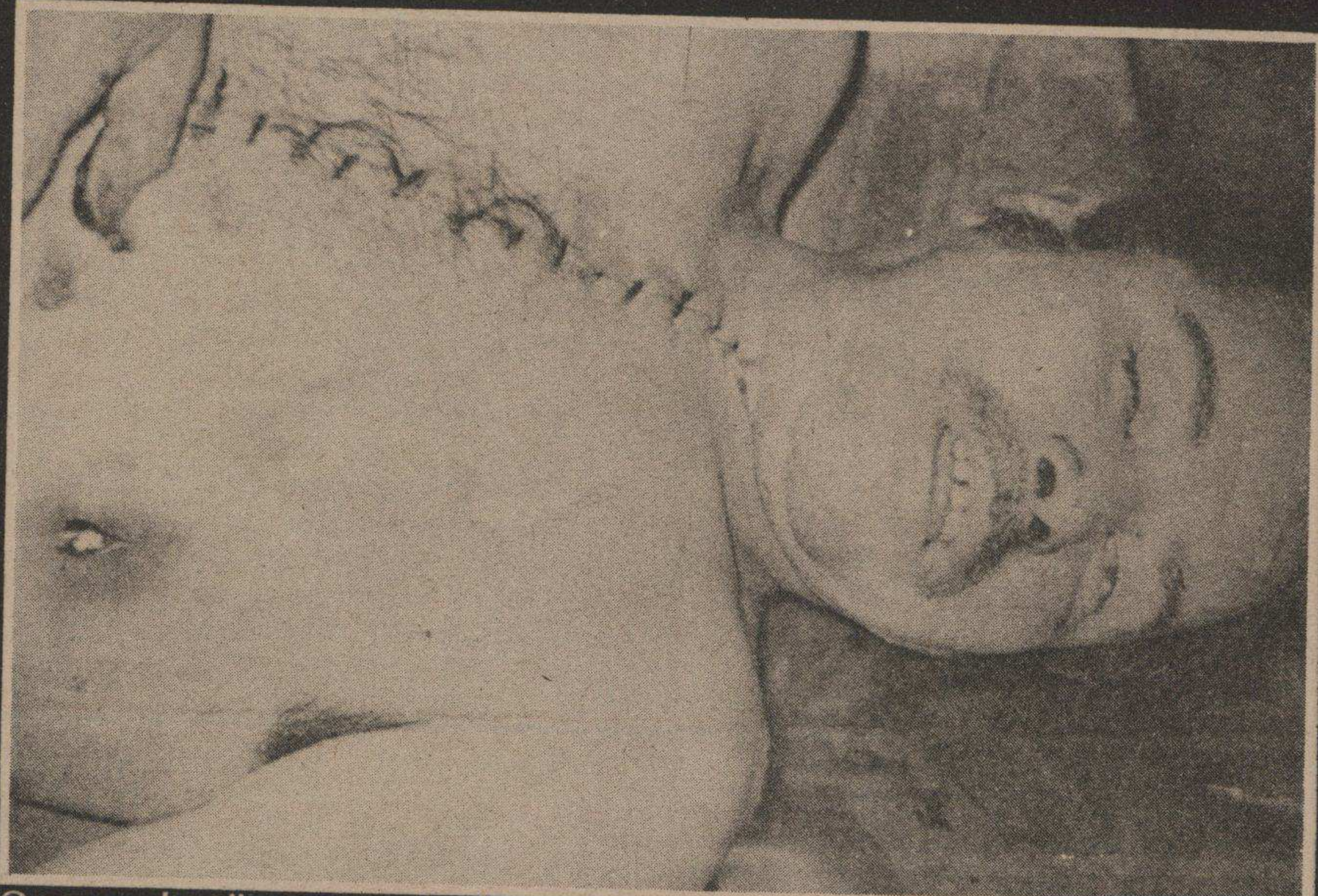
O ex-sargento Alberi Vieira dos Santos sabia muito bem que no Oeste paranaense muitos crimes são condenados ao esquecimento. Naquela rica região, povoada por quase um milhão de gaúchos, os que deveriam investigar e punir são muitas vezes os primeiros interessados em esconder. A polícia oferece uma decisiva contribuição à fama de violência que a região desfruta em todo o País.

Mas, Alberi queria ver os assassinos de seu irmão na cadeia antes que se completasse 2 anos de sua morte brutal. Por isso arriscava-se em perigosas investigações pelos municípios de Cascavel, Medianeira, Pato Branco e Foz do Iguaçu em busca de provas do crime.

No dia 5 de fevereiro ele deu uma entrevista ao jornal *Frente de Iguaçu*, afirmando que já tinha um dossiê de mais de cem páginas com as provas e os nomes dos que mataram José Soares, seu irmão de 22 anos, encontrado morto, com sinais de bárbaras sevícias, no Parque Nacional do Iguaçu, em abril do ano de 1977 (junto com o cadáver de outro rapaz chamado Godoy Sobrinho). Ele esclarecia também por que a exemplo de muitos outros casos, a polícia ainda não havia encontrado qualquer pista dos criminosos — a maioria deles eram policiais.

Seis dias depois, ele próprio seria a prova definitiva de que suas investigações estavam certas. Alguns motoristas que voltavam de um baile no distrito de Missal, no interior do município de Medianeira, encontraram o seu corpo dentro de uma camioneta Brasília estacionada no lado da estrada de terra vermelha. Quatro tiros o liquidaram: três balas de calibre 44 no tórax e uma de pistola 9 mm na cabeça.

Cadáveres crivados de balas não são propriamente novidade no Oeste paranaense, onde os grandes proprietários costumam usar bandos de jagunços para expulsar posseiros de suas terras e onde o hábito de contratar pistoleiros para matar um inimigo é bastante difundido.



O corpo de Alberi, encontrado com quatro balas à beira de uma estrada só foi identificado cinco dias depois por parentes.



Em dezembro passado, em entrevista ao Coojornal, o ex-sargento disse que investigava a morte do irmão e tinha provas contra vários policiais.

## “É uma quadrilha, tenho todas as provas”

Cinco dias antes de ser assassinado o ex-sargento Alberi Vieira dos Santos, deu uma entrevista ao jornal *Frente do Iguaçu*, onde revela o nome dos responsáveis pela morte de seu irmão, e ainda que estava se movimentando para a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito, com o objetivo de investigar a violência policial no Paraná. O relatório que ele menciona não foi encontrado.

**Em que circunstâncias foi morto o seu irmão?**

**Alberi** — Um alcagüete, chamado Meireles, guardião de uma madeireira, que está foragido no Rio Grande do Sul, viu meu irmão chegando na fábrica, em Santo Antonio das Missões, com uma pasta cheia de dinheiro. Ele tinha vendido o carro para comprar madeira. Nós, íamos construir um pavilhão para uma oficina de máquinas pesadas, que íamos montar, em Foz do Iguaçu. Mas, como era sábado, não havia expediente na fábrica. Ele resolveu voltar e pegar o ônibus na rodoviária. Mas, passaram uns conhecidos, num táxi. Estava junto o Almirante, subdelegado de Foz de Iguaçu. No caminho, eles o mataram. Castraram e furaram os olhos. A causa do crime, que já está bem comprovada nos autos do processo: foi latrocínio.

**E quem são os assassinos?**

**Alberi** — Os assassinos são os seguintes: Tenente Benjamin Rocha, que participou inclusive das torturas na delegacia de polícia, o capitão Octacílio Machado, os soldados Nelson Manfrini e David Cabarra, o agente Pires e o alcagüete de polícia Tito Balbinoti. Pires está, atualmente, na delegacia de Piraquara. Tito fugiu para o Mato Grosso. Colaborou ainda neste crime, o Paulo Rovieto Bandeira, financiando pistoleiros, ajudando com dinheiro o soldado David, que vem tentando nos assassinar — eu e os irmãos de outras vítimas da quadrilha de pistoleiros daquela região.

**Houve processo?**

**Alberi** — Este fato está impune até hoje, assim como muitos outros. Houve muita pressão. Só para dar uma idéia: obtivemos uma declaração do delegado de Jardinópolis, feita diante de elementos do Exército, onde ele contava que mandou realizar a autópsia no cadáver, envolvendo justamente dois médicos, já denunciados. Estes médicos, pressionados pelo delegado Otacílio, de Medianeira, afirmaram que a causa da morte foi ataque do coração. Mais tarde, pressionados por depoimentos de pessoas, que viram as vítimas deformadas por perfurações à bala, e por fotografias, eles deram outro atestado, desfazendo o primeiro, e afirmando que examinaram os cadáveres na hora do almoço, quando o delegado tinha saído.

**Quais são seus próximos passos?**

**Alberi** — Estou aguardando a formação de uma CPI, que já foi pedida e, é liderada pelos deputados João Cunha e Freitas Nobre, de São Paulo, e os senadores Nelson Carneiro e Amaral Peixoto, do Rio. Tenho promessa de que ela será pedida logo no início dos trabalhos do Congresso, no início de março. Ela deverá apurar o crime do parque, onde morreu meu irmão, outro, onde morreu o Casemiro, de Cascavel, a prisão e morte de um rapaz, Zandonato, e outros crimes da polícia na Foz do Iguaçu. Temos um relatório de cem páginas sobre estes crimes encobertos nessa região do Paraná. Os políticos vão querer saber, por exemplo, por que o coronel comandante do quartel de Pato Branco e o tenente Aristides que é o do S/2 daquele município têm dado total cobertura a esses soldados assassinos, como o David Cabarra, que são acusados de cinco mortes. No decorrer dos autos, já temos prova de três destas mortes. Inclusive de um padre. O presidente da OAB, Raimundo Faoro, deverá vir a Curitiba, ainda em fevereiro para designar dois advogados que irão acompanhar o desenvolvimento da CPI.

**Por que o processo voltará a Santo Antonio?**

**Alberi** — Porque a população já está atemorizada com esta quadrilha de assassinos que está escrevendo uma página negra na história da polícia do Paraná. Já tentaram, inclusive, contra a vida do gerente da Volkswagen, de Barracão, há uns três anos no mesmo parque da Foz. Atiraram e balearam-lhe o braço. Não é o primeiro assalto, nem o primeiro latrocínio cometido no parque, com a mesma quadrilha de policiais. É um negócio violento. É comum encontrar o soldado David, com dois revólveres na cintura, um fuzil na mão direita, atemorizando a população. Todo mundo tem medo dele. Por causa de todos os crimes que ele cometeu, e porque ele tem o apoio do comandante do quartel de Pato Branco, do coronel Aroldo e do tenente Aristides que também serão indiciados pela CPI.

**Você sabe mais alguma coisa sobre os crimes da quadrilha?**

**Alberi** — O soldado David cometeu outro crime que está impune: queimou e castrou um rapaz, em Pato Branco. Este fato mereceu uma reunião do juiz, do promotor e do representante da OAB, em Pato Branco. Há outro crime onde jogaram um rapaz num formigueiro. Tem um amplo dossiê sobre estes crimes, com datas e seus autores comprovados. Os inquéritos é que desconhecem o que interessa à polícia desconhecer, porque já está claro quem são os responsáveis.

**Mais alguma coisa a respeito da CPI?**

**Alberi** — Acharmos que esta CPI vai dar curso rápido aos processos. Estamos aguardando, então, a solução da justiça. Os assassinos não ficarão impunes, naturalmente. Agora estou indo para o Rio e, na minha volta darei os nomes completos de todos os políticos que irão compor a CPI. E estarei informando os jornais sobre o andamento de um documento contra o Ministério da Justiça, a respeito dos mesmos fatos.



conforme contou ao *Coojornal*, em dezembro de 78: Onofre Pinto — dirigente do grupo guerrilheiro Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) — os irmãos Carvalho, mais um brasileiro desconhecido, e um militante do ERP (Exército Revolucionário do Povo, organização da esquerda armada na Argentina), que desapareceram ao atravessarem a fronteira do Brasil com a Argentina. Um guarda do Parque do Iguaçu que conversou com Albery explicou que naquela época ele viu uma camioneta da polícia com cinco "quebrados a pau" entrar no Parque e sair vazia.

#### ESTAVA DORMINDO

Como foi que o pegaram é um mistério ainda. Ele chegou a Medianeira

sábado de manhã, dia 10, dirigindo a sua Brasília amarela. Vinha do Mato Grosso. Foi assassinado, provavelmente na noite do mesmo sábado. Pela posição dos ferimentos, o médico legista, que fez a necrópsia, acredita que ele recebeu os primeiros três tiros enquanto dormia: as balas entraram pelo lado direito, atravessando o braço e quase trespassando o corpo. O quarto tiro, na testa, foi dado no local onde foi deixado o cadáver, mas nenhum deles foi dado à queima-roupa.

O corpo foi encontrado no domingo de manhã, mas só identificado na quinta-feira. O subdelegado de Matelândia, Wilson Coelho, no entanto, disse ao repórter Rafael Guimarães, do *Coojornal*, que no domingo à noite ouviu um homem dizer num bar que o morto era Albery. (O subdelegado não identificou o

homem.) O delegado Francisco Marcondis, de Medianeira, também falou ao repórter, informando que na segunda-feira, agentes do SNI estiveram na delegacia fazendo perguntas a respeito do morto. Queriam saber se era Albery e chegaram a indagar se a vítima não usava "um cinto com um desenho".

Fora isso não há mais do que vagas suposições. E, tudo indica que se depender da polícia paranaense, o caso continuará obscuro. O delegado de Medianeira, Francisco Marcondis, em vez de investigar o crime, tentou passá-lo para a delegacia de Foz do Iguaçu, onde foi feita a identificação do corpo. Mas o delegado de Foz, Newton de Oliveira, não aceitou. Diz que a responsabilidade é da polícia de Medianeira. Procurado pelo

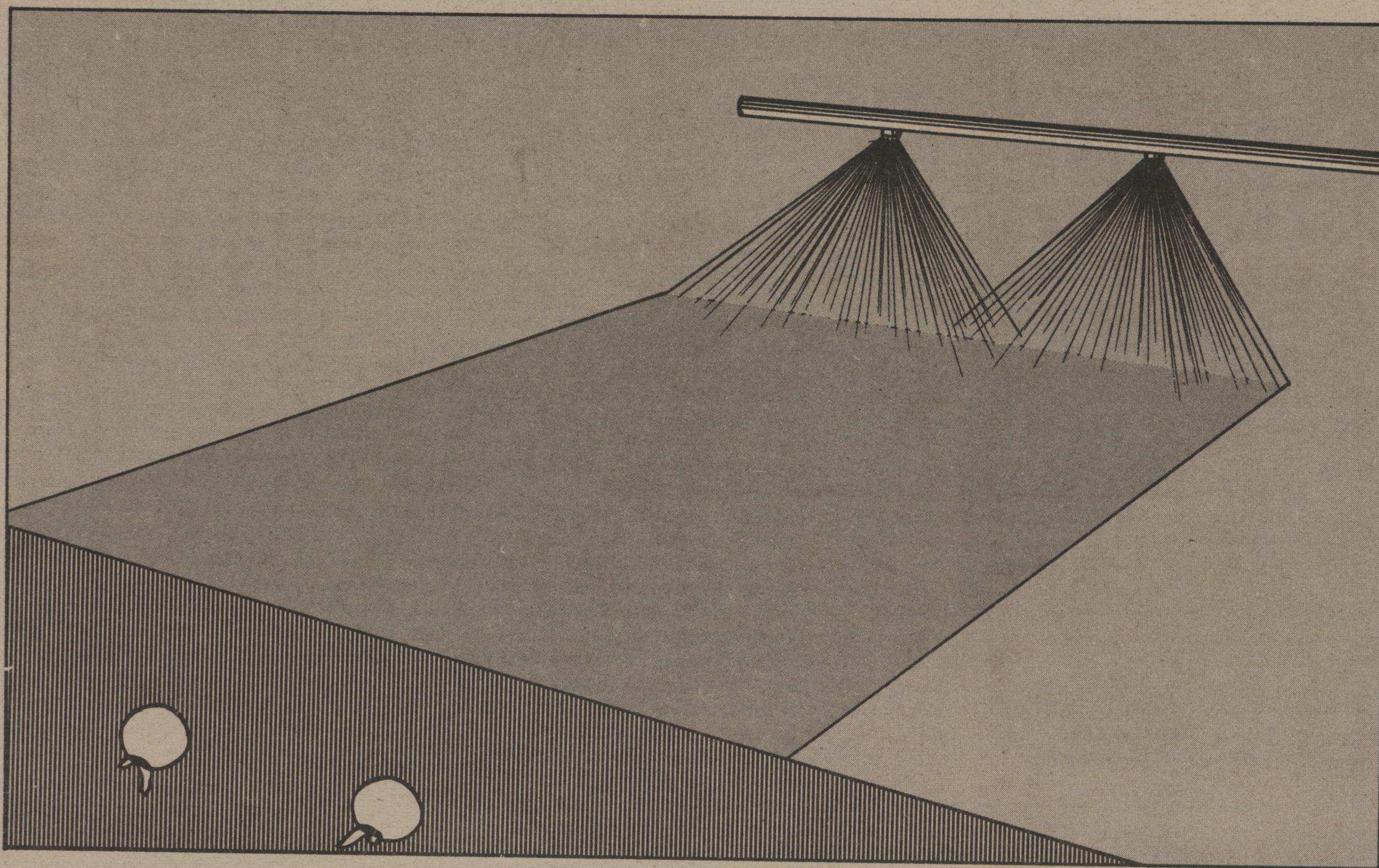
repórter Rafael Guimarães, do *Coojornal*, o delegado Marcondis explicou a sua atitude:

— Não posso fazer nada, pois não tenho escrivão, muito menos um investigador para trabalhar só neste caso. Estamos aqui com 50 processos parados.

O resultado é esse: um mês depois da morte de Albery, nada se sabe sobre a autoria do crime a não ser que foi "um trabalho de profissional". A polícia sequer se preocupou em ouvir os homens que ele apontou como assassinos do seu irmão e que são naturalmente os primeiros suspeitos. Tudo está preparado para que o esquecimento caia sobre mais este caso e a população de Medianeira já entendeu bem a situação: ninguém na cidade se arrisca a falar no assunto.

# Plantador de soja!

Da próxima vez que você for incorporar a sua mistura de herbicidas, pense na segurança. Pense Dual.



As misturas com Dual são aplicadas logo após o plantio e não são incorporadas. Portanto, o produto fica **longe** das delicadas sementes de soja em germinação. Com Dual, você fica mais seguro. É uma questão de bom senso!

Dual, o herbicida para soja  
tão moderno que dispensa incorporação.

CIBA—GEIGY





# TORTURA SE APRI

Aulas em casa, curso no exterior com tudo pago. Os Estados Unidos ensinam os latino-americanos a manter a paz interna



Os Estados Unidos gastaram 2 bilhões de dólares para treinar e equipar forças policiais brasileiras a partir de 1964, através de um programa da Agência Internacional para o Desenvolvimento. O programa, coordenado pela Secretaria de Segurança Pública, já propiciou treinamento a 100 mil policiais — 1/6 dos efetivos policiais do Brasil — desde o seu início em 1959.

Estes dados estão no livro *Hidden Terrors* (Terror Ocultos) de autoria do jornalista J. Languth (1), lançado no final do ano passado nos EUA e ainda não traduzido no Brasil. Languth, ex-chefe da sucursal do New York Times em Saigon e que esteve várias vezes no Brasil e no Uruguai a partir de 1967, trata da política americana para a América Latina. Ele faz um trabalho de reconstituição jornalística para mostrar como os Estados Unidos, preocupados com o exemplo cubano, patrocinaram a máquina de repressão que hoje existe nos países latino-americanos, especialmente Brasil e Uruguai.

Os Estados Unidos não só treinaram como equiparam os policiais brasileiros e uruguaios para trabalharem com mais técnica e com mais eficiência. Através de seus conselheiros (centenas deles vieram para a América Latina, diz o livro) ou nos cursos ministrados na Academia Internacional de Polícia ou outros centros de treinamento, os EUA os preparam para reprimir os movimentos populares com mais violência e, sobretudo, para serem torturadores eficientes.

O personagem central do livro é o conselheiro de Polícia, Dan Mittrione, que trabalhou cinco anos no Brasil e um ano no Uruguai, até agosto de 1970, quando foi assassinado pelos Tupamaros. Mittrione, um policial duro, é considerado a corporificação, o símbolo da política externa norte-americana naquele período, inteiramente voltada para o anticomunismo. Ele não tortura, mas fornece os instrumentos e a técnica.

O que segue é um relato resumido de alguns pontos do livro de Languth:

No começo do ano de 1960, John Kennedy era candidato à presidência dos Estados Unidos e tinha uma opinião simpática a respeito de Fidel Castro. Achava-o um "jovem ardente e rebelde", um novo Simon Bolívar. Antes que o ano acabasse, porém, ele já estava eleito e começava a achar que tinha sido um erro os Estados Unidos não terem evitado a revolução de Castro.

Quando Kennedy tomou posse, democratas e republicanos estavam unidos na convicção de que era necessário impedir que o exemplo de Fidel contagiasse o resto do Continente. O comunismo era "um inimigo oculto" que se não fosse contra-atacado "subverteria a sociedade por dentro".

O Governo anterior, que cultivava essa mesma preocupação, já tinha um programa de combate ao comunismo administrado pela Agência Internacional para o Desenvolvimento (AID), órgão ligado ao Departamento de Estado. Logo depois da fracassada tentativa de invadir Cuba, o programa foi reativado, ficando a cargo da Secretaria de Segurança Pública. Byron Engle, um homem com ligações na CIA e que já havia treinado a polícia japonesa depois da Guerra e implantado um conselho de polícia na Turquia, foi encarregado de formar uma "força tarefa" para treinar policiais na Ásia, África e particularmente na América Latina. Esses conselheiros seriam "soldados a pé" enviados aos países e teriam o seu trabalho complementado pela atuação das embaixadas e dos oficiais da CIA. Em maio de 1960, um chefe de polícia de uma cidade do interior chamado Dan Mittrione inscreveu-se para o cargo de Conselheiro de Polícia. Ele integraria a primeira turma de oito conselheiros enviados para a América Latina. Cumpriu cinco semanas de treinamento em Washington, três meses de português no Rio e assumiu o seu posto em Belo Horizonte. Chegou a Minas em setembro de 1960.

## CONTRA-INTELIGÊNCIA

John Kennedy tratou de dar mais um impulso ao programa, de aperfeiçoá-lo, e a tarefa coube a seu irmão Robert, que estava no Departamento de Justiça. Robert criou um grupo de funcionários de alto escalão para planejar a ação dos agentes americanos e desenvolver métodos para promover a ordem interna ao redor do Globo.

Esse Grupo de Contra-Inteligência organizou um novo treinamento em contra-revolta a ser introduzido nas escolas militares (a começar pelo National War College), cursos específicos contra subversão para funcionários do Departamento de Estado e da CIA, criação de um comitê de polícia e treinamento. Engle assumiu a tarefa de executar tudo isso.

Até então os Estados Unidos tinham centros de treinamentos, onde recebiam policiais e militares estrangeiros, no Panamá. Em 1962, Robert Kennedy aprovou o relatório com os planos novos e Byron Engle recrutou 20 instrutores da Academia de Polícia Interamericana para serem o núcleo da nova escola, que funcionaria em Georgetown. Os conselheiros de polícia, formados neste programa, deveriam servir de cobertura aos oficiais da

(1) Languth é formado em Jornalismo em Harvard. Escreveu 2 romances e um livro sobre religião negra no Brasil: *Macumba, Magia Branca e Negra*.

CIA e treinar e modernizar as polícias dos países do Terceiro Mundo.

A CIA também, por seu lado, estava se preparando, formando agentes para falarem espanhol, conhecerem as teorias e as técnicas comunistas. Além de treinamentos físicos exaustivos, exercícios de autodefesa, lições para mutilar e matar com as próprias mãos, censurar telefones violar fechaduras e reunir informações pelo uso discreto de informantes estrangeiros, especialmente oficiais do país em que se encontrassem. Um desses novos agentes chamava-se Philip Agee, jovem de 26 anos, curso universitário e muita ambição (depois Agee sairia da Companhia e escreveria um livro de muito sucesso). A primeira ação de Agee foi no Equador, onde o informante da CIA era o Jorge A. Velasco, o sobrinho do presidente Velasco Ibarra.

Kennedy a estas alturas estava muito preocupado com o Brasil, onde as estimativas dos órgãos de informação registravam uma vigorosa infiltração comunista. Alguns relatórios davam Jango como perigosamente aberto à influência comunista, o que fazia do Brasil a preocupação dominante em Washington.

Dan Mittrione em Belo Horizonte deveria prestar assistência à polícia, tornar suas investigações mais científicas, melhorar as comunicações e desenvolver uma academia de polícia regional. No início de 1961 ele já estava recebendo para sua nova academia 100 mil dólares em equipamentos — câmeras, projetores, telas, estojos para impressões digitais, equipamento fotográfico, alvo, munições e todo o material para montagem do laboratório de criminalística. Novos carros para a polícia, todos com equipamentos eletrônicos e rádio. Até uniformes.

## EQUIPE COMPLETA

Além de Dan, em Minas, vários conselheiros estavam indo para o Nordeste (área de tensões), Lauren Goin foi para o Rio e Maurice E. Calfee para São Paulo (ficaria apenas 2 anos). Em meados de outubro de 1961 a equipe ficou completa com a chegada do novo embaixador americano ao Brasil, Lincoln Gordon, um renomado professor de Economia Internacional em Harvard.

Goulart não merecia confiança dos Estados Unidos e nem dos militares brasileiros amigos dos Estados Unidos. Não tinha, por conseguinte, a confiança de Gordon. Pouco depois da sua chegada, numa festa, o almirante Silvano Heck, que conspirava contra Goulart, fez questão de falar com o embaixador:

— Jango é comunista, quer entregar o País a eles. Quanto mais cedo for afastado melhor. A maioria das

## As últimas palavras

O nono capítulo do livro de A. J. Languth é um diálogo gravado de meia hora de Dan Mittrione com seu carcereiro tupamaro. Eis um trecho final:

Mittrione disse: "Bem, a única coisa que lamento nisto tudo é que não gosto da coisa e muitas pessoas inocentes sofrem". A sua voz era forte e indignada. "Minha mulher e meus filhos em casa, não há nenhum motivo para que eles sofram".

O tupamaro agora parecia hesitante e muito jovem. "Também tenho mulher e filhos. Mas, você sabe, você o faz por dinheiro e eu não. Você até disse isto antes. Você escolhe o seu trabalho e os Estados Unidos escolhem uma maneira política de fazer as coisas e você está envolvido com o seu país e portanto você está sob a sua própria lei".

"Um", disse Mittrione.

"Sinto por eles também. Sinto pelas outras famílias dos nossos amigos que estão presos, sendo torturados ou mortos."

"Bem, isto também é verdade."

"Na verdade, existem muitos. Muitas pessoas inocentes têm que sofrer. Mas você sabe que cerca de um milhão de meninos e meninas com menos de 5 anos morrem cada ano na América Latina?"

"De fome?"

"Sim, senhor! E não é uma maneira de controle da natalidade."

"Não."

"E o que você acha sobre os outros movimentos guerrilheiros na América Latina? Você sabe, não trabalhamos todos da mesma forma. Você já viu isto?"

"Bem, cada um tem que trabalhar de acordo com o seu próprio ambiente. Seja o que puder trabalhar melhor. Do que li, acho que os tupamaros são... um pouco mais inteligentes do que os outros porque os tupamaros não matam a não ser que for necessário. Acho que eles atiram e fazem perguntas depois."

"Bem, você sabe" — com uma risada — "o que provavelmente acontece, é que sinto as coisas assim como você. Mas as condições lá são diferentes daqui. Você sabe que os uruguaios — e o Uruguai — têm uma história diferente do que os outros países".

"Oh, tenho certeza que sim."

"A violência no Brasil é mais dura que no Uruguai. Ou que na Bolívia e na Guatemala. Você sabe."

"É aceito, não?"

( Pouco tempo depois, José Yglesias, o novelista, foi



# RENDE NA ESCOLA

países do Terceiro mundo, preparando, foram conhecidos as técnicas de treinamentos, fessas, lições para censurar telefones, pelo uso discreto de oficiais do Exército e dos novos agentes, curso universitário da Companhia. A primeira ação da CIA era o plano Velasco Ibarra. preocupado com a segurança de informação comunista. Alguns países abertos à infiltração e a preocupação

ria prestar assistência mais científica desenvolver uma rede de 1961 ele já tinha 100 mil dólares em dinheiro, fotos, telas, estoques fotográficos, alvos, a segurança do laboratório da polícia, todos os detalhes e uniformes.

Os brasileiros estavam em São Paulo quando Lauren Goin foi para o Rio de Janeiro (ficaria em 1961 a sede do novo embaixador, um renomado professor de Harvard). Estados Unidos e França de Gordon. O almirante Goin fez questão de visitar o País a eles. A maioria das



Dan Mitrione, a personificação de uma política

forças armadas pensa assim... Estamos nos organizando. Não precisamos de ajuda, mas queremos que quando chegar o dia os EUA tomem um ponto de vista compreensivo.

Gordon foi lacônico:

— É muito interessante.

No dia seguinte mandou dois agentes da CIA checarem as informações do Almirante. Eles concluíram que havia um punhado de oficiais rebeldes, mas não havia um poderoso golpe se formando. Enquanto os homens da embaixada ampliavam seus contatos com Militares e civis envolvidos na conspiração, a CIA expandia suas operações, com a cobertura dos consulados que estavam aumentando no País exatamente para dar apoio à atuação do Serviço de Inteligência.

Foi criado o Ibad, "frente civil da conspiração organizada pela CIA" e que servia apenas de mecanismo para canalizar dinheiro destinado a financiar campanhas de políticos. O Ibad passava o dinheiro através de suas duas subsidiárias: a Ação Democrática Popular e Promoções e Vendas Ltda. Em 1962 financiou mais de mil candidatos: 600 para deputado estadual, 250 para federal, 15 para o senado e oito para o governo de estado. Em Pernambuco, o Ibad financiou a campanha de João Cleofas, que disputava com Miguel Arraes o Governo estadual.

## AMBIÇÃO FERVOROSA

Os operadores da CIA começaram também a agir no Nordeste, agitando, divulgando boatos, denegrindo a vida familiar de Julião e Goulart. "O embaixador Gordon não era avesso a boatos e prontamente passou adiante histórias sobre Goulart e sua mulher". A Agência tinha dois homens com horário integral, fora do consulado no Recife, além da cobertura de outras entidades americanas como o Instituto de Desenvolvimento do Livre Trabalho, que mandou 33 líderes trabalhistas para treinamento anticomunista em Washington.

Além da atuação interna, os Estados Unidos ainda estavam levando policiais e militares para seus cursos. Essa era uma tradição antiga que se intensificava. Uma geração de oficiais brasileiros já havia sido preparada nas escolas militares americanas, principalmente na National War College e na Escola do Estado Maior, de Fort Leavenworth. "Aqueles homens deixaram Leavenworth com uma ambição fervorosa para se identificar com os EUA e para que seus colegas americanos gostassem deles", diz um general americano.

Depois das eleições estourou o escândalo com uma CPI: o Ibad gastou 20 milhões de dólares. Na embaixada dos Estados Unidos a preocupação é geral, de Lincoln Gordon para baixo, porque as irregularidades poderiam vir a público. Mas o caso acaba não esclarecido por três razões: 1) cinco dos nove membros da CPI haviam recebido dinheiro do Ibad; 2) três dos bancos envolvidos — First National City Bank, Bank of Boston e Royal Bank of Canada — se recusaram a revelar as fontes estrangeiras de onde vinha o dinheiro para o Ibad; 3) Goulart esperançoso de se dar bem com Washington tratou de fazer com que o relatório final fosse amenizado.

Em dezembro de 62, Robert Kennedy visita o Brasil e num jantar com Jango diz:

— Se você fletar com as causas românticas da ala esquerda e der peso aos comunistas e seus amigos, será difícil para nós cooperarmos. Será ruim para você e ruim para o Brasil.

## SEGURANÇA INTERNA

Em fevereiro de 63 Dan Mitrione vem para o Rio, onde passa a dedicar mais tempo aos coronéis da polícia. Obtém mais equipamentos (máquinas para recarregar revólveres, rádios, equipamentos de controle de distúrbios) e consegue mais vagas para brasileiros na Academia de Washington.

Na Academia Internacional de Polícia um estudante tinha 165 horas de aula, das quais um terço dedicado à segurança interna e métodos de investigação. Dessa parte, 55 horas eram dedicadas a advertências sobre o partido comunista e suas técnicas.

No Rio, Dan trabalha intensamente com o comandante da polícia. Toda manhã passam quatro horas juntos, discutindo orçamentos, distribuição, equipamentos, designação de homens. Os ensinamentos aí recebidos são passados pelo comandante a 12 de seus principais homens e cada um desses faz o mesmo com outros 12. No quartel da polícia, Mitrione tem uma secretária e um pequeno escritório.

Quando caiu o Governo de Jango, os conselheiros pouco se incomodaram com a mudança repentina. Em julho de 1963 um agente brasileiro descreveu o programa da Academia ao Governador de São Paulo como "os mais modernos métodos no campo da dispersão de greves e trabalhadores". Ele aprenderia, como disse, a usar cachorros, bastões e a modernizar o mecanismo de repressão contra os agitadores de São Paulo.

Por volta de 1966 crescia o movimento de rebeldia. E os serviços de inteligência estavam determinados a liquidá-lo antes que ele se tornasse uma ameaça. Então começaram a cobrar resultados dos trabalhos da polícia. Cada preso deveria render o máximo em informações. Como nada solta a língua de um prisioneiro mais depressa do que a dor, segundo a crença policial, o problema da tortura tornava-se real. Ela sempre existira, mas agora passaria a ser sistemática, feita com método.

Os conselheiros davam aulas sobre interrogatórios, usando filmes e ensinando a criar um ambiente opressivo para o prisioneiro — sala sem janelas, uma porta, à prova de som, paredes nuas — e a usar truques psicológicos. Mas, formalmente, negavam a tortura, seguindo a orientação da Academia. Muitos estudantes, porém, achavam que esta era uma atitude apenas formal pois, ao mesmo tempo em que se mostravam contra a tortura, falavam em situações como a do Vietnã, dizendo que a polícia tinha o direito de tomar qualquer medida por severa que fosse para evitar a carnificina.

## BATALHA DE ARGEL

Alguns conselheiros diziam que a dor intensa, mas não letal, era mais humana do que o espancamento indiscriminado, e, quando os agentes brasileiros começaram a usar telefones para administrar choques elétricos, foram os conselheiros que informaram o nível permissível que o corpo pode agüentar.

Na Academia em Washington passava-se aos estudantes o filme *Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo, que mostrava os policiais leais à França reagrupando-se à noite em esquadrões secretos para atacarem e matarem os nacionalistas argelinos. Era estimulada a semelhança com organizações tipo CCC ou Esquadrão da Morte. Uma prova de como essas coisas influenciavam os policiais brasileiros é a adoção de uma tortura chamada justamente *A Batalha de Argel*, que consiste em arrancar os dentes do prisioneiro, como foi feito com o dirigente do PCBR, Mário Alves.

Um agente da AID ficou tão preocupado com os primeiros relatórios de tortura no Brasil a ponto de começar a verificar os pedidos de requisição da Secretaria de Segurança Pública, na tentativa de impedir a remessa de geradores com decalco da AID para serem usados na tortura.

Um outro indício de que os conselheiros eram apenas formalmente contra a tortura (não a executavam mas reconheciam sua eficácia e forneciam os equipamentos para isso) foi a revelação em 69 de que a polícia americana estava mantendo campos de torturas secretas para testes nos Estados Unidos. "Duas dessas instalações no Noroeste de Maine e Califórnia, perto de S. Diego, eram administradas pela Marinha".

Mas, talvez, o exemplo mais esclarecedor seja dado por Donald Duncan, um boina verde, que participava de um treinamento em Washington. Um sargento estava dando aula sobre interrogatório e descreveu em detalhes várias torturas, incluindo forçar para baixo os testículos usando um torno de joalheiro. Finalmente um soldado da classe se manifestou:

— Você está sugerindo que usemos estes métodos?

A classe riu e o instrutor respondeu com ironia:

— Não podemos lhe dizer, sargento Harrison. As mães da América não aprovariam. Além disso, nós negaremos que tal coisa seja ensinada ou pretendida.

## ESPECIALISTA

Talvez isso explique certas atitudes dos policiais e militares americanos de não se envolver. Por exemplo: a principal prisão do Cenimar (Centro de Informações da Marinha) ficava no porão do Ministério da Marinha, perto das docas, no Rio. Sempre que possível os agentes de Inteligência do 5º andar do Ministério esperavam a noite para as torturas, quando saíam os funcionários. Oficiais da Marinha americana, instalados no prédio da missão naval, às vezes ouviam os gritos pelo pátio. Suas atitudes eram de repugnância, mas nenhum deles, nem mesmo o comandante das missões, como o contra-almirante C. Thor

(continua na página seguinte)

# palavras do conselheiro Dan Mitrione

Languth é um conselheiro com seu

lamento nisto pessoas inocentes "Minha mulher motivo para que

é muito jovem. Você sabe, você o viu antes. Você escolhem uma está envolvido a sua própria

outras famílias torturados ou

pessoas inocentes cerca de um anos de 5 anos

de controle da

os movimentos be, não trabalha isto."

acordo com o albalhar melhor. um pouco mais tupamaros não que eles atiram

da — "o que coisas assim diferentes daqui. ai — têm uma

o Uruguai. Ou

o novelista, foi

ao Rio entrevista os brasileiros para escrever um artigo de revista. Um brasileiro com mentalidade histórica lhe disse: "imagino se você sabe que tudo isto — estas torturas, a pena de morte para os atos subversivos, o terrorismo dos guerrilheiros — é novo no nosso país. Já tivemos golpes e mais golpes mas nunca envolveram isto."

"Sim", disse o tupamaro, "acho que a vida é mais barata do que aqui. Portanto..."

"Sim, sim..."

"Portanto..."

"Em outras palavras", Mitrione bocejou. "Desculpe. Tenho certeza de que os uruguaios são diferentes."

"Mas eles também torturam aqui. Brasil é terrível, você sabe. Eu mataria... gostaria de matar o Sr. Fleury. Fleury, chefe do..."

"Da polícia de lá? Chefe da polícia?" Estavam novamente duelando. A pergunta do tupamaro não era tão displicente quanto queria parecer e, embora o Fleury operasse fora de São Paulo, as suas façanhas eram bem conhecidas por pessoas que eram muito menos envolvidas do que Mitrione na campanha da polícia da América Latina contra as guerrilhas.

"Não, você sabe que eles têm esta especial..."

Havia uma terceira pessoa, talvez um guarda, na cela quando Mitrione estava sendo interrogado. Agora ele falou num sussurro o que o tupamaro e Mitrione ambos ignoravam. "Esquadrão da Morte."

"Qual é o nome dele?" perguntou Mitrione.

"Flouri. Floo-rii. Não sei como pronunciam."

"Também não sei. No Brasil? No Rio? Em Brasília?"

"Só sei que é no Brasil. Ele também esteve aqui ensinando. Cerca de 4 ou 5 meses atrás."

"Ah, sim?"

"Sim. Você sabe, o Esquadrão da Morte ou algo parecido."

"Oh, sim..."

Esteve aqui. Em Punta del Este. Não pudemos encontrá-lo". Ele riu.

Mitrione, que tinha rido, disse: "Mas vocês me encontraram, não?"

"Sim. Tudo — temos feito tudo para conhecê-lo. Não eu, que não sabia quem era você até que você me disse e os meus colegas me contaram. Ontem de manhã foi quando o conhecemos de verdade". Para fins de segurança, talvez o Mitrione tivesse sido transferido para uma cela diferente. "Já que não temos nenhuma informação de que não precisamos, não falamos muito. Mas é assim

que a coisa funciona. Mas você deve falar mais do que eu".

"Posso ter um outro copo de água, por favor?"

"Sim". Quando a água foi trazida, Mitrione tomou um longo trago e suspirou.

O tupamaro perguntou, "O que você acha que vai acontecer com a América Latina?"

"Bem", disse Mitrione, "vai acabar dando tudo certo na América Latina. Não me importo. Não sei quanto tempo vai demorar. Mas existem pessoas aqui que amam a vida, existem pessoas em todos os países que amam a vida. Os governos têm problemas a enfrentar, mas um dia vai dar certo. Escreva o que estou dizendo".

"Estou". Dito por um tupamaro, era um juramento.

"Vai ser resolvido. Vai ser resolvido. Todos estes prédios, lojas, escolas e estádios de futebol não apareceram por acaso. Foram construídos por pessoas com inteligência. Não vão ser destruídos da noite para o dia."

"Não. Esperamos que não."

"Não eu sei que não. É só uma questão de quanto tempo vai demorar. Alguns países demorarão mais do que outros."

"Sabe, existem algumas pessoas que gostam muito das coisas que têm e eles têm muitas, muitas coisas. Aí é muito difícil tirar isto deles, você sabe."

"Isto é verdade. Isto é verdade. Este é um dos problemas da América Latina."

"Sabe, existem poucas pessoas que têm tantos interesses: o Bank of America, o First National City Bank e o Manhattan — o Chase Manhattan Bank. Você sabe que eles são muito poderosos."

O guarda preencheu novamente o copo de Mitrione. Ele disse: "Obrigado", tomou um outro gole.

"São realmente muito poderosos", repetiu o tupamaro.

"Isto é algo que dura há centenas de anos. Não é apenas..."

"Sim. Mas temos que acabar com isso."

"O que quero dizer é que é algo bem antigo. Não é algo que acabou de começar."

"Você me dá licença por um minuto?" O tupamaro saiu. Quando voltou, disse: "Bem, agora tenho um outro trabalho a fazer, portanto falaremos mais tarde". Tinham conversado por meia-hora. "Está bem?"

Mitrione disse: "Está bem. Ótimo".

Estas eram as últimas palavras que a sua família ouviu dele e eles ouviram estas palavras muitos dias após a sua morte.



# UMA POLÍCIA QUE DÁ MEDO

O que acontece quando se decide que no combate ao crime toda a violência é válida?

O coronel Rubem Moura Jardim, secretário da Segurança do Rio Grande do Sul, enviou um ofício ao Coojornal dia 7 de março último, solicitando o afastamento do repórter Najjar Tubino de matérias na área policial. Alega o Secretário que o repórter tem-se portado "de maneira repreensível", divulgando "notícias altamente infamantes aos organismos estaduais de segurança, com sérios prejuízos à sua imagem perante a opinião pública e ao bom andamento do serviço".

O coronel Jardim não explica quais seriam as notícias infamantes. Mas é fácil deduzir. Em outubro de 1977, o repórter fez um levantamento mostrando que, apesar de o Secretário ter assumido o seu cargo com a promessa de "uma polícia mais técnica", a violência policial em Porto Alegre atingia níveis preocupantes. No ano passado tocou em outro assunto delicado: o assassinato do sargento Raimundo Soares, há 12 anos sem solução, apesar das evidências que incriminam vários policiais. Em dezembro, por ocasião do seqüestro dos uruguaios Lilian Celiberti e Universindo Diaz, escreveu um artigo na revista Isto É, de São Paulo, sobre a estrutura de poder dentro da polícia, onde se destacam os membros da família Reis (4 irmãos, 1 primo e 1 tio, entre eles o Superintendente dos Serviços Policiais, Leônidas Reis).

Agora fez um levantamento dos principais casos e denúncias envolvendo um grupo de policiais da Delegacia de Furtos e Roubos de Porto Alegre, agrupados na chamada Escuderia Falcão (Falcão é o código de rádio da DFR). Agindo com inteira liberdade, esse grupo fez da DFR um centro de terror — onde à violência (são acusados de pelo menos duas mortes) juntam-se acusações graves como roubo e extorsão.

Esta reportagem, que certamente deflagrou a reação do Secretário, alcançou grande repercussão e agitou os meios policiais gaúchos. Na quarta-feira de cinzas, no mesmo dia em que a revista foi para as bancas de Porto Alegre, o titular da DFR, delegado Romulo Ponticelli, reuniu-se com dois delegados e alguns agentes para discutir o assunto. E convocaram a advogada Clecy Fogliato da Silva, que é curadora da Delegacia de Investigações (assiste aos depoimentos de presos nas delegacias especializadas) e que dera algumas informações para a matéria, relatando um caso acontecido com um cliente seu. Os policiais queriam saber a fonte das informações da reportagem e fizeram veladas ameaças.

No dia seguinte, o vespertino Folha da Tarde registrou a ida do delegado Inácio Angullo à Assembléia Legislativa para mostrar a reportagem aos deputados arenistas Pedro Américo Leal, ex-superintendente de Polícia, de grande influência no meio policial, e ao delegado Cícero Viana. Leal deixou uma reunião pelo meio para ler a matéria, que Angullo lhe passou dizendo:

— Olha só essa bomba... isto só pode ter partido de gente lá de dentro.

Dias depois, da tribuna da Assembléia, o líder do MDB, deputado César Schirmer, pedia providências do governador Sinval Guazzelli em relação às denúncias, afirmando:

— A garantia dos silêncios dos superiores e a certeza da impunidade enseja os crimes mais horrendos, as extorsões mais audazes, as violências mais escancaradas.

A Delegacia de Furtos e Roubos é a maior especializada do Estado, com cerca de 120 policiais e ali obviamente a tortura é institucionalizada, tendo um lugar especial para ela — a sala do pau, uma peça ampla, piso de cimento sempre molhado e os instrumentos necessários: pau-de-arara, maricota (máquina de choque), palmatórias de pneu, e diversos tipos de cacetetes — o Nelson Ned, um caibro 8/8 curto, o chora-malandro, que é um pouco maior. O capa-preta, todo forrado de borracha com pneu na ponta, e o Idi-Amin, todo revestido de borracha.

O atual esquema começou a ser montado em abril de 1977, quando o delegado Ponticelli assumiu a DFR, levando para a



Lula, um traficante desaparecido em 1977 e o casal de paulistas que passou 12 dias no xadrez da Delegacia de Furtos. Dois casos que implicam homens da equipe montada pelo delegado Romulo Ponticelli (foto abaixo à esquerda) na DFR



chefia da Seção de Assalto os inspetores Clarício Frota Dornelles e Silvio Armando Kobielski, que eram da Delegacia de Tóxicos na época em que surge o primeiro caso — o desaparecimento do traficante Álvaro Berilo dos Santos, até hoje não esclarecido e por cuja morte vários agentes da DFR estão sendo processados.

Em seu trabalho o repórter recolheu seis casos, como o de Lula, que ilustram bem os métodos empregados na DFR. Aqui, um resumo de cada um deles:

## (1) CASO LULA

Álvaro Berilo dos Santos, o Lula, dava dinheiro a alguns policiais que lhe garantiam cobertura para o tráfico de drogas. A taxa semanal era Cr\$ 5 mil e os policiais queriam aumentar para Cr\$ 8 mil. Mas o negócio andava mal, Lula não topou e ameaçou denunciar os policiais. Ele deveria depor na Justiça no final de abril, num processo anterior por tóxicos. Era um momento adequado para virar a mesa se quisesse. Então, antes da audiência, Lula sumiu.

"Só não conseguimos achar o corpo, a única coisa que falta para chegarmos ao fundo do poço", diz o delegado Frontino Araújo de Ville, que dirigiu as investigações. O inquérito levou quase dois anos, mas quando chegou à Justiça em dezembro último foi considerado perfeito pelo promotor Dirceu Pinto. As provas nele contidas incriminam 5 policiais por extorsão, lesões corporais graves, falsidade ideológica e outros. São eles: Clarício Dornelles, Silvio Armando Kobielski (na subchefia da DFR), os agentes Leal Machado, João Eugênic dos Santos (o Luisão), Jorge Alberto da Silva (o Jorge Petição) e o carcereiro Arino Vergílio Isaac. Segundo o promotor Dirceu Pinto, eles serão denunciados ainda neste mês de março.

## (2) MORTO POR ENGANO

Adair da Silva, 42 anos, instalador hidráulico, com 5 filhos, foi condenado a seis meses de prisão em maio de 1977 por ter espancado a mulher. Foi preso pela 1ª Delegacia e foi levado para a cadeia da DI (Delegacia de Investigações), conhecido como o Xadrez do Furtos porque fica ligado à DFR. Cinco dias depois estava morto dentro do xadrez. No início deste ano, o Juiz da 5ª Vara Criminal, Moacir Danilo Rodrigues, pelo laudo médico, constatou que ele sofreu torturas antes de morrer e mandou abrir inquérito. Adair, que era somente um alcoólatra, foi confundido com algum ladrão e morto por engano.

## (3) ARI, O CONTRABANDISTA

"Nunca vi uma coisa igual", disse o promotor Hélio Barbosa Leal ao ouvir o

depoimento do contrabandista Ari de Oliveira. Preso por Clarício Dornelles e mais dois policiais, sob a suspeita de contrabandear armas e tóxicos para assaltantes, Ari esteve três dias no xadrez. Cinco dias depois de ter saído em liberdade ele foi carregado por um filho e um vizinho até a Coordenadoria dos Promotores para contar as torturas que tinha sofrido. Dia 26 de dezembro, oito dias depois do seu depoimento ao promotor, ele morreu no hospital, em Canoas. Ainda no corpo as marcas das brutais torturas que sofreu, segundo revela o laudo médico. A polícia fez um inquérito sem indiciar nenhum culpado, mas o promotor não aceitou e mandou complementar para esclarecer "quem prendeu" e "quem mandou prender". Está em andamento.

## (4) CASAL DE PAULISTAS

Júlio Barramacher, gaúcho que mora há 7 anos em Santos, e sua mulher Solange, de 19 anos, nunca esquecerão aquela viagem. Eram noivos na época (agosto de 78) e Júlio trouxe Solange ao Sul para apresentar à família. Estavam na casa de um amigo — Luis Fernando Dreher — no bairro de Ipanema, onde, além do dono da casa, estava outro casal de amigos que viajara junto.

Viajaram de carro, junto com outro casal de amigos — Antônio da Costa Pinheiro, ex-técnico em Grafologia no DEIC de São Paulo, e Maria Amélia Porsone. Estavam os quatro e mais Gilberto (filho do primeiro casamento de Júlio Barramacher) na casa do amigo Fernando Dreher, era meio-dia e eles se preparavam para assar um frango, quando chegaram oito homens armados de metralhadora e espingarda de calibre 12, cano cerrado, comandados pelo delegado Romulo Ponticelli.

"Estão todos presos, são assaltantes, vão para a cadeia", disse o Delegado, acusando-os de terem assaltado, dias antes, a agência Floresta, do Banrisul. O único indício concreto era o Passat preto de Maria Amélia, que era igual ao usado pelos assaltantes, mas eles foram todos para o xadrez, com exceção de Dreher e sua mulher Ana, que na hora haviam saído para comprar bebidas e só foram presos depois. Ficaram 12 dias presos. Procurado pelo Coojornal em Santos, Barramacher contou:

— Ficamos no xadrez 1 e as mulheres no 2. De vez em quando o Clarício entrava na cela e dizia: "Como é coroa, tu não vai contar tudo, tu é o chefe da gang". No sexto dia, me tiraram de madrugada e fui levado para a Delegacia de Alvorada, junto com o delegado Apolo. Lá fiquei num calabouço sem comer, nem beber, até que um preso me levou comida. No xadrez do Furtos a gente tomava água da latrina e tinha que brigar por um pedaço de pão.

Solange também falou:

— Fiquei totalmente fora de mim, esqueci até meu nome. Só sabia chorar. Nos interrogatórios, diziam que o Júlio era traficante. Um inspetor, um tal de Antoninho, me fazia tirar a roupa e um dia tentou me agarrar no banheiro. Junto tinha duas mulheres grávidas.

Na delegacia de Alvorada, Júlio Barramacher recebeu a visita do advogado Dilmair Machado, que lhe deu uma promissória para assinar, dizendo que metade era para os policiais. "Depois veio um cara aqui em São Paulo dizendo que tinha negociado a promissória com o Dilmair. Mas eu não paguei". Barramacher diz ainda que desapareceram 20 mil cruzeiros que eles tinham e um terno de Antônio Pinheiro. "Eles ainda queriam ficar com o Passat de Maria Amélia. O Clarício e o Sílvio ficaram indignados porque não conseguiram ficar com o carro", conta Antônio Pinheiro.

E a avó de Gilberto, Dona Henriqueta, diz que o advogado Dilmair Machado, naqueles dias, telefonava diariamente para seu neto dizendo que precisava libertar seu pai. No final Gilberto acabou dando uma moto Yamaha 350 cilindradas para o advogado.

Mas a história não terminou aí. No início de dezembro Gilberto entrou com uma representação no Departamento de Polícia Metropolitana denunciando todos os fatos (foi aberta a sindicância nº 7.653). E a partir daí passou a ser perseguido. Em fins de dezembro a DFR prendeu uma ex-namorada sua, a comerciante Neusa Maria Machado, para saber onde andava Gilberto. Neusa foi levada para a Praia do Lami, num Volks, acompanhada dos inspetores Clarício, Júlio César e um outro chamado Zé. Sofreu 45 minutos de choques elétricos e ameaças de ser afogada. No início de março, Gilberto foi preso pela Polícia Federal sob a suspeita de tráfico de drogas, embora nada fosse encontrado em seu poder.

## (5) COM MEDO DE MORRER

O paulista José Augusto Lavoratto, 25 anos, desquitado, chegou a Porto Alegre no final de agosto do ano passado no seu Volks 1.300. Foi preso 15 dias depois sob a acusação de ter roubado um toca-fitas na empresa onde estava trabalhando. Ficou 20 dias preso, tomando água da latrina e sofrendo torturas. Depois foi solto, colocado num ônibus e avisado de que nada deveria contar se não quisesse morrer.

Procuramos seu pai, que é operário de uma indústria em São Paulo, mas ele não quer falar para não criar problemas para o filho. A mãe, Dona Ana, disse apenas: "Ele chegou aqui parecia um bicho, tinha sarna e doença venérea. Tiraram o carro e o dinheiro (ele saiu de São Paulo com Cr\$ 20 mil) que ele tinha no Banco e até as roupas que estavam na lavanderia".

## (6) O CASO DOS ARGENTINOS

Enri Alberto Freire e Josefa Amparo vieram passar a lua-de-mel em Porto Alegre. Dormiam num quarto do Hotel Conceição II, quando por volta das 5 da manhã foram surpreendidos por 5 homens armados. Eram os inspetores Firmino Garcia da Rosa, Dirceu Elias e José Carlos Walterman, chefiados pelo delegado Ponticelli. Buscavam suspeitos de roubo. Os dois argentinos ficaram 5 dias presos. Enri teve até os cabelos que havia implantado arrancados. Mas, antes que eles saíssem surgiu o pai de Enri, o comerciante Adolfo Pedro Freire, 59 anos, que combinara de encontrá-lo em Porto Alegre. Também foi acusado de roubo e soube que deveria pagar Cr\$ 15 mil cruzeiros para conseguir a liberdade do filho e da nora. O velho ficou de levar o dinheiro no dia seguinte, mas em vez disso foi ao Consulado e o Cônsul entrou em contato com a Secretaria da Segurança. Na hora da entrega, os policiais foram presos. Foi aberta uma sindicância e os três foram transferidos (o nome do delegado Romulo não aparece). Os argentinos foram embora sem Cr\$ 12.300,00, um relógio de pulso, as alianças, anéis, um canudo de pescaria e um cinto de couro.



# UM CARTEL CHAMADO COPERSUCAR

Já não existe mais o regime de urgência para votação que acompanhava o Projeto de Lei 5.727 que o Governo Federal encaminhou ao Congresso em novembro do ano passado, na tentativa de regularizar a situação da Copersucar e de outras cooperativas de usineiros.

Desde 1971, data da nova Lei Cooperativista Brasileira, estas empresas estão ilegais por não obdecerem a algumas normas básicas, sendo consideradas pelas cooperativas autênticas como "verdadeiros cartéis que só visam o lucro".

O que leva a Copersucar, a Coperflu, a Cooaçúcar e outras cooperativas de usineiros a lutarem para se enquadrarem no Cooperativismo é a tentativa de auferir, ao mesmo tempo, vantagens concedidas às sociedades anônimas e às cooperativas.

Como cooperativas, elas estão isentas do pagamento do Imposto de Renda (que na cooperativa é pago individualmente por cada um de seus associados) e isentas também do Imposto sobre Operações Financeiras. E ainda, no caso destas cooperativas de usineiros, dispõem de linhas de financiamentos especiais, com juros baixos, no Instituto do Açúcar e do Alcool.

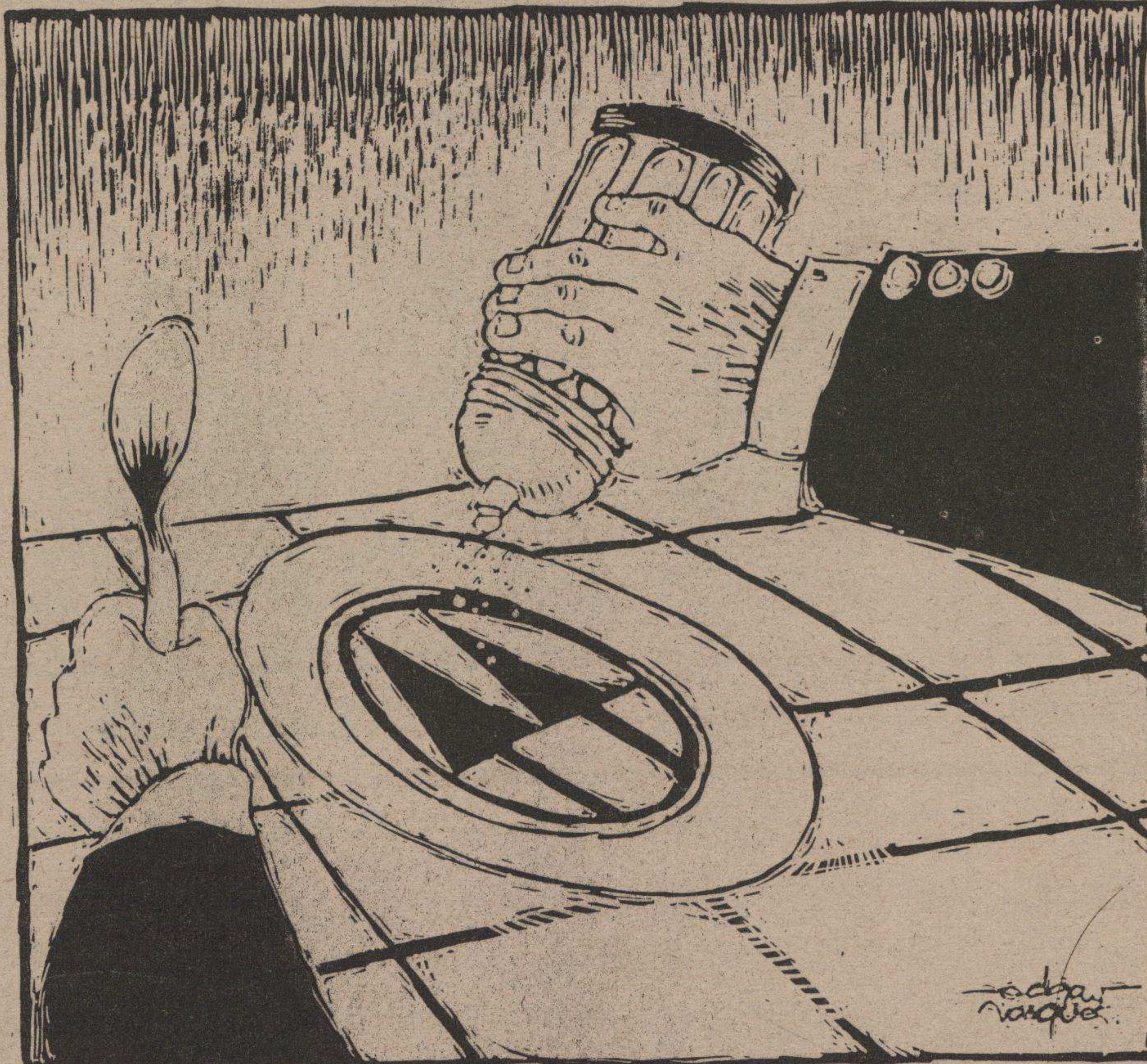
O presidente da Organização das Cooperativas do Estado de São Paulo, Geraldo Diniz Junqueira, argumenta: "Não nos importa que o Governo queira dar subsídios e facilidades para as usinas. O setor açucareiro pode até merecer vantagens. Mas não aceitamos que essas facilidades venham com o nome e a forma de cooperativa".

Junqueira, que agora se afasta da Ocasep para assumir o cargo de Secretário da Agricultura de São Paulo, diz que, no mínimo, as cooperativas brasileiras pretendem que seja retirado o artigo 6º do Projeto de Lei, pelo qual "nos casos omissos aplica-se, no que couber, o disposto na Lei 5.764", que é a Lei Cooperativista. "Ora", diz ele, "se o Governo quer proteger as usinas, que proteja, mas não se venha com o nome de cooperativa nem invoque a Lei Cooperativista para os casos omissos". E acrescenta com ênfase: "Nós não queremos contágio. Não queremos contágio! É o mínimo que pedimos".

Entre outros problemas, as cooperativas autênticas vêm neste projeto do Executivo o perigo de, assim como as usinas, outros setores industriais pretenderem formar cooperativas, o que, na prática, seria uma legalização de cartéis.

O próprio exemplo da Copersucar é preocupante: já recebeu pelo menos 800 multas da Sunab por não cumprir o tabelamento de preços. E contra ela existe ainda no Cade, em Brasília, um processo por abuso de poder.

Liderados pela OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras — os dirigentes de cooperativas vão se reunir no fim de março em Brasília para se manifestarem publicamente contra o Projeto 5.727. O encontro objetiva fundamentalmente atrair a atenção dos deputados e senadores para este projeto que é considerado uma violência contra a própria doutrina cooperativista.



## Em 78, faturamento de 15 bilhões de cruzeiros

Fundada em 1959, a Copersucar vai fazer 20 anos em julho próximo. No início, tinha sete associados. Hoje, tem 74, a maioria de São Paulo e uns poucos espalhados pelo Rio, Paraná, Minas, Goiás e Mato Grosso. A produção das usinas associadas da Copersucar representa 50% do açúcar produzido no País e 60% do álcool.

Como empresa criada para vender a produção de açúcar e álcool de suas associadas, a Copersucar é uma potência só superada por empresas estatais e estrangeiras. No anuário *Melhores e Maiores*, da revista *Exame*, relativo ao ano de 1978, a Copersucar apareceu em 17º lugar entre as maiores empresas brasileiras (critério de vendas líquidas). Na sua frente, estavam seis estatais (como a Petrobrás e a Embratel) e dez estrangeiras (como a Shell, Light, Ford e Sanbra). Depois da Copersucar, a primeira empresa de capital brasileiro a aparecer era a Petróleo Ipiranga (21º lugar), seguindo-se a Mesbla (24º) e a Varig (25º).

No mesmo anuário de *Melhores e Maiores*, numa análise sobre o setor de alimentos em que a Nestlé apresentava o melhor desempenho, a Copersucar mereceu destaque especial como "a empresa mais endividada do setor". Em 1978 (segundo o balanço fechado em maio), a Copersucar realizou vendas de 15 bilhões de cruzeiros. Seu endividamento era de 86,5%, ou seja, de cada 100 cruzeiros que possui, deve 86,50 cruzeiros. É um índice elevadíssimo, mesmo se comparado ao endividamento médio das empresas brasileiras (60%), reconhecida-mente alto.

### INFLUENTES AMIZADES

Embora fundada em 1959, a Copersucar só ganhou impulso a partir de 1967, ano em que muitas usinas de açúcar estavam em situação pré-falimentar, em consequência da crise setorial na safra 65/66. Foi nessa época que começou a aparecer com desenvoltura a figura de Jorge Wolney Atalla, presidente da Copersucar. Descendente

de imigrantes libaneses, formado em Engenharia do Petróleo nos Estados Unidos, ele trabalhou na Petrobrás entre 1951 e 1958. Nesse período um dos seus chefes foi o então coronel Ernesto Geisel. Em 1959, Atalla havia comprado uma usina semifalida em Jaú (SP). Um dos sócios fundadores da Copersucar foi inicialmente seu secretário-executivo. Já em 1960 era o diretor-superintendente, cargo que passou a acumular (até hoje) com o de diretor-presidente.

Para o deslanche da Copersucar a partir de 1967, Atalla valeu-se bastante de suas influentes amizades nos meios governamentais e militares, que aliás já se confundiam bastante naquele período. Os associados da Copersucar, impressionados com a desenvoltura de Atalla, não hesitaram em fazer-lhe um empréstimo pessoal para que ele pudesse salvar da falência a sua usina de Jaú. Assim, ainda em 1967, cada associado da Copersucar emprestou 100 mil cruzeiros a Atalla, sem juros nem correção monetária. Em troca, Atalla empenhou-se ao máximo para fazer da Copersucar a potência que é hoje: a maior empresa privada brasileira, com tal poderio que funciona ilegalmente como "cooperativa", embora seja um cartel de fabricantes de açúcar e álcool. Seu exemplo foi seguido em mais quatro Estados, onde funcionam cooperativas similares: Rio, Minas, Alagoas e Pernambuco.

### SEM ESCLARECIMENTOS

A história da Copersucar é nebulosa. Sua atividade é cercada de cuidados e segredos semelhantes aos existentes em certas empresas estatais e grandes estrangeiras. Na verdade, tanto a história como a atividade da Copersucar confundem-se muito com a história e a atividade de seu presidente, Jorge Wolney Atalla, um homem afável, simpático, bem falante, bem relacionado, mas extremamente escurrido e misterioso. A semelhança de Atalla, que não dá entrevistas mas faz declarações e pronunciamentos, a Co-

persucar presta poucos esclarecimentos ao público, pois prefere fazer pressões aos setores do Governo. Por seu próprio estilo calcado em Atalla — identificado com a linha dura das Forças Armadas e patrocinador financeiro dos grupos policiais-militares de combate à subversão política, junto com empresários como Adolpho Lindenberg —, a Copersucar acabou se tornando uma espécie de empresa paragovernamental, desfrutando de privilégios especiais, dos quais o maior é de funcionar ilegalmente.

Em decorrência desse privilégio fundamental, a Copersucar desfruta simultaneamente das vantagens de um cartel (que não são poucas) e dos direitos de uma cooperativa (o principal é a isenção do Imposto de Renda).

Como cooperativa, a Copersucar usufrui das seguintes vantagens:

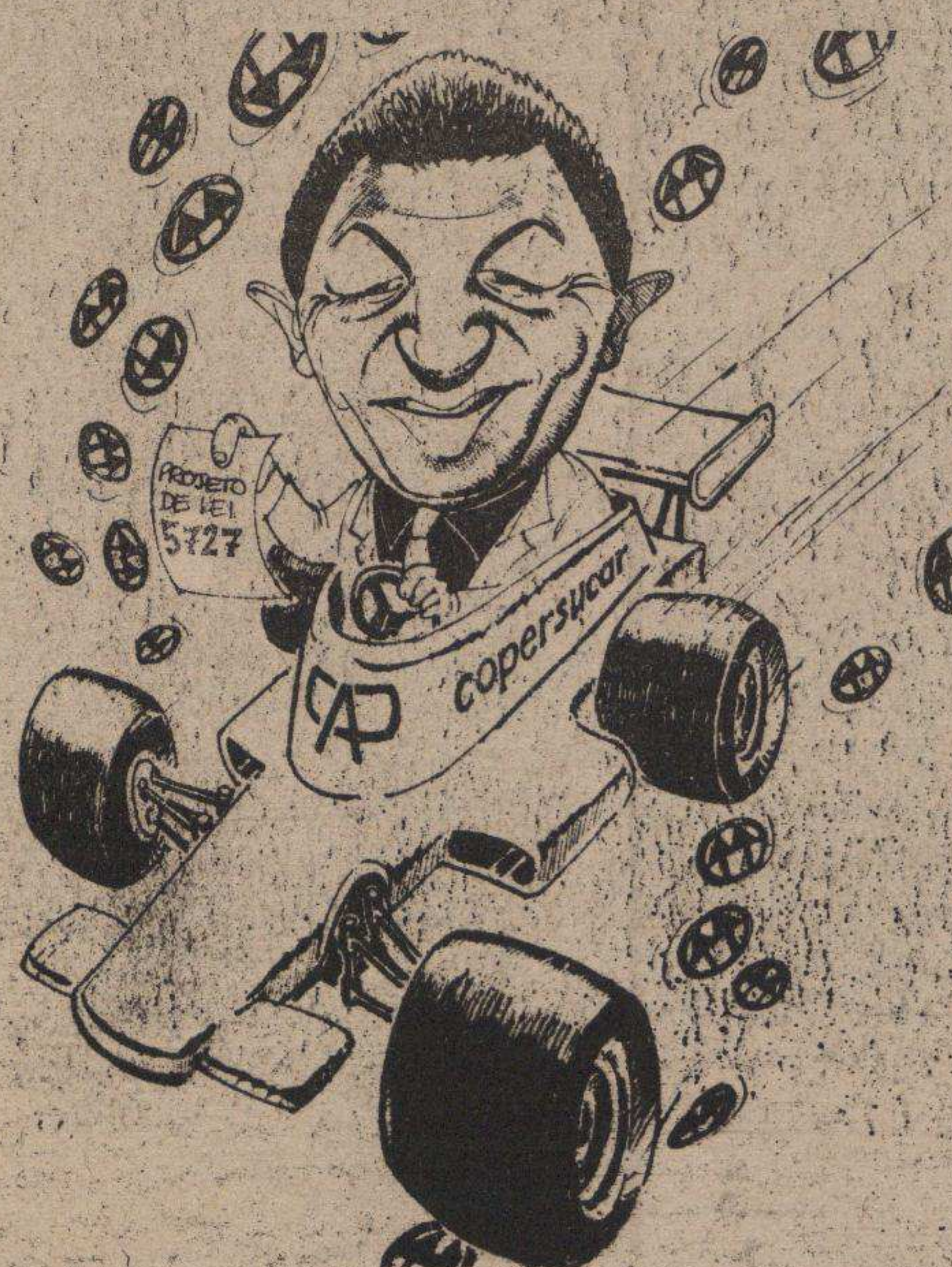
1. Isenção do Imposto de renda (pela lei, deve ser pago individualmente por cada associado).
2. Isenção do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) para algumas transações financeiras (não todas).
3. Economia de custos de assistência técnica e de pesquisa para as usinas associadas.
4. Economia de custos na compra de fertilizantes, sacaria, produtos químicos e outros insumos e equipamentos adquiridos diretamente das fábricas por preços especiais.
5. Economia de custos na comercialização de açúcar e álcool.
6. Negociação coletiva de quotas de safra e financiamentos junto ao Instituto do Açúcar e do Alcool (a Copersucar pode repartir quotas de produção e créditos de acordo com as necessidades de cada usina).

### MULTAS E PROCESSOS

Já em decorrência de sua atuação monopolística, a Copersucar realiza as seguintes práticas:

1. Antes do início de cada safra canavieira, que inicia em maio na região Centro-Sul, a Copersucar promove uma reunião de todas as suas usinas para estabelecer os preços a serem pagos aos cortadores de cana (bóias frias), garantindo assim que as usinas não competirão entre si pela mão-de-obra e evitando que os trabalhadores possam negociar melhor remuneração.
2. Estabelece ágio no preço tabelado do açúcar para os grandes compradores; a associação nacional dos supermercados já reclamou desta prática; a Sunab, em 1975, aplicou quase 800 multas na Copersucar por descumprimento da tabela; desde 1976, corre no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE), no Rio, um processo contra a Copersucar por abuso de poder econômico — a reclamação foi feita por um grande cliente.
3. Cobra a mais no preço do álcool a grandes indústrias; queixas disso já foram feitas pela Rhodia; a Copersucar fez grande barulho quando o Governo demonstrou a intenção de estatizar a distribuição do álcool no País; o Governo desistiu da idéia.
4. Mantém um atuante lobby no Instituto do Açúcar e do Alcool, para conseguir vantagens nos financiamentos; e nas quotas de produção de açúcar e álcool; em 1972, logo depois de obter um grande financiamento no IAA para comprar a Usina Central do Paraná, em Porecatu, Atalla levou para trabalhar consigo em Porecatu o vice-presidente do IAA, um dos dirigentes que havia autorizado o empréstimo — que, aliás, ainda não foi pago.

Com tamanho poder financeiro econômico e político, nada mais lógico do que fazer um arranjo legal para colocar a Copersucar e suas co-irmãs dentro da lei. O projeto de lei nº 5.727, enviado pelo Governo ao Congresso em novembro de 1978, permitindo o funcionamento de cooperativas de usinas de açúcar, não faz menos do que confirmar a previsão de Atalla de que, mais dia menos dia, a legislação se adaptaria à Copersucar, já que a Copersucar não se adaptou à lei das cooperativas baixada em 1971.





"Com o poder da Copersucar, o Atalla manda e desmanda no Instituto do Alcool e do Açúcar"

## Instrumento ilegal, para sonegar Imposto de Renda

Brasília, 21 de fevereiro de 1979.

Os líderes das cooperativas autênticas pedem ao ministro da Agricultura a retirada do projeto de lei que legaliza os cartéis dos usineiros de açúcar, ditos cooperativas.

No mesmo instante, em outro prédio ministerial, a poucos metros dali, uma comitiva de usineiros de vários estados reclama melhores preços para a cana e para o açúcar ao ministro da Indústria e do Comércio.

Tudo muito claro: no Ministério da Agricultura, as cooperativas verdadeiras; no da Indústria e do Comércio, as falsas cooperativas, representadas por industriais como Jorge Wolney Atalla (Copersucar) e Antônio Evaldo Inojosa de Andrade (Coperflu).

Um detalhe importante é que na comitiva dos usineiros ao Ministério da Indústria e do Comércio estavam vários plantadores de cana, membros de associações e cooperativas de agricultores. Apenas em São Paulo, existem 11 cooperativas de plantadores de cana, além de outras 13 associações.

Como explicar a presença de plantadores de cana (sócios de cooperativas) numa comitiva liderada pelo famigerado Jorge Wolney Atalla?

— Quando pega fogo no mato, o leão e o carneiro bebem água na mesma fonte — responde Roberto Rodrigues, presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Guariba, no interior de São Paulo, e vice-presidente da Organização dos Plantadores de Cana do Estado de São Paulo (Orplana).

Em outras palavras, os plantadores de cana se unem aos usineiros para reivindicar melhores preços ao Governo, que controla a atividade canavieira-açucareira de ponta a ponta. Agora, filosoficamente, os plantadores de cana que participam de cooperativas são contra o projeto 5.727 que legaliza as "cooperativas" de usineiros.

— O Cooperativismo se insurge contra o projeto 5.727 porque ele representa uma violência contra um instrumento legal filosoficamente puro que é a Lei das Cooperativas — afirma Roberto Rodrigues, filho de Antônio Rodrigues Filho, ex-vice-governador paulista, ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras e atual presidente da Cooperativa Central Agrícola de Campinas, uma das maiores do Brasil.

Nesta entrevista ao *Coojornal*, Roberto Rodrigues (considerado o maior plantador de cana do Brasil, com uma produção de 135 mil toneladas anuais, o suficiente para uma produção de 200 mil sacos de açúcar) explica a posição dos plantadores de cana diante dos usineiros e suas falsas cooperativas.

— Os fornecedores de cana são contra os usineiros ou muito pelo contrário? RODRIGUES — Vamos por partes. O moderno fornecedor de cana não é contra o usineiro, mas contra a política econômica do Governo, que favorece a usina em detrimento do plantador de cana. Ou seja, como costuma acontecer, a indústria ganha e a agricultura perde.

— Mas a maioria dos plantadores de cana não gosta dos usineiros, não é verdade?

RODRIGUES — Isso vem muito por conta do que ocorreu no início da década de 60, quando o Governo estimulou o plantio de cana e a expansão das usinas, prevendo que o boicote econômico a Cuba abria uma grande chance ao açúcar



Atalla: trânsito livre no Governo para defender a Copersucar

brasileiro no mercado internacional. Tanto os plantadores autônomos como as usinas aumentaram suas lavouras, mas não houve expansão do mercado externo nem do mercado interno. Então, o que aconteceu? Ora, os usineiros cortaram e esmagaram a cana de suas próprias lavouras, enquanto os fornecedores autônomos ficaram na mão. Muitos perderam a cana na lavoura. Daí em diante houve uma grande deterioração das relações entre fornecedores e usineiros.

— E atualmente como estão as coisas entre fornecedores e usineiros?

RODRIGUES — Estão melhorando, mas os plantadores de cana não têm unidade nem força política. As cooperativas e associações de fornecedores são comandadas em sua maioria por líderes regionais que ainda pensam que os usineiros roubam na balança.

— Os usineiros não roubam na balança?

RODRIGUES — Isso não existe mais. Os usineiros são empresários sofisticados, daí a Copersucar funcionando à margem da lei para provar que hoje eles saem ganhando de outras formas.

— Como os usineiros levam vantagem hoje em dia?

RODRIGUES — Em primeiro lugar, eles se beneficiaram da filosofia concentradora do ministro da Fazenda de governos anteriores, Delfim Netto, que resolveu que o fornecedor de cana independente devia sair do circuito para reduzir os custos de produção dos usineiros. Então, ainda na década de 60, os usineiros passaram a comprar todas as terras próximas das usinas, aproveitando-se do fato de que os plantadores de cana, principalmente os pequenos e médios, sempre levaram na cabeça com a política de preços do Governo, que beneficia a indústria em detrimento da agricultura. Mas hoje o plantador de cana, que volta a ser interessante para as usinas, por causa do custo do transporte da cana, não joga a culpa no usineiro. Pois foi o capitalismo aplicado à economia açucareira que gerou todas as distorções, enfraquecendo os plantadores e dando poder econômico extraordinário para as usinas. E como no Brasil o poder civil decorre do poderio econômico, são os usineiros que mandam, pois eles têm muito dinheiro.

— Quais as outras vantagens dos usineiros sobre os fornecedores de cana?

RODRIGUES — Um bom exemplo é a utilização de financiamentos do Fundo Especial de Exportação. Entre 1973 e 1974, a cotação internacional do açúcar saltou de 270 dólares por tonelada métrica para 1.500 dólares. Como a exportação é feita pelo Governo, através do Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), o diferencial entre o preço internacional e o custo da cana para o IAA foi transformado num Fundo Especial para financiar a modernização do setor açucareiro.

Agora, quem usou a maior parte dos financiamentos foram as usinas. Elas ficaram com 87% dos recursos e os fornecedores com 13%. Mas pelo menos 30% dos recursos do Fundo Especial de Exportação foram gerados pelos fornecedores. Por aí se vê como, mais uma vez, os fornecedores de cana subsidiaram as usinas. Você diria que a culpa é dos usineiros? Eu, se fosse usineiro, pegaria os financiamentos, que são baratíssimos. Os usineiros apenas se aproveitam da política econômica, essa sim errada.

— E as outras vantagens dos usineiros sobre os fornecedores?

RODRIGUES — Bom, quem olha um plano de safra do IAA, imagina que, se há injustiças, elas atingem igualmente os fornecedores e os usineiros, pois é tudo tabelado, desde o preço da tonelada de cana até o preço do açúcar refinado vendido no varejo. Não é assim. O paralelis-

mo de preço entre a cana e o açúcar, por exemplo, favorece a usina. Por quê? Porque, ao longo dos anos, a política econômica do Governo privilegiou a indústria e desfavoreceu a agricultura. Tanto que a produtividade industrial cresceu muito mais do que a produtividade agrícola. Nem poderia ser diferente, pois toda a ênfase foi dada ao avanço da técnica industrial, enquanto a técnica agrícola foi esquecida.

— A legislação açucareira favorece as usinas?

RODRIGUES — Claro que as usinas se aproveitam de todas as brechas permitidas pela lei. Há uma malandragem, por exemplo, que dá muito lucro às usinas. É o seguinte. A lei permite que as usinas estabeleçam um ágio de 5% a 10% no preço do açúcar superior, em relação ao açúcar standard. Então, o que fazem as usinas? Só fazem açúcar superior, é claro, usando a mesma cana fornecida por nós plantadores. Hoje, 60% da produção de açúcar é superior.

— Qual o papel das cooperativas de usineiros?

RODRIGUES — O Cooperativismo é um instrumento usado pelos usineiros para não pagar Imposto de Renda.

— O senhor sabe quanto representa o Imposto de Renda não pago pela Copersucar?

RODRIGUES — Ah, não sei! Também não sei quem pode saber. Decerto o Atalla sabe, mas não será ele que vai dizer.

— Mas não existem outras vantagens para a Copersucar?

RODRIGUES — Existe uma vantagem natural, isto é, o poderio econômico da Copersucar lhe assegura uma série de privilégios políticos. Por exemplo, todo mundo sabe que o Atalla manda e desmanda no IAA.

— O plantador de cana independente leva alguma vantagem com a Copersucar?

RODRIGUES — Vantagem nenhuma. A Copersucar é um cartel comandado pelo Atalla para aumentar o lucro dos usineiros. É um negócio ilegal. Uma falsa cooperativa que o Governo quer legalizar. Uma aberração.

(continua na página seguinte)

# Estudante inteligente fica sócio da Cepal.



Canetas COMPACTOR

Cadernos PROPASA

COOPERATIVA DOS ESTUDANTES DE PORTO ALEGRE  
André da Rocha, 216  
Presidente Roosevelt, 1344  
Assis Brasil, 2642



“É um tumor escandaloso e intocável”, diz um usineiro que brigou com a Copersucar



## Canaçúcar, outra que está à espera da lei

Além das cinco cooperativas açucareiras já conhecidas — Copersucar, Coperflu, Copaminas, Copalagoas e Copapernambuco —, está na boca para se registrar a Canaçúcar, formada por usineiros paulistas que brigaram com a Copersucar.

A Canaçúcar, embora sem licença para funcionar, já existe na prática. Sua ata de constituição é de maio de 1977. Como não conseguiu registro no Incra, a Canaçúcar recorreu ao Conselho Nacional de Cooperativismo, que também negou o registro.

Desde então, a Canaçúcar passou aos contatos com altos funcionários do Ministério da Agricultura e do Ministério da Indústria e do Comércio, fornecendo subsídios para a elaboração do projeto de lei que autoriza o funcionamento das cooperativas de pessoas jurídicas. Consta mesmo que a Canaçúcar fez mais pressão do que a Copersucar para conseguir o projeto de lei.

Enquanto não entra no esquema de cooperativa, a Canaçúcar continua funcionando com seu nome antigo, ou seja, Sociedade dos Produtores de Açúcar e Alcool do Estado de São Paulo (Sopral). Como sociedade comercial, a Sopral existe desde maio de 1975. Atualmente, tem 14 associados, que serão os sócios da Canaçúcar. São todos usineiros ou donos de destilarias de álcool. Eis a lista:

— Usina Vale do Rosário — possui

vários sócios, entre eles o Grupo Zanini, de Ribeirão Preto, e Pedro Tassinari Fº, ex-secretário da Agricultura de São Paulo.

— Usina Santa Elisa — pertencente à família Biagi, que controla o Grupo Zanini, de Ribeirão Preto.

— Usina Santa Lidia — pertencente à família Ribeiro Pinto, que também possui a fábrica de colheitadeiras de cana Santa, de Ribeirão Preto.

— Usina da Barra — família Ometto, conhecido “Rei do açúcar”.

— Usina Costa Pinto — família Ometto.

— Usina Santa Bárbara — família Ometto.

— Usina Monte Alegre — família Ometto.

— Usina Maracá — pertencente a Edgar Andrade Reis.

— Usina Nova América — pertencente a Renato Barbosa.

— Usina Itaiquara — pertencente a João Bravo Caldeira.

— Usina São Bento — pertencente a Arlindo Dias Pacheco.

— Usina Maluf — pertencente a Chedid Maluf.

— Usina Ester — pertencente a José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário da Educação do Estado de SP no Governo Paulo Egydio Martins.

— Destilaria Alcídia — família Biagi (Grupo Zanini).

### VANTAGENS

Segundo Fernando Andrade Reis, secretário-executivo da Sopral-Canaçúcar, a formação da nova cooperativa tem dois objetivos fundamentais:

1. Unificar a assistência técnica às usinas e destilarias;

2. Comercializar amplamente a produção das usinas e destilarias.

Num sentido mais amplo, a intenção básica é reduzir os custos operacionais das empresas associadas, a exemplo do que já fazem as outras cooperativas açucareiras. “A atividade açucareira é totalmente controlada pelo Governo, desde a produção de cana até o preço de varejo do açúcar”, explica Andrade Reis. “Portanto, o excesso de controle estatal é que leva à necessidade de se cooperativar para diminuir custos”.

Atualmente, a legislação da atividade açucareira já pressupõe a formação de grêmios cooperativos. Tanto que o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) tem uma linha de financiamentos especiais para as usinas que participem de cooperativas. Além disso, toda usina cooperada tem a vantagem de negociar para mais ou para menos sua quota de produção em acordo com outras usinas cooperadas.

O presidente da Sopral, Eduardo Diniz Junqueira, que dirige também as Usinas Vale do Rosário e Santa Elisa, está preocupado com a campanha das cooperativas autênticas contra o cooperativismo empresarial. Virtual presidente da Canaçúcar, afirma que deseja apenas “o fim da discriminação legal: ou o Governo acaba com a Copersucar, ou permite que nós também formemos a nossa cooperativa”.

Segundo Diniz Junqueira, no regime capitalista em que vivemos não há mais lugar para o “cooperativismo puro do século passado”. Assim, ele garante que as cooperativas de pessoas jurídicas tornaram-se comuns no mundo ocidental. Aos que vêm nesse tipo de cooperativa nada mais do que um cartel de produtores, Junqueira argumenta que a economia açucareira, no Brasil, é totalmente controlada pelo Estado, o que impediria atividades monopolísticas.

### TUMOR INTOCÁVEL

“Sou a favor das cooperativas de pessoas jurídicas”, diz Junqueira, “mas aceito qualquer decisão do Congresso contra o projeto de lei enviado pelo Governo. O que não aceito é a existência de dois pesos e duas medidas dentro do mesmo setor. É por causa da discriminação que a Copersucar se transformou num tumor escandaloso e intocável. Havendo uma lei, todas as cooperativas serão fiscalizadas”.

O rancor dos sócios da Sopral-Canaçúcar contra Atalla vem desde o início da década de 70, quando aconteceram as primeiras brigas entre eles. A primeira briga foi por volta de 1971. Alguns usineiros, descontentes com a megalomania e o Centralismo de Atalla no comando da Copersucar pediram uma vitória nas contas da cooperativa, de acordo com a lei. Queriam saber quais as usinas que deviam à Copersucar. Havia uma série de usinas empenhadas junto à Copersucar, mas o principal objetivo dos usineiros descontentes era provar que Atalla usava o cargo de presidente para usar o dinheiro da cooperativa em suas próprias usinas (que são três).

O problema é que Atalla, contrariando a lei, não mostrou os livros nem permitiu auditoria. Os descontentes entraram com um mandado de segurança na Justiça Federal mas, surpreendentemente, perderam. Alguns pediram demissão. Outros ficaram até 1974, quando houve novas brigas por causa dos financiamentos especiais concedidos pelo Fundo Especial de Exportação do IAA. Mesmo sem necessidade, Atalla praticamente obrigava as usinas a tomarem os financiamentos especiais, provocando os chamados “endividamentos em prateleiras”. Por causa disso, a Copersucar perdeu mais alguns associados. Todos os descontentes, afinal, juntaram-se na Sopral e agora na Canaçúcar.



Emerson Fittipaldi: imagem do Brasil ou lobby dos usineiros?

## Por que a Copersucar financia Fittipaldi?

O calendário de dezembro de 1975 teve duas datas especiais para a Copersucar. No dia 15, ela apresentou à imprensa de São Paulo o Fitti-1, um vagaroso carro de Fórmula-1. Dentro do carro, vinha a grande cartada da Copersucar, o piloto campeão do mundo, Emerson Fittipaldi, que até então corria — e ganhava — pela escuderia inglesa Mac Laren.

A festa foi grande, sensibilizou muita gente. E emendou-se a uma outra comemoração no dia seguinte, 16, quando a Copersucar completou seu primeiro aniversário de ilegalidade. A lei que rege as cooperativas, editada em 1971, tornara a Copersucar uma organização fraudulenta — e lhe dera 3 anos de prazo para recompor-se. Mas 4 anos depois a Copersucar continuava desafiando a lei.

Naquela época, causou estranheza que uma organização que se intitulava Cooperativa Central de Produtores de Açúcar se lançasse a patrocinar corridas de automóvel. A Copersucar nada tinha a anunciar, além do seu nome. Também não exportava açúcar, nem tinha intimidade com o ramo esportivo, sobretudo o mundo corrompido, controlado, da Fórmula-1, onde tudo gira em torno de carros e dinheiro. A Brabham, por exemplo, patrocina uma equipe na Fórmula-1 porque assim divulga os carros que fabrica. Além disso, as grandes escuderias nunca assumem sozinhas tão caro patrocínio. É o caso da Lotus, que se sustenta com a ajuda de uma fábrica de cigarros ingleses. Só assim pagam as fantásticas despesas com a construção de carros, equipes de técnicos e pilotos, num exaustivo circuito de 16 países onde se realizam os Grandes Prêmios a cada ano.

### Última chance

Assine o Coojornal pelo preço atual (Cr\$ 165,00) até o dia 15 de abril. Na próxima edição o Coojornal passará a custar Cr\$ 20,00 o exemplar em bancas e Cr\$ 200,00 a assinatura anual.



# ALTO PODER AQUISITIVO

Mas a Copersucar entrava sozinha no negócio, e com o que havia de melhor. Emerson Fittipaldi era na época o grande As, bicampeão mundial, tinha prestígio e boa conta bancária: ganhava cerca de Cr\$ 1 milhão por mês de salários da Mac Laren e cachês para anunciar no macacão produtos como cigarros e combustível. Indo para uma escuderia nova, cujo único carro, até então dirigido por seu irmão Wilson, mal suportava dar as voltas no autódromo, Emerson perderia muito dinheiro. Ninguém queria como garoto-propaganda um piloto condenado ao fracasso.

Portanto, Emerson teria que ser bem pago para suportar o ônus do Fitti-1. Mas não faltou dinheiro. Em 1976, o contrato entre Emerson e Copersucar garantia 1,2 milhão de dólares para toda a equipe. Atualmente, o contrato é de 2,2 milhões de dólares, pagos anualmente pela Copersucar para construção de carros (há duas fábricas), salários e viagens. O novo carro, o F6, custou 250 mil dólares — fortuna que daria para comprar 70.512 Fuscas.

O que teria inspirado na Copersucar esta súbita devoção pelo automobilismo — logo ele, o esporte mais caro do mundo? O presidente da organização, Jorge Wolney Atalla, deu uma rara explicação, ao depor na CPI do Consumidor, na Câmara dos Deputados, em 1976. Lendo um texto pronto, Atalla explicou:

— A Copersucar, em suas iniciativas de cunho institucional, tem-se caracterizado por ações supletivas aos esforços desenvolvidos pelo Governo em prol dos grandes objetivos nacionais. Julgamos da maior conveniência a ampliação e consolidação da imagem do Brasil no exterior como país jovem e dinâmico, tecnologicamente bem desenvolvido e humanamente bem qualificado.

E Fittipaldi, dizia Atalla, entrou na história, "para demonstrar o estágio de desenvolvimento tecnológico e a qualificação humana que o País alcançou, contribuindo assim para a promoção de nossas exportações".

Com lógica e ironia, o deputado Milton Steinbruch perguntou:

— Para promoção do Brasil no exterior não seria muito mais importante que o Emerson continuasse a ganhar na Mac Laren ou na Ferrari?

Atalla evitou a ironia, insistiu nos dividendos ultranacionais do seu automóvel e nada mais disse. Há quem aceite esta explicação. Há quem credite a extravagância à megalomania de Atalla. Mas o que parece decisivo é que a Copersucar, ao entrar na Fórmula-1, decidiu usá-la como escudo contra as estocadas da lei do Cooperativismo. Criando a imagem de grande empresa generosa ela garante que os milhões de dólares que gasta no automobilismo não aumentam o preço do açúcar, a organização forçaria o Governo a encontrar uma solução favorável à sua irregularidade.

O carro foi lançado em Brasília, com a presença do general Geisel, que nestas horas gosta de prestigiar as coisas nacionais. Mas nem o General agüentou: tempos depois, passaria um pito em Fittipaldi, dizendo-lhe, mais ou menos, que o importante não é só competir. Esta parece ser a tendência nacional, pois o Copersucar virou anedota a ponto de o fracasso esmaecer aquilo que a organização de usineiros planejara como exemplo de amor à Pátria.

Na verdade, o resultado foi inverso. Em vez de protegê-la, o automobilismo só expôs a Copersucar. Em 1975, quando se anunciou ao mundo a presença de uma nova escuderia nos autódromos, a imprensa quis saber quem era aquela empresa desconhecida que contratara o melhor piloto do mundo. O jornal inglês Sunday Times especulou que uma das faces ocultas da Copersucar era da caixa registradora da polícia política de São Paulo, que teria ajudado a financiar. Segundo o jornal, a Copersucar contribuía para o funcionamento da Operação Bandeirantes, o mais horripilante aparelho da polícia política, montado no DOI-CODI do II Exército, em São Paulo.



*Se o produto ou serviço que sua empresa vende é destinado ao público classe "A", utilize uma emissora que convive com a classe "A" nas 24 hs. do dia.*

**RADIO  
UNIVERSAL  
FM STEREO**

*Peça sem compromisso a presença de nosso contato pelos fones: 23.80.11 ou 23.07.53 e multiplique suas vendas na classe "A".*



# MACONHA'S REPUBLIC

Por Marco Antonio de Lacerda

O consumo de maconha nos Estados Unidos deixou de ser uma preocupação do Governo. Virou calamidade nacional: o País está gastando 25 bilhões de dólares anuais para sustentar um hábito que já se tornou a indulgência ilegal mais amplamente aceita desde a Lei Seca. São 42 milhões de americanos fumando 65 mil quilos de maconha por dia, quatro vezes mais do que em 1974.

A maior parte da erva vem da Colômbia, que é também o carro-chefe da produção de cocaína das Américas. Há um mês, um repórter da revista *Time* foi recebido a balas em Guajira, no Sudeste da Colômbia. Os fazendeiros da região detestam visitas, especialmente de jornalistas curiosos. Com uma certa razão: a região que o repórter do *Time* estava pesquisando é uma das maiores plantações do País, no local cultivava-se a mais potente maconha de que se tem notícia.

Até dois anos atrás, o México era o principal fornecedor de maconha para os EUA, mas o Governo mexicano começou a perseguir os traficantes, pulverizando as plantações com um herbicida que destruiu a reputação da droga no mercado internacional. Atenta, a Colômbia assumiu o lugar e, hoje, fornece dois terços da erva consumida nos Estados Unidos. "É o maior fornecedor de maconha do mundo", segundo Peter Bensiger, chefe da Divisão de Repressão à Droga dos EUA.

O contrabando da erva é feito por uma rede de fazendeiros, traficantes, agentes e distribuidores, que se estende ao longo de 8 mil quilômetros, de Bogotá até Nova Iorque, Los Angeles e Chicago, os maiores mercados de consumo de drogas do mundo. Eles dispõem de uma armada de navios e aviões e recrutam contingentes inteiros de pilotos, marinheiros, técnicos em eletrônica e estivadores. A Máfia descobriu o negócio muito tarde. O tráfico está nas mãos dos colombianos: algo como 70 mil famílias estão envolvidas. É, de longe, o melhor negócio da Colômbia, muito mais rentoso do que o café e o comércio a varejo mais escandaloso dos Estados Unidos, atualmente.

## O café perdeu. A maconha é o melhor negócio da Colômbia

Por que, perguntam as autoridades norte-americanas, a Colômbia, um País tão atrasado, haveria de tornar-se o maior fornecedor de drogas do mundo? Primeiro: o clima e a terra dos Andes são perfeitos para a cultura de maconha e folhas de coca da melhor qualidade. Segundo: Guajira, a região mais produtiva, fica muito longe de Bogotá, tornando quase impossível o acesso da polícia. Há quem aponte uma terceira razão: depois da II Guerra, a Colômbia atravessou 15 anos de uma guerra civil que ficou conhecida como *La Violência*. As lutas deixaram 200 mil mortos e a sociedade habituada à corrupção livre e à justiça feita com as próprias mãos. De fato, onde quer que o tráfico de drogas chegue, espalham-se a violência e a corrupção. "A mesma corrupção que vem junto com as empresas multinacionais", diz Rodolfo Ordonez, assessor do Governo colombiano.

Mas muita coisa mudou desde a eleição do presidente Julio Cesar Turbay. Até então, ninguém fazia idéia da extensão das plantações de maconha no País. O Governo se recusou a acreditar, diz Ordonez, que havia 100 quilômetros quadrados de terra sendo usados para o cultivo da droga. Para tirar a dúvida, mandou fazer uma investigação aérea em todo o País, chegando à conclusão de

**A Colômbia desbancou o México e hoje é o maior fornecedor de maconha do mundo, respondendo por dois terços da erva consumida por 42 milhões de norte-americanos. Plantar maconha é, para os colombianos, um negócio mais rentoso do que o café, principal produto agrícola do País**

que não são apenas 100 quilômetros quadrados, mas mil quilômetros quadrados, mais 200 no Sudeste do País. "Estamos chocados", diz Ordonez, "não imaginávamos que o problema tivesse chegado a esse ponto".

Na melhor safra, estas áreas produzem no mínimo 3 mil toneladas de maconha anuais, cada quilo podendo ser vendido a 2 mil dólares em qualquer esquina de Nova Iorque. Na pior das hipóteses, o plantador de fumo ganha 10 dólares por cada quilo colhido, ou seja, pelo menos 10 vezes mais do que ganharia plantando café, milho ou algodão. Diante disso — explica Ordonez — tornou-se quase impossível para as autoridades condenar os fazendeiros por mudar de ramo, depois de passar a vida plantando café em troca de renda insuficiente. Principalmente quando nos arredores todos os vizinhos ganham quantias assombrosas plantando maconha. Os traficantes chegam, oferecem as sementes e depois voltam para fazer a colheita.

## Uma droga perigosa, agora usada na cura do câncer

Há uma variedade de tipos de maconha sendo cultivados atualmente na Colômbia. A mais cotada é o *Ouro de Santa Marta*, mas os índios Arhuaco estão lançando uma nova espécie, conhecida por *Loura*, bem mais forte. *Céu Azul*, outro tipo, é uma mistura de sementes colombianas e tailandesas, cultivada nos pontos mais altos do País. A maconha verde, a mais comum de todas, é cultivada apenas em Llanos, perto da Floresta Amazônica.

As amostras de qualquer dessas variedades, segundo o *Time*, podem ser encontradas nos arredores do Hotel Hilton de Bogotá. Um dos traficantes locais, conhecido por Ricardo, trouxe uma amostra da nova espécie que está sendo cultivada pelos índios Arhuaco. Ele dá um trago num cigarro feito às pressas e, depois que a droga faz efeito, diz aos compradores reunidos à sua volta: "Sintam a qualidade".

A maconha, segundo os médicos, é um paradoxo. No passado, foi usada como afrodisíaco, mas os monges indianos a fumavam para reprimir os desejos sexuais. Os trabalhadores do Caribe precisam dela para aumentar a energia, durante o dia, e para se relaxarem, à noite. As pesquisas sobre seus benefícios e danos começaram em 1965, quando foi separado seu principal componente psicoativo (o delta-9-tetrahydrocannabinol). Nunca se chegou a qualquer conclusão sobre a influência da maconha no comportamento das pessoas nem sobre as conseqüências genéticas que o seu uso exagerado pode causar. Sabe-se apenas que não é recomendável para pessoas com problemas cardíacos. Atualmente, a maconha tem sido empregada no tra-

tamento de glaucoma e para reduzir a ansiedade de vômito nos pacientes de câncer sob tratamento de drogas.

## A ascensão da cocaína e os incríveis lucros do tráfico

A maior parte da cocaína consumida hoje nos Estados Unidos chega através da rede de tráfico colombiana, mas é produzida no Peru, Bolívia e Equador. O papel da Colômbia, no tráfico, é apenas o processamento e a distribuição. Em laboratórios improvisados por todo o País, as folhas de coca são transformadas num creme e logo numa base: 70 quilos de folhas equivalem a 500 gramas de base. Esta base é transformada em 500 gramas de cocaína pura que o traficante compra, direto do produtor, por 7 mil dólares. Cada grama é revendido nos Estados Unidos a 80 dólares, o que equivale a dizer que os 7 mil dólares investidos pelo traficante transformam-se automaticamente em 40 mil dólares. Mas este cálculo supõe que a cocaína seja vendida em seu estado puro, o que nunca acontece, pois a droga que chega ao consumidor foi "enriquecida" de borax, procaína, lactose e anfetaminas. A melhor cocaína que os americanos conhecem é, no máximo, 50% pura, havendo casos em que ela tem no máximo 10% de pureza. O lucro do traficante é, portanto, incalculável.

Fortunas repentinas surgiram na Colômbia, gerando uma economia marginal que causa uma inflação de 20% ao País. Os preços das terras e casas na região costeira de Santa Marta, uma das áreas mais produtivas, perto de Bogotá, tornaram-se proibitivos. Nunca se viu tanto Rolls-Royce e aviões particulares nas mãos de pessoas que, há dois anos atrás, não tinham uma esteira para caírem mortas. Tudo está ao alcance do poder aquisitivo de qualquer traficante, inclusive os agentes de polícia e os juizes.

## De Guajira a Nova Iorque, por linhas aéreas clandestinas

No mundo marginal das drogas não há noção de justiça social. As grandes somas de dinheiro envolvidas nas operações colombianas não vão para aqueles que plantaram ou processaram o narcótico, mas para o intermediário que faz com que a droga chegue ao consumidor.

O grosso do contrabando é feito através das centenas de linhas aéreas clandestinas que fazem a rota Guajira-EUA. As viagens são feitas por pilotos norte-americanos (100 mil dólares por viagem) especializados em pousos de emergência em regiões onde não há aeroportos. Quando surpreendidos pela polícia, os pilotos contam sempre a mesma história: "Acabou a gasolina e tivemos que fazer um pouso forçado". Foi a história que Donald Davis, piloto de um velho DC-6 contou ao aterrissar em Guajira, na semana passada. Em seu bolso foi encontrado um mapa com as indicações de uma plantação de maconha. Donald era encarregado de transportar seis toneladas de maconha para os EUA e de resgatar três norte-americanos presos na Colômbia por tráfico de drogas e entrada ilegal no País.

Ser preso não é o único risco. Com o

(Continua na página 26)





# ALUGUE UM CARRO DA AUTO LOCADORA GAÚCHA. A VIDA É CURTA E ISSO É MUITO BOM.

Nos sábados e domingos fica assim de gente na Auto Locadora Gaúcha: todo mundo alugando carro pra sair por aí. Faça isso também.

Só não esqueça de que na segunda a vida continua.

E para que ela continue boa, você às vezes precisa alugar um carro no meio da semana. Quer ver?

Ou o seu carro foi para a oficina e você fica a pé.

Ou você tem que viajar e não quer gastar o seu carro.

Ou sua mulher precisa dar umas voltas de carro e você empresta o seu, o que fazer? E vai por aí.

Razões não faltam pra que você fique na mão uma ou outra vez.

Nessas horas, lembre-se de que a vida é curta. E que é preciso aproveitá-la, como diz o sujeito aquele na televisão. E alugue um carro da Auto Locadora Gaúcha.

É mais barato do que você pensa e é muito bom.



**AUTO LOCADORA  
GAÚCHA**

O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.  
Loja 1: Conceição, 364 - fones (PABX) 21-3333, 21-5555 e 24-5166 - Horário: 7 às 22h,  
inclusive domingos e feriados. Loja 2: Av. América, 211 - fones 22-4510 e 22-2121  
Horário: 7 às 22h, inclusive domingos e feriados. Loja Aeroporto: fones 42-4510 e 42-5363  
Horário: Atendimento até à chegada do último voo.



aumento do tráfego aéreo nessas planícies e na falta de serviços de aeroportos, não é raro o choque de aviões nas operações de pouso e decolagem. Em quatro meses foram encontrados destroços de 11 aviões e os corpos de 20 traficantes. Muitos aviões, segundo a polícia, caem no mar e os corpos dos tripulantes são devorados por tubarões.

## O jogo perigoso do tráfico: truques para esconder a cocaína

Por ser mais compacta que a maconha e valendo pelo menos seis vezes o seu peso em ouro, a cocaína é transportada por métodos mais simples e seguros. Um viajante comum, usando qualquer linha aérea de Bogotá para os Estados Unidos, pode receber até 10 mil dólares só para transportar uma caixa de fósforo cheia de cocaína. Muitos preferem escondê-la em tubos de pasta de dente, no salto dos sapatos e, às vezes, no próprio ânus.

Já existem nos EUA fábricas clandestinas de material esportivo — esqui, skate, tênis, jaquetas — com compartimentos especiais para facilitar o tráfico de drogas. Outro truque muito usado atualmente para vencer a alfândega nos aeroportos: dissolver a cocaína em licor ou perfume. O produto pode ser facilmente recuperado, com apenas 10% de perda.

O voo 922 da Braniff, de Bogotá a Los Angeles, ficou conhecido como "o especial do pó". Ao embarcar, o traficante esconde a cocaína em algum lugar secreto do avião; em Los Angeles, onde as batidas da polícia são rigorosas, ele cede o seu lugar a um companheiro que embarca com as instruções para chegar ao local secreto. Às vezes, a operação não dá certo e, no dia seguinte, os jornais informam: "Foram esquecidos ontem, no avião da Braniff, quatro quilos de cocaína..."

## Na distribuição, a violência entre os traficantes

Um norte-americano em férias na Colômbia pode aproveitar o tempo livre para fazer um bom negócio: ceder seu endereço nos EUA a um traficante. Para lá será enviada uma remessa de cocaína — distribuída em vários envelopes — que o dono do endereço, ao voltar para casa, se encarrega de remeter a um intermediário, também boliviano, recomendado em Bogotá. Dependendo da quantidade de cocaína, ele poderá receber até 100 mil dólares pelo serviço.

## Os EUA ameaçam e o Presidente colombiano responde: "Eles é que estão nos corrompendo"

We are justified in saying: Never has anything been so highly recommended and every trial proves its excellence.

**VIN MARIANI**  
Nourishes - Fortifies  
Refreshes  
Aids Digestion - Strengthens the System.

Unequaled as a tonic-stimulant for fatigued or overworked Body and Brain.

Prevents Malaria, Influenza and Wasting Diseases.

We cannot aim to gain support for our prepar. on through cheapness; we give a uniform, effective and honest article, and respectfully ask personal testing of Vin Mariani strictly on its own merits. Thus the medical profession can judge whether Vin Mariani is deserving of the unequalled reputation it has earned throughout the world during more than 30 years.

Inferior, so-called Coca preparations (variable solutions of Cocaine and cheap wines) which have been proven worthless, even harmful in effect, bring into discredit and destroy confidence in a valuable drug.

We therefore particularly caution to specify always "VIN MARIANI," thus we can guarantee invariable satisfaction to physician and patient.

Geralmente, as remessas de droga são feitas para Jackson Heights, um calmo bairro de classe média de Nova Iorque, conhecido como a capital da distribuição de droga nos EUA. Há 200 mil colombianos no bairro, a maioria trabalhando em fábricas. As gangs de tráfico começaram a chegar de 1970 para cá.

Restrepo tem 22 anos, pele escura, forte, ótimo nadador — todas as características do povo de Buenaventura, a praia no litoral da Colômbia onde ele nasceu. Restrepo é honesto, pelo menos no seu negócio. Ele, Oscar e Mario formam uma gang de distribuição de cocaína em Nova Iorque. Martinez é o

chefe, o que recebe a droga e a mistura, meio-a-meio, com borax. Restrepo degolou Mario, há um mês, com fio de aço, porque o rapaz fugiu com 10 gramas de coca, em vez de levá-la a um cliente. Por causa de um deslize parecido, Martinez puniu Oscar, enforcando sua mulher e a filha de 15 anos.

A violência entre os traficantes parece fazer parte desse tipo de comércio. Em Guajira, 92 pessoas foram assassinadas nos últimos dois meses; na Flórida, 25; em Nova Iorque, 60 e em Los Angeles, 40. Todas as tentativas da polícia de controlar o tráfico resultaram na apreensão de apenas 10% da droga que entra nos EUA. Para piorar a situação, a casa de estocagem da Divisão de Repressão à Droga foi assaltada recentemente: os assaltantes resgataram mais de 10 toneladas de maconha e 30 quilos de cocaína pura.

Impossibilitadas de controlar o problema, as autoridades norte-americanas preferem passar a responsabilidade para os Governos latino-americanos. Ameaçam divulgar, nos próximos meses, uma lista de "altas personalidades" do Peru, México e Colômbia, inclusive funcionários do Governo envolvidos no contrabando de drogas. Na lista, segundo o *Time*, há diplomatas, comandantes e pilotos, acusados de um tráfico de 500 milhões de dólares. Resposta do Presidente colombiano à ameaça: "Não somos nós que estamos corrompendo os norte-americanos. Eles é que estão nos corrompendo. O tráfico só desaparecerá quando eles abandonarem o vício".

## Cocaína, a droga da moda, menos perigosa que o álcool

Nos jantares do jet-set de Nova Iorque e Los Angeles, um pouquinho de cocaína tornou-se tão imprescindível quanto Dom Perignon e caviar de beluga. As anfitriãs reclamam — "É a ruína do apetite" — mas um bem sucedido executivo de Wall Street jamais daria uma festa em que o pó não freqüentasse assiduamente o nariz de seus convidados. Na formatura do rapaz da classe média alta de Miami ela é mais esperada do que o próprio diploma. Foi o presente que o presidente de uma grande empresa da Califórnia escolheu para recompensar seus melhores assessores, na passagem do ano.

O uso da cocaína, hoje, nos Estados Unidos, é igual ao da maconha há quatro ou cinco anos atrás. É uma droga cara e ilegal. Usar cocaína é uma questão de status, é como pegar um avião para tomar o café da manhã em Paris. Em excesso, principalmente quando injetada na veia, pode ser fatal. Mesmo assim, 5 milhões de americanos já provaram o pó pelo menos uma vez. Segundo o Depar-

tamento de Repressão à Droga, o País gasta 2 bilhões de dólares neste tráfico. Em Nova Iorque, atualmente, uma pessoa presa com mais de 57 gramas de pó pode ser condenada à prisão perpétua.

Mas não há lei implacável o suficiente para intimidar um americano. A cocaína é usada, hoje, muito mais abertamente. Até há pouco tempo — reclamam freqüentadores de festas do jet-set — era difícil uma chance para ir ao banheiro. A porta estava sempre fechada e as pessoas cheirando pó. Hoje, o uso da coca já chegou até a sala de estar.

A cocaína é conhecida nos EUA por uma variedade de nomes: neve, escama, floco, menina branca, brilho e coca. Na relação das drogas perigosas, ela vem logo depois da heroína, junto de barbitúricos e alucinógenos, e está antes da maconha. Uma série de estudos já provou que, se usada com moderação, a coca é bem menos perigosa que o álcool e os cigarros comuns. Baseado nessa informação, um juiz pediu recentemente, numa corte de Massachusetts, a suspensão de todas as penalidades pelo uso da droga. Peter Bourne, assessor do presidente Jimmy Carter para assuntos de Saúde, declarou recentemente que "não existem evidências de danos causados à saúde por causa do uso de cocaína".

Seja como for, a droga ainda é proibida e muitos têm problemas com a polícia por causa dela. O caso de repercussão internacional mais recente foi a prisão do guitarrista Keith Richard, no Canadá. Um dos donos do Studio 54, a mais famosa discoteca de Nova Iorque, também foi preso porque dentro da casa há um enorme luminoso mostrando um garoto cheirando pó.

## O remédio que Freud receitava contra a timidez

O efeito da droga é rápido. Quando cheirada vai direto para o fundo da cavidade nasal, onde se mistura com a mucosa e logo desce para a garganta. Imediatamente o nariz e a gengiva se anestesia. A essa altura, o pó já fez efeito. "Sinto-me dez vezes maior do que sou", diz uma jovem senhora de Illinois, habituada ao uso da coca. A maioria das pessoas entrevistadas pelo *Time* considera a droga estimulante, com a vantagem de não provocar a perda de memória, como a maconha. "Além disso — diz outro entrevistado — a conversa de uma pessoa drogada de pó não é tão aborrecida quanto a de um bêbado". Declaração de uma mulher de 50 anos adepta da cocaína, ao *Time*: "É como se eu tivesse ficado bela para sempre".

O pó da cocaína é feito das folhas de coca dos Andes, na América do Sul. No passado, a coca era usada pelos Incas, que a consideravam "uma manifestação viva da divindade". Mas esta divindade não era dividida com as massas, sendo reservada como um prêmio especial para os vencedores das competições olímpicas e para as vítimas dos sacrifícios, antes da sua execução.

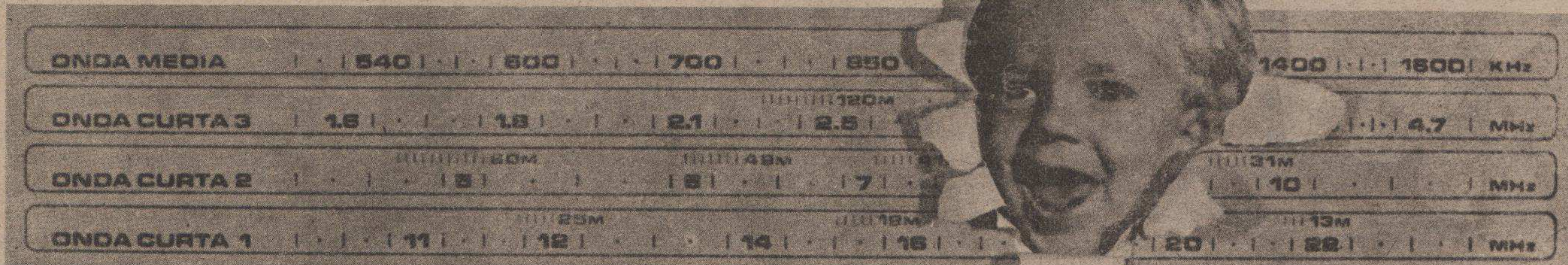
A cocaína levou séculos para chegar à cultura ocidental. Um dos seus maiores adeptos foi Sigmund Freud: "Sente-se um aumento do autocontrole e do vigor", escreveu o Pai da Psicanálise, em 1884. Para ele, a coca era um estimulante como a cafeína, não um narcótico, como o ópio ou a maconha. Freud a receitava para os casos de cansaço, nervosismo e timidez social. Em cartas à noiva, ele descrevia a cocaína como uma droga mágica e enviou-lhe um "papelote" para experimentar "e tornar-se forte, e para dar um vermelhinho nas suas bochechas".

Angelo Mariani, um químico da Córsega, ficou rico, fabricando o Vin Mariani, que tornou-se o xarope mais popular da época. A fábrica produzia também extratos de coca na forma de água tônica, chá e patê, que tinham, entre os seus usuários mais famosos, o papa Leão XIII, o príncipe de Gales, Thomas Edison e Ulysses Grant. Robert Louis Stevenson estava sob o efeito de cocaína quando escreveu "O Estranho Caso do Dr. Jekyll e o Sr. Hyde". E, no original de sir Arthur Conan Doyle, o detetive Sherlock Holmes é um adepto da cocaína, que a usa para clarear a mente.



Rádio Continental/Breve: 50 kilowatts

# VOZ ATIVA



## O SOM INTELIGENTE. A NOTÍCIA NA INTIMIDADE.



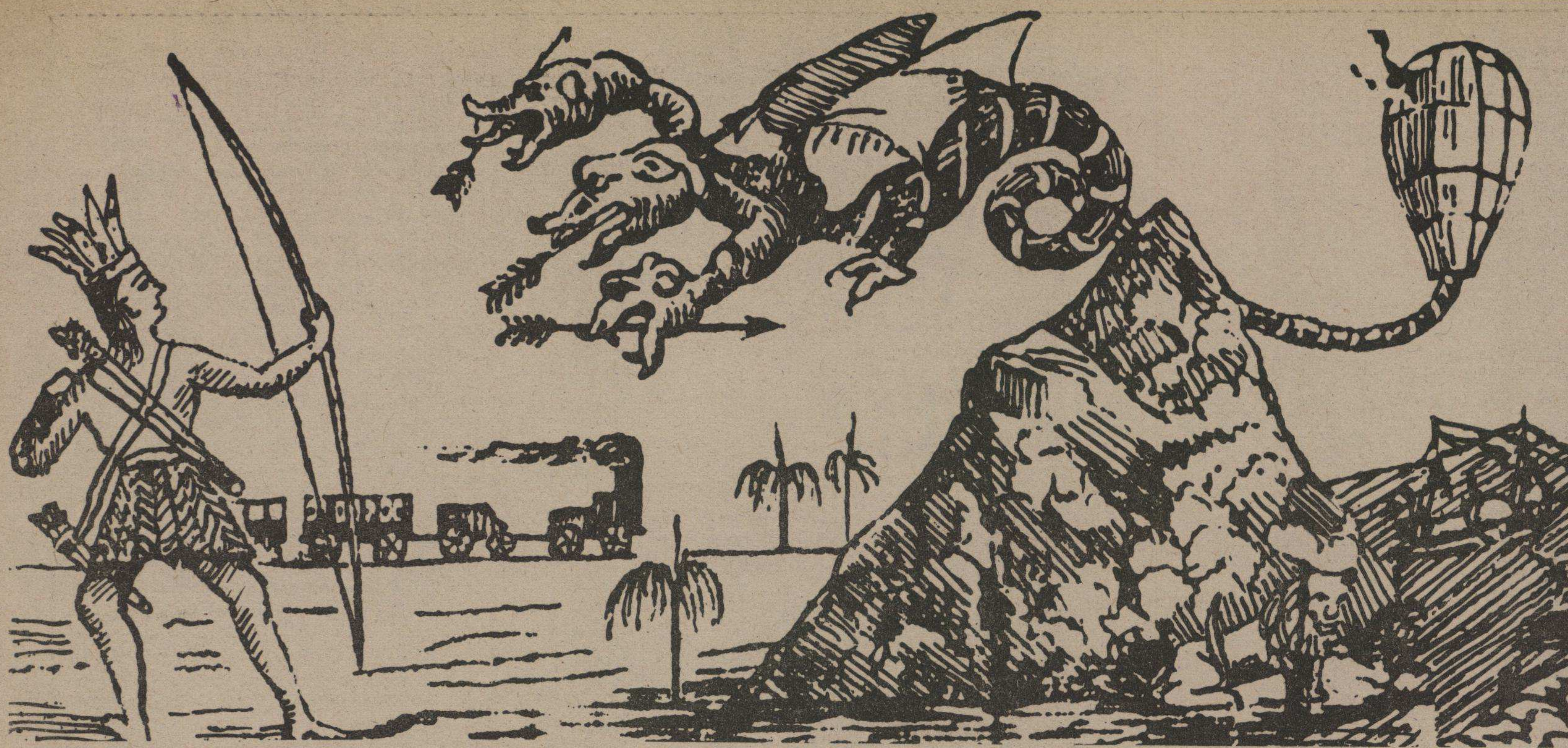


Ilustração de um jornal paraguaio na época: o desenho mostra um guarani atacado pela Tríplice Aliança. O trenzinho ao fundo representa a riqueza paraguaia, o balão à direita é uma referência aos equipamentos da Tríplice Aliança na guerra. Os paraguaios satirizavam o Brasil, cujos soldados eram na maioria escravos.

# A TERRÍVEL ALIANÇA

*Você lembra do que aprendeu na escola sobre a Guerra do Paraguai? Não é nada daquilo*

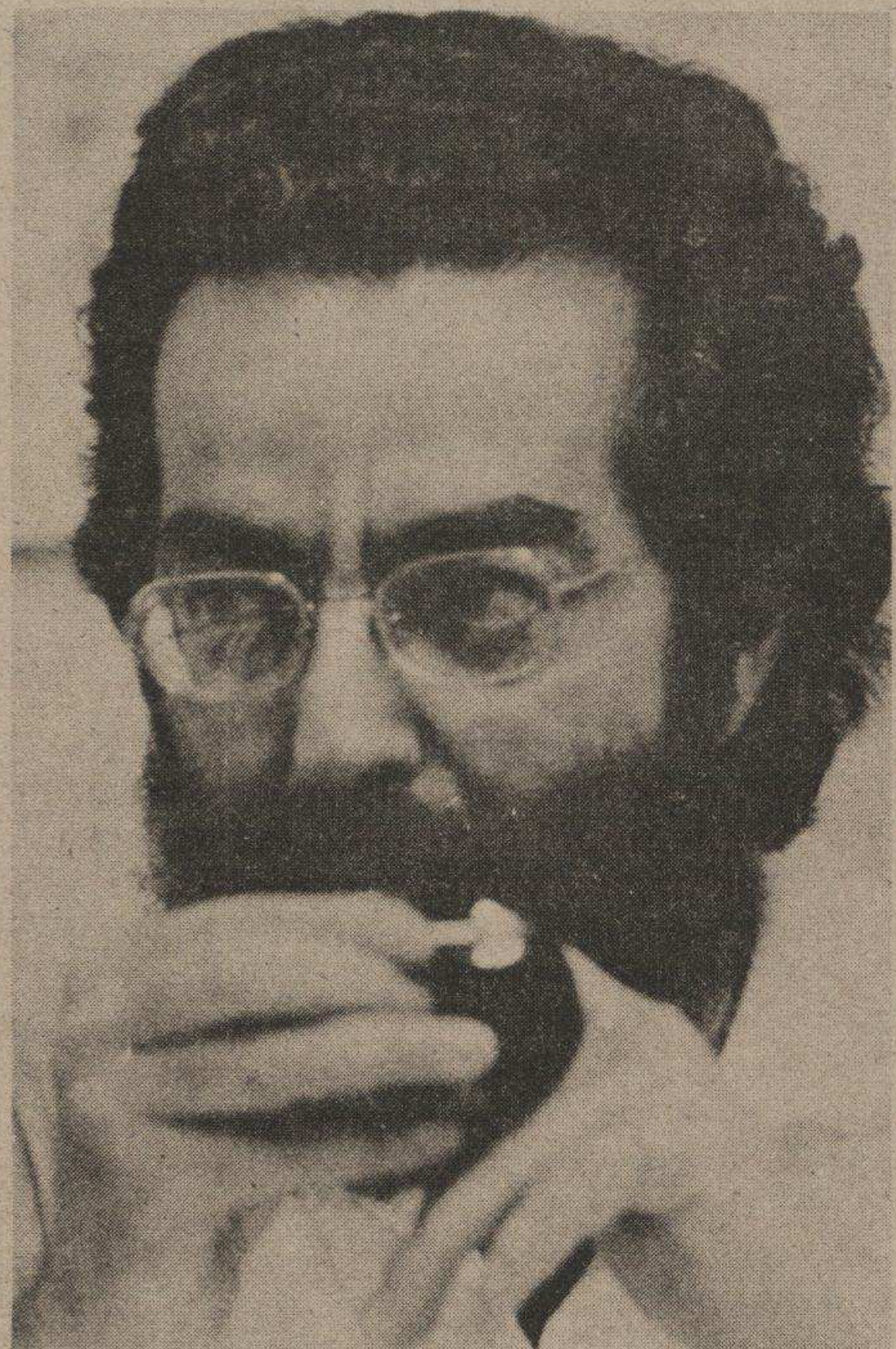
Há alguns anos, quando viajava em sua velha motocicleta por estrada perdida no interior do Paraguai, o jornalista brasileiro Júlio José Chiavenato viu à beira do caminho um enorme monumento em que uma mulher de feições indígenas segurava nos braços magros o corpo de uma criança de 10 anos. Ao pé do monumento, estava escrito: "MONUMENTO A LOS NIÑOS COMBATIENTES DE ACOSTA ÑU — 1869".

Chiavenato recordou imediatamente as aulas de História dos tempos de ginásio, quando o professor ensinava que o Brasil, aliado à Argentina e ao Uruguai, guerreou por cinco longos anos ao Paraguai, governado pelo tirano Francisco Solano López. Mas sua memória não registrava nenhuma batalha, senão a de Riachuelo, em que o Brasil liquidou a esquadra naval paraguaia. E a batalha de Acosta Ñu? E os meninos combatentes?

Intrigado, ele interrogou um paraguaio que habitava as redondezas do monumento. "Meu avô sabe a história", disse-lhe o paraguaio, oferecendo-se para levá-lo à casa do velho. Chiavenato aceitou a oferta e passou o dia com o velho que, seguindo a tradição oral, contou a história do combate de Acosta Nu (campo grande, em guarani) em versos, dedilhando uma harpa. Acosta Nu foi um dos derradeiros combates da guerra e o monumento homenageia os soldados mortos, àquela altura exclusivamente meninos.

Dias depois, em Asunción, Chiavenato percorreu museus e bibliotecas, iniciando uma pesquisa que mais tarde se estenderia a Buenos Aires e a alguns centros de documentação brasileiros. Agora, sete anos depois de ter descoberto o monumento aos meninos combatentes da Guerra do Paraguai, ele deu por encerrado um livro sobre o assunto.

"Existem 300 livros sobre essa guerra e são raros os que contam a história direito", afirma Chiavenato, 40 anos de idade, editor do *Diário da Manhã* de Ribeirão Preto (SP). Em sua opinião, o melhor deles é *Guerra del Paraguay — un gran negocio*, do argentino León Pomer, editado em 1968, em Buenos Aires. Segundo Pomer (hoje lecionando na PUC, em São Paulo), a Guerra do Paraguai foi "um grande negócio" para a Inglaterra, que financiou a Tríplice Ali-



Chiavenato: "Foi uma guerra infame"

ça (Argentina, Brasil, Uruguai) até a destruição do Paraguai.

Em seu trabalho ainda inédito e a ser publicado em fins de março pela Editora Brasiliense, de São Paulo, Chiavenato desenvolve e aprofunda as evidências de que a tríplice aliança foi um instrumento do imperialismo inglês na América Latina, onde o Paraguai despontava como uma república autônoma e independente.

Para chegar a essa conclusão, Chiavenato leu as três centenas de livros publicados sobre a Guerra do Paraguai e pesquisou documentos existentes em bibliotecas e museus de Asunción e Buenos Aires, onde recolheu informações ainda hoje mantidas em segredo pelo Brasil. Nos centros de documentação brasileiros, ele não conseguiu vencer as barreiras do segredo militar ou diplomático que ainda pesam sobre inúmeros detalhes da guerra terminada há 108 anos.

Na capital paraguaia os documentos relativos à guerra estão reunidos no Arquivo Nacional del Paraguay, onde o maior problema para chegar aos papéis é ter paciência para espanar o pó das prateleiras e dos medalhões que tomam conta das relíquias históricas do país.

No Arquivo Nacional, entre dezenas de livros semelhantes uns aos outros pela linguagem oficial, descobrem-se peças preciosas, como uma relação completa, item por item, dos "50 mil documentos roubados do Paraguai pelo Brasil". Trata-se de um levantamento extenso e minucioso das presas de guerra recolhidas pelas tropas brasileiras em Asunción, no final da guerra. Segundo Chiavenato, es-

ses documentos permanecem no Brasil, sem que os historiadores saibam onde, nem tenham licença para pesquisá-los.

Em Buenos Aires, a documentação sobre a Guerra do Paraguai encontra-se organizada no Museu Mitre, situado na Calle San Martín, 336. Lá, Chiavenato teve a surpresa de encontrar um folheto, escrito em espanhol, contendo informações sobre a conduta da guerra. O folheto contém a tradução de despachos que o Duque de Caxias teria enviado ao Imperador D. Pedro II, em agosto de 1867. Num trecho, diz o autor:

"Vossa Majestade houve por bem encarregar-me muito especialmente do emprego do ouro, para, acompanhado do sítio, aplinar a campanha do Paraguai, que vinha fazendo-se demasiado longa e carregada de sacrifícios, e aparentemente impossível pela ação das armas. Mas o ouro, Majestade, é matéria inerte contra o fanatismo pátrio dos paraguaios desde que estejam sob o olhar fascinante e o espírito magnetizador de López". (D. Pedro II havia determinado o suborno de oficiais paraguaios).

Caxias, que havia ingressado no meio da campanha militar do Paraguai, com a incumbência de abreviá-la, pois o Paraguai não se entregava e punha até meninos na luta, ficou impressionado ao se defrontar com o fanatismo e a resistência dos paraguaios. Mais tarde, quando a guerra atingiu os limites da crueldade, Caxias repudiou esses métodos, transferindo o comando das operações ao Conde D'Eu, marido da Princesa Isabel.

Uma das descobertas mais surpreendentes da pesquisa de Chiavenato foi o jornal *Cabichuí* (abelha, em guarani), colecionado pelo Arquivo Nacional del Paraguay. Era feito pelos soldados paraguaios e narrava em linguagem popular, às vezes chula, os episódios da guerra. Embora não tenha grande valor como fonte de informações, pois se especializou em sátiras aos brasileiros e elogios aos paraguaios, a história do *Cabichuí* retrata a evolução da guerra, que impunha sacrifícios inacreditáveis ao Paraguai.

Atualmente, Júlio Chiavenato está escrevendo outro livro, sobre a Guerra do Chaco, em que se defrontaram o Paraguai e a Bolívia, na década de 30, movidos por interesses petrolíferos. Quanto ao trabalho sobre a Guerra do Paraguai, ainda sem título definitivo, o *Coojornal* publica em primeira mão alguns trechos do seu livro:

## UM POVO LIVRE

O Paraguai foi destruído porque era o único povo livre da América do Sul. Era o único país de economia autônoma. Não dominado pelo imperialismo inglês. Brasil, Argentina e Uruguai — que formaram a

Tríplice Aliança — foram o braço armado da Inglaterra, que destruiu o único povo que se opunha ao seu brutal imperialismo econômico.

A independência do Paraguai, em 1811, representou um fato absolutamente inédito no começo do século XIX: pela primeira vez surgia no mundo, naquela época, um Governo que não era a expressão do Poder Econômico. Isto é, quando França — El Supremo, a quem os historiadores tratam geralmente com uma série de preconceitos e desinformação — empolgou o poder político, usou o Governo contra o Poder Econômico, colocando o Estado a serviço das classes populares. Isso, paralelamente, libertou o Paraguai do colonialismo espanhol e vacinou-o contra o domínio inglês que se verificava escancaradamente nos países vizinhos.

Os detentores do Poder Econômico foram perseguidos e destituídos de sua riqueza. França nacionalizou até a Igreja Católica, privando-a dos seus bens. A oligarquia existente até França, era ligada aos espanhóis e tinha ramificações em Buenos Aires, de onde o imperialismo inglês estendia suas garras. França criou um incipiente socialismo de estado, fez surgir as famosas "estâncias da pátria", onde a produção era socializada e controlada pelo Estado, e proibiu, literalmente, a riqueza no país. Com isso, eliminou na época, uma forma de espoliação da produção paraguaia, já que os antigos detentores do poder econômico alivam-se aos exportadores ligados aos argentinos, brasileiros e ingleses.

Essa estrutura rústica de socialismo de estado evoluiu sensivelmente a partir de 1845, já com Carlos Antonio López no poder, modernizando o Paraguai. Tal modernização das formas de produção, quando a propriedade de todos os bens era controlada pelo Estado, fortaleceu o Paraguai ao ponto de torná-lo o país mais progressista da América do Sul e onde o povo tinha o melhor nível de vida das Américas.

O Paraguai, portanto, rompeu uma estrutura de dominação.

Em 1860, por exemplo, no Paraguai fundia-se todo o ferro necessário para sua indústria. Ou seja: o Paraguai já tinha uma siderúrgica, fundindo uma tonelada de ferro a cada vinte e quatro horas ininterruptamente, e fornecendo material para os seus estaleiros que fabricavam todos os seus navios. As estradas de ferro paraguaias eram construídas com trilhos fabricados no Paraguai e com vagões e locomotivas também fabricados no país. Isso era uma superioridade técnica fantástica na época, sobre o Brasil e a Argentina. E essa superioridade industrial, só era possível pela estrutura

(continua na página seguinte)



sócio-econômica do Paraguai livre da penetração do capital inglês.

Para conseguir uma indústria de base nitidamente nacional, Carlos Antônio López (pai de Solano), mandava jovens paraguaios que se destacavam nos estudos, especializarem-se na Europa, aprendendo toda a tecnologia necessária para a implantação, no país, de uma base de desenvolvimento que eliminasse a necessidade de importação de bens de produção.

Para a criação da Fundação de Ibicuí, ele contratou técnicos ingleses, como o engenheiro Paddison por exemplo, negando-se à submissão das importações — o Brasil e a Argentina por exemplo, importavam desde agulhas e louças a bebidas espirituosas. (...)

É fácil entender como a independência econômica paraguaia desestabilizava um processo de dominação econômica do imperialismo inglês. Enquanto no Paraguai o progresso industrial era uma forma de fortalecimento da economia, no Império do Brasil e na Argentina, o desenvolvimento era um meio de dominação econômica.

Este é o conteúdo histórico da guerra. Paralelamente, aconteceram ou forjaram-se fatos de natureza diplomática, disputa de fronteiras etc., que deram pretexto formal para a união dos três países que destruíram o perigo paraguaio.

E o confronto aconteceu justamente no meio da década de 60, quando o domínio inglês passava a ser contestado em todo o mundo, desde as suas colônias que se rebelavam, até o crescimento industrial da França e da Alemanha, fazendo surgir novas fontes de poder, disputando mercados ingleses. A guerra da secessão nos Estados Unidos, que privou a Inglaterra durante algum tempo de matéria-prima para suas indústrias de tecido, precipitou o contexto internacional que, na América do Sul, levou à destruição do Paraguai.

As condições locais na América do Sul e as incoerências políticas do Império do Brasil e Argentina uniram-se às necessidades da Inglaterra para garantir seus redutos de exploração imperialista. E só por isso houve a guerra: que foi totalmente financiada pelos ingleses. Sem este financiamento, nem o Império do Brasil nem a Argentina teriam condições de sustentar uma ação armada contra o Paraguai — que lutou só, não fez um único empréstimo exterior e fabricou suas próprias armas.

Somente os empréstimos feitos pela Inglaterra ao Brasil, de 1825 a 1865, somam 17 milhões, 737 mil e 520 libras, a maior parte fornecida por Rothschild. Para que se traduza realmente a necessidade de o imperialismo inglês manter o status quo, obrigando que se faça a guerra ao Paraguai, basta ressaltar o fato de que 65% desses empréstimos chegam no ano de 1865, início das hostilidades (sem contar ainda o que entra até 1870). Quando termina a guerra, em 1870, a Inglaterra já havia emprestado ao Brasil a espantosa quantia de 31 milhões de libras. Ou seja, até 1865, os empréstimos somavam 11 milhões, 373 mil e 907 libras, em quarenta anos. E apenas em cinco anos, de 1865 a 1870, somam cerca de 20 milhões de libras. Esse estupendo investimento — que representa apenas os empréstimos, excetuando-se outros negócios — expressam a necessidade inglesa de armar o Império do Brasil para destruir o Paraguai.

Naturalmente, esses empréstimos avolumam-se, pois que a Argentina também os recebe em larga escala: até 1875, através da casa bancária de Baring, a Argentina recebe nada menos do que 27 milhões de libras esterlinas. Mais 3,5 milhões de libras emprestadas ao Uruguai dão um total de 61 milhões e 500 mil libras. Mas o que representa para a Inglaterra o mercado interno desses países? O que representa abastecer-se a baixíssimo preço de suas matérias-primas? O que representa, apenas, ter nas mãos o monopólio da exportação do café do Império do Brasil? E, mais do que tudo isso — vital para o processo do seu imperialismo, a manutenção do status quo que permite tão fascinante fonte de lucros.

### CADÁVERES COLÉRICOS

Um dos maiores crimes dessa guerra é confessado pelo Duque de Caxias, em despacho privado ao Imperador, de seu próprio punho. Em longo despacho, entre



Uma charge de jornal paraguaio, satirizando o Império por convocar principalmente escravos para lutarem na guerra

outras informações a Pedro II, o Duque de Caxias escreve em 18 de setembro de 1867:

"O general Mitre está resignado plenamente e sem reservas às minhas ordens; ele faz quanto eu lhe indico, como tem estado muito de acordo comigo, em tudo, ainda enquanto a que os cadáveres coléricos, se joguem nas águas do Paraná, já da esquadra como de Itapiru para levar o contágio às populações ribeirinhas, principalmente às de Corrientes, Entre Rios e Santa Fé que lhes são opostas (...). O general Mitre também está convencido de que devem exterminar-se os restos de forças argentinas que ainda lhe quedam, pois delas não divisa senão perigos para sua pessoa."

Um crime de guerra com a agravante de ser cometido contra a população civil inclusive. Evidente de quem a sua responsabilidade, confessada de próprio punho (...). Este é um dos crimes de guerra mais comuns cometidos na Guerra do Paraguai: a contaminação das águas dos rios, vitimando soldados e civis, com o vírus da cólera. E como existem provas incontestáveis, crime cometido pelos aliados — Argentina, Império do Brasil e Uruguai.

Mitre também, que com seus atos criminosos costumemente atingia os próprios compatriotas, mandava soldados doentes à frente das forças paraguaias,

para contaminarem os inimigos. Em 28 de janeiro de 1865 — para configurar um crime cometido contra seus compatriotas — Mitre assinou um decreto condenando à morte (...) "todos os indivíduos titulados como chefes que façam parte de grupos anarquistas, capitaneados pelo cabecilha (Geronimo) Costa e quantos forem capturados em armas". Se era capaz de vilezas contra seu próprio povo, não se admira que tenha mandado seus soldados contaminados pela varíola serem ardilosamente capturados pelo inimigo.

O tratamento dado aos prisioneiros de guerra, não raro, era absolutamente criminoso. Quando caiu Uruguaiana, cerca de cinco mil e seiscentos paraguaios foram vítimas de grande opressão física. Além disso, o crime de guerra ali é tão flagrante que pode ser provado na correspondência de Mitre ao vice-presidente da Argentina. Estes prisioneiros paraguaios, maltratados, violentados, ainda eram vendidos como escravos e obrigados a lutar contra seu próprio país. A tal ponto chegou a venda de prisioneiros em Uruguaiana, que um oficial brasileiro, andando nas ruas da cidade, precisava gritar que era brasileiro, para não ser raptado e vendido como escravo! A prova nos dá o presidente da Argentina, também comandante do exército aliado na época, Bartolomeu Mitre, em carta ao vice-

presidente Marcos Paz, datada de 4 de outubro de 1865:

"Nosso lote de prisioneiros em Uruguaiana foi mais de 1.400. Estranhará a V. o número, que deveria ser maior; mas a razão é que, por parte da cavalaria brasileira, houve no dia da rendição tal roubo de prisioneiros, que pelo menos arrebataram de 800 a 1.000 deles, o que mostra a você a desordem dessa tropa, a falta de energia de seus chefes e a corrupção dessa gente. Pois os roubaram para escravos; até hoje mesmo andam roubando e comprando prisioneiros do outro lado. O comandante Guimarães, chefe de uma brigada brasileira, escandalizado deste tráfico indigno, me dizia outro dia que nas ruas de Uruguaiana, tinha que andar dizendo que não era paraguaio para que não o roubassem."

A carta é evidente por si só: o roubo de prisioneiros para transformá-los em escravos é um crime de guerra que se condiciona ao próprio sistema do Império, refletido nas suas tropas: o escravismo... Se os prisioneiros caídos nas mãos dos brasileiros eram transformados em escravos, pior sorte tinham os que cabiam a Venâncio Flores. O correspondente do Evening Star, de Londres, percorreu o campo de batalha e contou aos seus leitores:

"Era um espetáculo horrível. Mil e quatrocentos paraguaios jaziam ali sem haver recebido sepultura; a maioria deles tinha as mãos atadas e a cabeça arrebatada... Os prisioneiros, depois de desarmados, haviam sido degolados e abandonados no campo de batalha!"

### SÁDICO EM CENA

Mas, o grande criminoso dessa guerra é o conde D'Eu, genro de Pedro II, que a partir de 1869 substituiu o duque de Caxias no comando do exército. O conde D'Eu tem uma crônica fantástica pelos crimes que cometeu nessa guerra. Na batalha de Peribeubuy, quando morreu o valente general brasileiro Menna Barreto, a irritação do príncipe francês chegou a tais limites de brutalidade que mandou, num torpe ato de vingança, que certamente não honra o militar morto, degolar todos os prisioneiros paraguaios no ato de captura, inclusive ao general Pablo Caballero (não confundir com Bernardino Caballero). O conde D'Eu, pálido e trêmulo, segundo os testemunhos da época, assistiu que longe à degola coletiva de um exército vencido.

Mas a crônica de sua vilania tem aspectos mais rudes e selvagens. Ele mandou fechar o velho hospital de Peribeubuy, mantendo no seu interior os enfermos — a maioria de velhos e crianças — e incendiá-lo. O hospital em chamas ficou cercado pelas tropas brasileiras que, cumprindo ordens desse louco príncipe louro, empurravam a ponta de baioneta para dentro das chamas os enfermos que milagrosamente tentavam sair da fogueira.

É difícil, porém, saber qual a maior vilania cometida pelo conde D'Eu. Porque ele, um sádico no comando da guerra, consegue exceder-se. Após a célebre batalha de Acosta Ñu (que mais adiante está detalhada), quando três mil e quinhentas crianças enfrentaram vinte mil aliados (como se verá adiante não há exagero nenhum e prova-se com testemunhos brasileiros esse fantástico acontecimento militar) — pois, após essa insólita batalha, quando ao seu final, no cair da tarde, as mães das crianças paraguaias saíram do mato para resgatar os cadáveres dos filhos e socorrer os poucos sobreviventes, o conde D'Eu mandou incendiar a macegã, matando queimadas as crianças e suas mães.

Depois da batalha, Acosta Ñu era um campo em chamas: entre as chamas viam-se, pela noite já, levantar-se um soldado-criança que ali jazia ferido e fugir do fogo até ser alcançado e cair no braseiro, queimando-se vivo. É difícil na crônica militar encontrar atos de maior selvageria.

Outros crimes de guerra poderiam continuar sendo narrados. O exército paraguaio costumava ser seguido pelas mulheres dos seus soldados: as residentes. Após as batalhas, era comum as residentes entrarem no campo de luta, recolhendo e tratando dos seus feridos — pai, irmão, filho, marido — ou simplesmente para enterrar seus mortos. Na batalha de Avahi, quando o general Osório foi ferido e morreram três mil brasileiros, o furor foi tanto que, ao final,

## Os mortos: homens, mulheres e crianças

É importante fazer um quadro populacional do Paraguai, antes e depois da guerra:

População no começo da guerra	800.000	— 100%
População morta durante a guerra	606.000	— 75,75%
População do Paraguai após a guerra	194.000	— 24,25%
Homens sobreviventes	14.000	— 1,75%
Mulheres sobreviventes	180.000	— 22,50%
Homens sobreviventes menores de 10 anos	9.800	— 1,225%
Homens sobreviventes até 20 anos	2.100	— 0,2625%
Homens sobreviventes maiores de 20 anos	2.100	— 0,2625%

Um outro quadro muito interessante é o seguinte:

Mulheres paraguaias ao começo da guerra	400.000	— 100%
Mulheres paraguaias mortas durante a guerra	220.000	— 55%
Mulheres paraguaias sobreviventes	180.000	— 45%

Não deixa de ser interessante também, verificar-se a proporção dos habitantes do Paraguai, após a guerra, em relação ao sexo e à idade.

Total da população após a guerra	194.000	— 100%
Total de homens	14.000	— 7,22%
Total de mulheres	180.000	— 92,78%
Homens até 10 anos	9.800	— 5,06%
Homens até 20 anos	2.100	— 1,08%
Homens maiores de 20 anos	2.100	— 1,08%

Vejamos agora, na população masculina, a proporção por idade:

Homens até 10 anos	9.800	— 70%
Homens até 20 anos	2.100	— 15%
Homens maiores de 20 anos	2.100	— 15%
Total geral da população masculina	14.000	— 100%

E se é preciso mais um comentário, apenas acentuar que somente 15% da população dos homens paraguaios após a guerra têm mais de 20 anos: são apenas 2.100. E eles representam apenas 1,08% da população total. Por fim, a proporção das perdas: Mortos durante a guerra 606.000 — 75,75% da população; Homens mortos durante a guerra 386.000 — 48,25% da população; Mulheres mortas durante a guerra 220.000 — 27,50% da população

E concluindo:

Homens mortos em relação à população total de 800.000 de antes da guerra	48,25%
Homens mortos em relação à população masculina total de 400.000 de antes da guerra	96,50%
Mulheres mortas em relação à população total de 800.000 de antes da guerra	27,50%
Mulheres mortas em relação à população feminina total de 400.000 de antes da guerra	55,00%
Proporção total de mortos na guerra em relação ao total de 800.000 de antes da guerra	75,75%





quando cem "residentes" saíram da orla da selva para recuperar os mortos, sofreram uma carga de cavalaria, foram mortas e lançadas debaixo das patas dos cavalos. Alguns oficiais brasileiros tentaram evitar essa carnificina — que já tinha sido precedida de outra, no extermínio de feridos — mas não o conseguiram.

Na guerra ao Paraguai cometeram-se os maiores crimes que a história militar das Américas tem registro.

Embora este livro não seja uma crônica militar da guerra ao Paraguai, vale a pena, muito rapidamente, destacar alguns acontecimentos que resultaram dessa campanha. Menos para acentuar uma história ou uma cronologia dos fatos militares, e mais para que se examine a peculiaridade dessa guerra.

Essa guerra iria desmentir o presidente Mitre, da Argentina. Quando ela se iniciou, certo da vitória fácil, ele falou solenemente aos argentinos: "Em 24 horas nos quartéis, em quinze dias em Corrientes, em três meses em Asunción". Mais realista, embora de um realismo duro, Alberdi soube entender melhor a guerra: "Uma guerra de bosta". Uma guerra onde as doenças e epidemias mataram mais que as balas. Uma guerra de extermínio total que só terminou quando praticamente não havia mais paraguaios a matar.

Quando começou a guerra o Paraguai tinha aproximadamente oitocentos mil

habitantes. (Há estatísticas informando que a população deveria chegar a um milhão e trezentos mil, o que é muito improvável). Ao terminar, o genocídio foi feito tão eficientemente, que só existiam no Paraguai cento e noventa e quatro mil habitantes. Destes, quatorze mil eram homens e cento e oitenta mil mulheres. Ou seja, a população masculina foi praticamente exterminada: dos quatorze mil homens que sobraram da população inicial de oitocentos mil habitantes, pelo menos 70% eram de crianças de menos de dez anos! Segundo cálculos bem realistas, portanto, nove mil e oitocentos habitantes do sexo masculino no Paraguai — da população restante de quatorze mil homens — eram crianças de menos de dez anos. Sobram quatro mil e duzentos maiores de dez anos. Desse quatro mil e duzentos maiores de dez anos, apenas metade deverá ter mais de vinte anos. Ou seja: sobraram no Paraguai, maiores de vinte anos, dois mil e cem homens!

Calculando-se que metade da população ao início da guerra era formada por mulheres (crianças e adultas), teremos quatrocentos mil habitantes do sexo feminino. Como sobraram cento e oitenta mil, mataram-se — e morreram vítimas da fome e epidemias — duzentas e vinte mil mulheres e crianças do sexo feminino na guerra ao Paraguai. Da mesma forma, sobraram da população masculina adulta do Paraguai, ao final da guerra, 0,525%! Evidentemente, mata-

ram-se 99,475% dos homens válidos maiores de vinte anos! Esses dados são melhores para se entender a natureza da guerra do que fazer desfilhar por páginas e páginas descrições de batalhas e combates...

### CRIANÇAS NA GUERRA

Acosta Ñu foi uma das mais terríveis batalhas da história militar do mundo. De um lado, estavam os brasileiros com vinte mil homens. De outro, no meio de um círculo, os paraguaios com três mil e quinhentos soldados de Nove a Quinze Anos, não faltando garotos de seis, sete e oito anos! Junto às três mil e quinhentas crianças paraguaias, combatiam quinhentos veteranos comandados pelo general Bernardino Caballero.

Essa batalha, acontecida no dia 16 de agosto de 1869, foi necessária para que o marechal Francisco Solano López continuasse sua fuga do quartel general de Ascurra e seguisse em segurança para Cerro Corá, enquanto os "niños combatientes" retardariam as tropas brasileiras. (Essa batalha de Acosta Ñu é referida por Tasso Fragoso como batalha de Ñu Guassú — Campo Grande)

A batalha começou pela manhã, num campo aberto, coberto de macega. Bernardino Caballero — o melhor general de Francisco Solano López — com seus quinhentos soldados do VI Batalhão de Veteranos, reuniu as três mil e quinhentas crianças e esperou o ataque. Os paraguaios ficaram, como acentuou Tasso Fragoso, num "círculo de fogo". Sofreram o ataque brasileiro por quatro lados: pelo Norte, a cavalaria de Hipólito Ribeiro; pelo Este, as forças do general Câmara; pelo Sul, os veteranos do general Resin; e, finalmente pelo Oeste, atropelavam as forças comandadas pelo conde D'Eu. Atacados pelos quatro flancos, numa

flagrante desproporção de forças de cinco brasileiros para cada paraguaio, a resistência durou o dia todo e ainda pela noite o famigerado conde D'Eu teve que se preocupar com os sobreviventes feridos.

Acosta Ñu é o símbolo mais terrível da crueldade dessa guerra: as crianças de seis a oito anos, no calor da batalha, apavoradas, agarravam-se às pernas dos soldados brasileiros, chorando, pedindo que não as matassem. E eram degoladas no ato. Escondidas nas selvas próximas, as mães observavam o desenrolar da luta. Não poucas pegaram em lanças e chegaram a comandar grupos de crianças na resistência. Finalmente, após todo um dia de luta, os paraguaios foram derrotados. Pela tarde, quando as mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o conde D'Eu mandou incendiar a macega — no braseiro, viam-se crianças feridas correr até caírem vítimas das chamas. A resistência em Acosta Ñu e o sacrifício dessas crianças simbolizam perfeitamente como a guerra se tornou implacável. Tanto pelo lado de Francisco Solano López, formando um exército de crianças, como pelo lado brasileiro, que não se pejou em matá-las.

A batalha de Acosta Ñu permitiu que Francisco Solano López conseguisse escapar do cerco das tropas do conde D'Eu. Seu fim está próximo: ele resiste com pouco menos de quinhentos homens e cercado de conspiradores. A sua morte acontecerá no dia 1º de março de 1870 — com ele, morreu o Paraguai.

Desde 1868 que Asunción já tinha sido tomada — e saqueada pelos soldados brasileiros —, já havia um governo títere imposto e o Paraguai estava sendo retalhado e entregue ao imperialismo internacional. Mesmo assim, Francisco Solano López continuou a desesperada resistência. E morreu resistindo.

## Os dez dias que abalaram o mundo, a origem do capital, a nova mulher e outros assuntos reunidos numa coleção revolucionária.

COLEÇÃO BASES, da GLOBAL EDITORA E DISTRIBUIDORA. Textos relevantes, acessíveis ao grande público, nos mais diversos domínios, necessários à sua formação cultural básica.

### A1 JOHN REED "DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO" 2ª ed.

O mais vivo relato jamais publicado dos dramáticos acontecimentos que tiveram lugar na Rússia em 1917. Cr\$ 90,00.



### A5 TURGOT "REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DAS RIQUEZAS. KARL MARX

"TEORIA DA MAIS VALIA: OS FISIOCRATAS". Cr\$ 70,00.

### A2 MAIAKÓVSKI "POÉTICA — COMO FAZER VERSOS"

Trata-se da mais importante obra teórica de Maiakóvski.



### A6 ALEXANDRA KOLLONTAI "A NOVA MULHER E A MORAL SEXUAL"

Alexandra, porta-voz de uma visão ideológica de classe. Cr\$ 60,00.

### A3 KARL MARX "A ORIGEM DO CAPITAL: A ACUMULAÇÃO 'PRIMITIVA'"

Mostra objetivamente de que modo teve início o processo de acumulação do capital. Cr\$ 50,00.



### A7 LEON TROTSKI "COMO FIZEMOS A REVOLUÇÃO"

Os métodos, a organização e a estratégia utilizados na Revolução de Outubro. Cr\$ 50,00.

### A4 MARTA HARNECKER "O CAPITAL — CONCEITOS FUNDAMENTAIS"

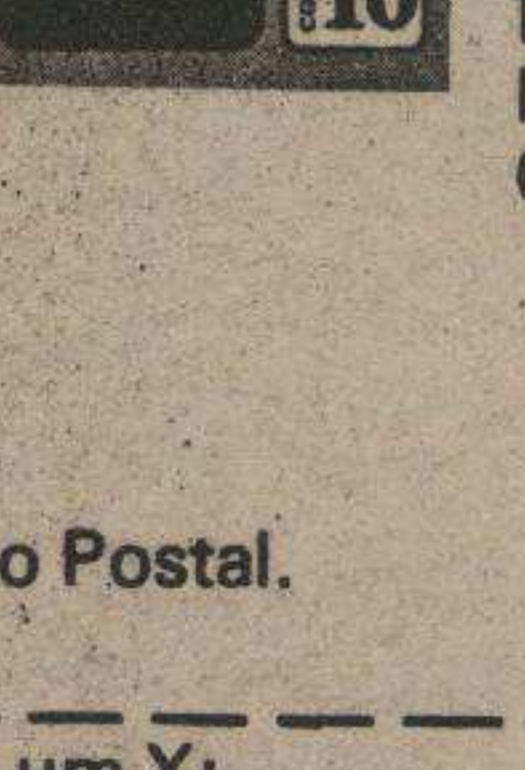
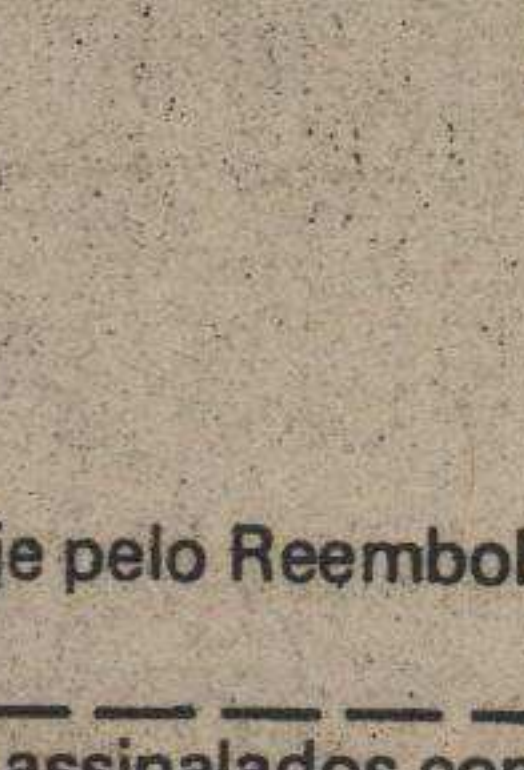
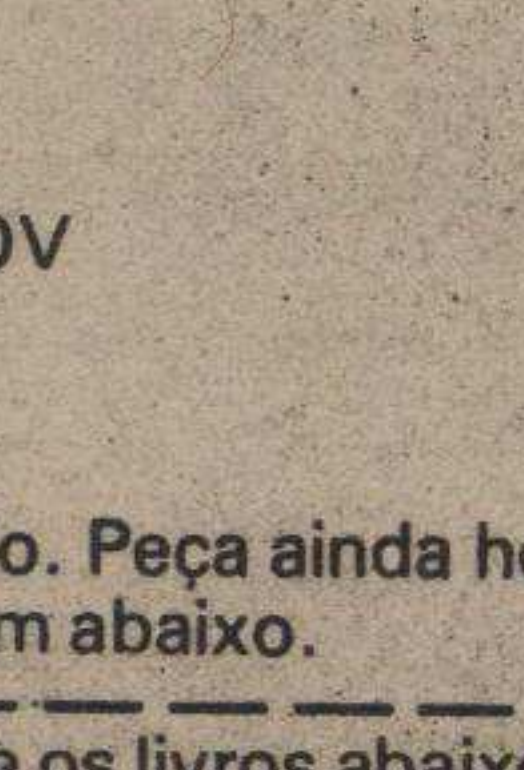
A autora assinala com grande precisão a validade teórica atual de "O Capital" e propõe um rigoroso plano de leitura destinado àqueles que se iniciam no seu estudo. Cr\$ 80,00.



### A8 WILHELM REICH "PSICOPATOLOGIA E SOCIOLOGIA DA VIDA SEXUAL". Cr\$ 140,00.

A9 LENIN "AS TRÊS FONTES E AS TRÊS PARTES CONSTITUTIVAS DO MARXISMO". Cr\$ 50,00.

### MANUAL DE ECONOMIA POLÍTICA LAPIDOS E OSTROVITIANOV



### A10 STALIN "MATERIALISMO DIALECTICO E MATERIALISMO HISTÓRICO". Cr\$ 40,00.

Faça já seu pedido. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

A1... A2... A3... A4... A5... A6... A7... A8... A9... A10...

NOME: .....

RUA: ..... BAIRRO: .....

CIDADE: ..... CEP: ..... ESTADO: .....

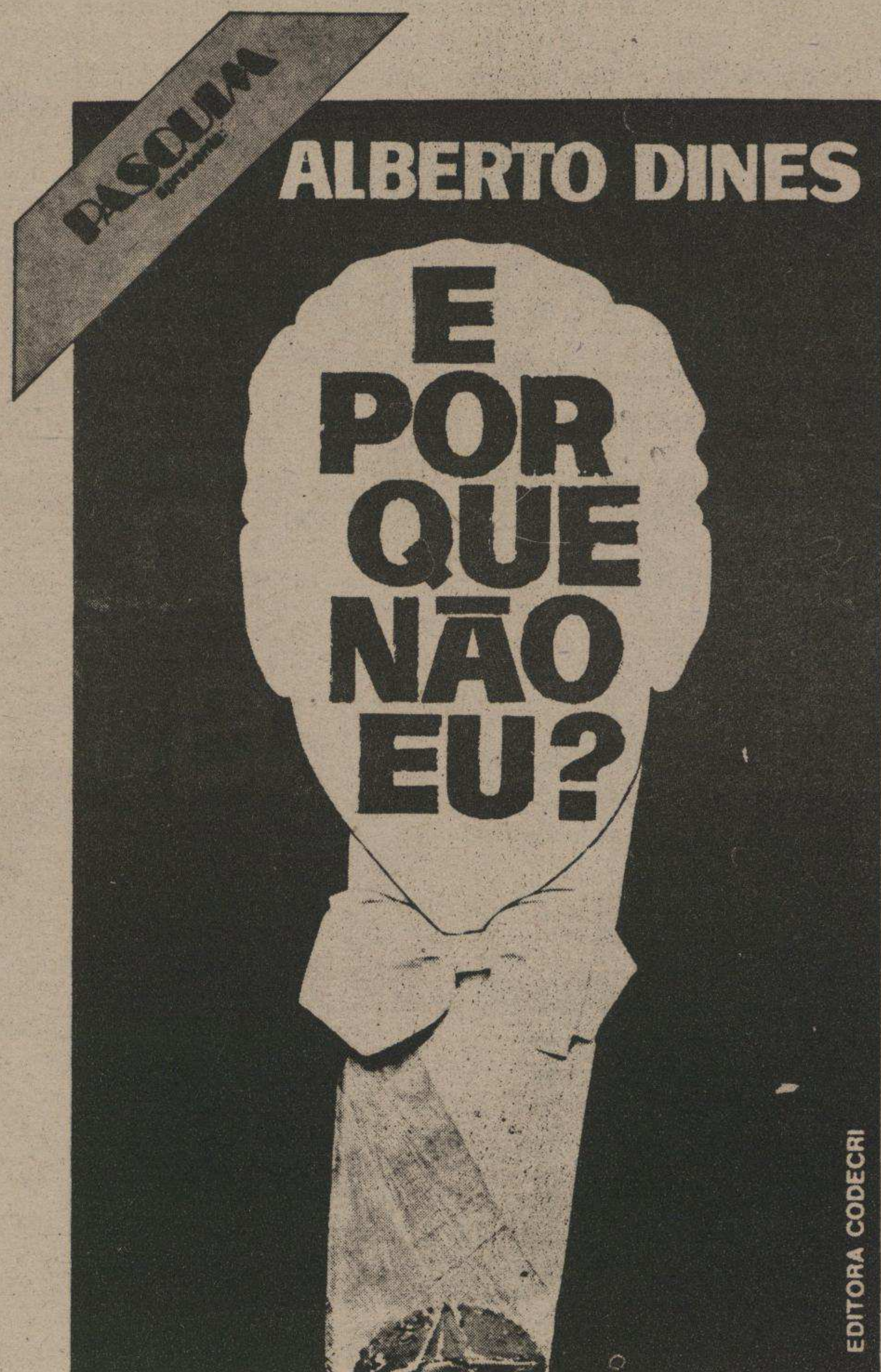
Global Editora e Distribuidora Ltda.  
Rua Comendador Coruja, 372  
90.000 — Porto Alegre — RS

ASSINATURA .....

Ponha logo no correio

\* Não cobramos despesas de remessa.

# UMA UTOPIA 'AS AVESSAS



## NÃO DEIXE DE LER!

Cr\$ 85,00

Nas bancas e livrarias, ou pelo Reembolso Postal. Não precisa enviar dinheiro agora, basta escrever para:

EDITORA CODECRI LTDA. — Serviço de Reembolso Postal  
Rua Saint Roman, 142 — Copacabana  
22071 — Rio de Janeiro — RJ





## DUAS OU TRÊS PÁGINAS DE BOA PROSA

**OS TOLOS MORREM ANTES (Fools Die),** de Mario Puzo. Tradução de Luzia Machado da Costa, Record, 528 páginas, Cr\$ 280,00.

Na tradição da novela norte-americana, qualquer história precisa de alguns quilômetros para acontecer. Esta tradição se deve, pelo lado mais nobre, a uma certa obsessão pela viagem, pela síndrome do pioneiro em permanente perseguição de fronteiras. Isto é encontrado em Mark Twain, Jack London,

Melville, mas também em Kerouac, e nas histórias policiais onde o detetive, como um peregrino condenado ao deslocamento perpétuo, viaja de crime em crime, pela pobre recompensa de descobrir que nem sempre o criminoso é o mais culpado.

Por outro lado, esta ânsia pelo deslocamento nos mostra que Hollywood ainda exerce um fascínio quase total sobre qualquer vigarista imaginoso que se torna escritor. E Hollywood, embora sua obsessão seja produzir um filme que se passe apenas num quarto — com som direto e todos os detalhes de uma boa transa amorosa — não possui liberdade social e institucional para tratar das questões de sexo. Nada é explicitado e tudo é sugerido, num processo de crescente erotização da aventura, do crime, do terror. Os escritores bons, para Hollywood, são aqueles técnicos imaginosos

capazes de produzir uma história onde as viagens e o sexo se articulam ao terceiro nóculo da fantasia americana: a grana.

No fim tudo se mistura: o americano é este cara se deslocando em conflito na busca de gratificações. E estas, como dizia Mencken ainda no princípio do século, são o sexo e a grana. Os componentes do coquetel de um bom sucesso editorial estão aí. Mario Puzo usou-os para tornar *Os Tolos Morrem Antes* (Fools Die) um sucesso do mesmo tipo de *O Chefeão*. Nova York, Las Vegas e Hollywood, alguns gangsters e jogadores numa dura batalha pelo dinheiro, atrizes com os mais diversos hábitos sexuais, um escritor e jornalista endemecido, tudo distribuído em mais de 500 páginas.

Lá estão os cassinos de Las Vegas e alguns lugares famosos de Nova York e Hollywood. E as explicações de um escritor sobre a fidelidade, a morte, o dinheiro, o sucesso, a amizade. O *Livro 1*, (com duas ou três páginas apenas) que parece um pastiche de Norman Mailer, promete um *Guerra e Paz* onde todos os combates serão na alcova ou mesas de jogo ou escritórios de advogados. Na verdade Puzo misturou a sua bebida e nos serviu um caldo pegajoso, de gosto indefinido, onde duas ou três páginas de boa prosa se misturam a calhamaços do que há de pior em ficção. Os melhores momentos de Puzo são os que tratam da miséria que, no caso, é o período em que o personagem/escritor aceita suborno numa repartição de recrutamento militar.

As conversas e acontecimentos de Las Vegas tinham a intenção de nos oferecer as emoções do jogo e do crime. Acabam se tornando uma sopa de clichês. E em Hollywood, deveríamos ter recebido, finalmente, o livro que Scott Fitzgerald não havia conseguido escrever. Mas nem aí aparece alguma coisa que Budd Schullberg ou o próprio Fitzgerald já não o tenham feito muito melhor. O sexo nunca foi tão hollywoodiano e a permissividade de Puzo é puramente factual: ele mistura lésbicas com um hetero e faz alguns personagens contar como gostam de ter o seu sexo. É uma trilha morta, não nos levará a nada daquilo prometido por Lawrence ou Henry Miller.

Enfim, talvez apenas a venda do livro o justifique, mas isto já é assunto para contabilidade do editor de Puzo. Resta perceber que até escrever, fria e calculadamente, um livro de sucesso, exige qualificação superior à existente no atual estoque de truques de Puzo. Mesmo o dinheiro, que ele considera pessoalmente um ponto chave na sua vida e em sua literatura, é tratado com extrema vulgaridade. Em defesa de Puzo, diga-se que ele pode ter sofrido o que é comum nos escritores editados pela Record: uma tradução deficiente. Alguns momentos do texto são muito ruins, estranhos num escritor com a qualidade de Mario Puzo que escreveu *Guerra Suja* (Dark Arena).

JOSÉ ONOFRE

## DOLOROSOS ROTEIROS DO EXÍLIO

**TEMPO DE AMEAÇA**, de Rodolfo Konder, Editora Alfa-Omega, 1978, São Paulo, Cr\$ 70,00.

**MURRO EM PONTA DE FACA**, teatro de Augusto Boal, Editora Hucitec, 1978, São Paulo, Cr\$ 90,00.

No atual momento da vida política brasileira, quando tomam corpo, cada vez mais, os movimentos em defesa dos direitos humanos e pela anistia em favor de tantos e tantos brasileiros impedidos de voltar à sua terra, o surgimento de duas obras nas livrarias reveste-se de suma importância e inegável oportunidade: *Tempo de Ameaça*, de Rodolfo Konder, e *Murro em Ponta de Faca*, de Augusto Boal. Ambas talam do mesmo problema: a vida dos exilados brasileiros em sua perambulação pelo mundo, seus sofrimentos e humilhações, suas saudades da pátria, seus desesperos, sua condenação por terem tido a audácia de um dia expressarem seus pensamentos.

*Tempo de Ameaça*, de Rodolfo Konder, dedicado a "todos os homens e mulheres que tomaram na luta pela liberdade e contra o fascismo na América Latina", apesar da linguagem literária que o aproxima de um romance, não é obra de ficção, mas a autobiografia política de um exilado. Levantando a vida do personagem-autor, desde sua infância em Ipanema, até sua maturidade, engajamento político e conseqüente exílio e deportações que o fizeram perambular por vários países, Rodolfo Konder traça um painel dos terrores da repressão, do martírio do exílio, da solidão a que é condenado aquele que se aventura na política contrária aos interesses da classe dominante.

*Murro em Ponta de Faca*, de Augusto Boal, é outro documento importante e oportuno. Abordando o mesmo tema, em forma teatral, o texto de Boal é, no dizer de Gianfrancesco Guarnieri, "uma exposição exata e pungente da condição de exilado, do horror das perseguições, da promiscuidade dos refúgios, do andar em círculo daqueles a quem se nega pouso, pátria, raiz". Aliás, sobre essa condição do exilado, é o próprio Boal quem diz, referindo-se à feita do texto: "Sentei, chorei um bocadinho — ninguém é de ferro! E fui juntando lembranças. E raiva também, podem crer, boa raiva de bom tamanho". Considerado um dos mais completos homens do teatro brasileiro, respeitado e solicitado por vários países, Augusto Boal está exilado há sete anos. Sobre seu possível retorno, é ele quem fala: "Quando é que eu volto? Não sei. Sei que sinto saudades, sei que quero voltar... Sei que só voltarei quando puder voltar inteiro: eu e o meu trabalho, que é parte de mim. Quando puder fazer no Brasil o mesmo que faço fora, na França e na Itália, na Suécia e em Portugal: teatro do oprimido, teatro para a libertação. Quando isso for possível, tomo o primeiro avião". Enquanto isso não acontece, resta ao leitor brasileiro o consolo de ler *Murro em Ponta de Faca* e curtir a incompreensão de ver afastado do país um homem que poderia estar contribuindo, aqui e agora, de forma decisiva, para o desenvolvimento da nossa cultura.

CARLOS CARVALHO

## LONGE DOS ARROUBOS DE MCLUHAM

**O MITO DA CULTURA DE MASSA**, de Alan Swingewood, Editora Interciência, 124 páginas, Cr\$ 110,00.

Alan Swingewood não é norte-americano nem europeu do continente. De certa forma, esta referência revela algo sobre O Mito da Cultura de Massa que não se filia a funcionalismo ou a estruturalismo. Este autor inglês se propõe a analisar a cultura de massa — muitas vezes transformada em mito moderno —

## OS LIVROS QUE VOCÊ PRECISA LER ESTÃO AQUI.

### E1 — ESPIONAGEM CIENTÍFICA:

Jacques Bergier  
Os cientistas, a política e a tecnologia da guerra.  
A manipulação de cérebros, o uso da Ciência pelos governos, o tráfico de sábios. — Cr\$ 100,00

### E2 — ANTOLOGIA POÉTICA:

Pablo Neruda  
Edição bilingüe: texto original em castelhano e a tradução portuguesa em prosa. O melhor de Neruda em um único livro. — Cr\$ 90,00

### E3 — O MITO DA CULTURA DE MASSA:

Alan Swingewood  
Uma análise dos princípios fundamentais da comunicação de massa, a partir da dominação de classe nas sociedades capitalistas modernas. Um estudo a partir das teorias de Adorno, Gramsci, Benjamin, Althusser, Marcuse e Lukacs. — Cr\$ 120,00

### E4 — ECOLOGIA E POLUIÇÃO:

Benjamin de Carvalho  
O homem e seu ecossistema. Poluição do meio ambiente e explosão demográfica. A destruição do meio ambiente e o futuro. O progresso a qualquer preço e a natureza. — Cr\$ 110,00

### E5 — SEXO E AMOR:

Eric Berne  
Uma abordagem inteiramente original do sexo e do amor: sob o prisma da análise transacional. Linguagem coloquial, fundado em pesquisa e transbordante de verve e sabedoria. — Cr\$ 100,00

### E6 — AGRESSIVIDADE CRIATIVA:

Bach & Goldberg  
Um livro que derruba o mito do "cara legal". O perigo da repressão da raiva. Como tornar construtiva sua agressividade livrando-se do artificialismo das relações humanas. — Cr\$ 160,00

### E7 — NOSSA NOVA CASA:

Bruno Monteiro  
Projetos completos, com fachadas e divisões internas, de casas térreas e sobrados de vários estilos. — 98 sugestões para construir sua casa. E mais: churrasqueiras, lareiras, piscinas, jardins. Projetos novos. Totalmente a cores. — Cr\$ 160,00

Aproveite a oportunidade. Peça ainda hoje pelo Reembolso Postal. Preencha o cupom abaixo.

Agência Literária Veritas Ltda. Comendador Coruja, 372 — Porto Alegre

Queiram enviar-me os livros abaixo assinalados com um X:

E1... E2... E3... E4... E5... E6... E7...

Nome: \_\_\_\_\_

Rua: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_

\* Não cobramos despesas de remessa.

Assinatura \_\_\_\_\_

ponha logo no Correo



segundo os valores marxistas.

Não quer dizer que o enfoque de sua análise provém de sua nacionalidade. Apenas que os estudos europeus ou norte-americanos, geralmente, privilegiam determinados enfoques, que, geralmente, são prontamente traduzidos no Brasil para reforçar uma dependência de métodos e instrumentos de análise. Swingewood pelo menos foge à cantilena monocórdica e torna mais plural um enfoque terrivelmente unificado.

Para mostrar o mito da cultura de massa, o autor inicia por uma revisão das origens da teoria da sociedade de massa (Tocqueville, Nietzsche, Gasset, T. S. Eliot e Leavis) para passar à sociedade de massa como totalitarismo, principalmente se detendo nos frutos da escola de Frankfurt e a indústria da cultura. Os meios de comunicação são apenas um reflexo da sociedade? Criam realidades? Qual a sua influência entre a população e o papel exercido pelo *mass media* como justificativa ideológica de uma sociedade asentada em bases injustas?

Através de teorias existentes, e também incorporando conceitos de Trotsky e Lenin, Alan Swingewood analisa as relações da cultura e da ideologia com o sistema de produção, entrando numa controversia — agora acesa no Brasil — sobre a existência ou não de uma cultura operária.

Esta discussão é importante pela polêmica de exposições sobre a cultura da classe operária ou sobre a cultura popular, durante os congressos da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC — tanto em São Paulo quanto em Brasília. E também pelo interesse de alguns estudiosos da comunicação, dentro de uma metodologia mais de acordo com a realidade brasileira e não apenas cópia de modelos forâneos. Exemplo: Sérgio Miceli, que em 1972 publicou pela editora Perspectiva *A Noite da Madrinha*, onde analisa a indústria cultural no contexto da dependência, e Eclea Bosi na sua obra *Cultura de Massa, Cultura Popular*, editada pela Vozes e que vê a atitude de operárias frente aos produtos da indústria cultural.

O livro de Swingewood é também importante porque se fixa na Cultura e na perspectiva de uma sociedade dividida em classes. Assim, aparentemente reforça os resultados de sua análise, apesar de que em alguns capítulos o material pesquisado são as novelas *proletárias* inglesas de fins do século passado e início deste.

Talvez um dos capítulos mais oportunos seja *Ideologia e Comunicação de Massa — O Problema da Legitimidade*. Mais oportuno por causa da utilização intensiva dos meios de comunicação no Brasil, no período pós 1964, quando o Poder buscava uma legitimidade que não tinha. Nele o autor vê o problema do Estado Capitalista e a dominação ideológica, seguindo-se uma apreciação de conceitos de Ideologia e Falsa Consciência em Althusser e Poulantzas. Principalmente o primeiro situa os meios de comunicação dentro do que ele chama *Aparelhos Ideológicos de Estado*, através dos quais são reproduzidas as condições de produção existentes na sociedade, para que o capitalismo tenha continuidade.

Este professor conferencista de Sociologia da *London School of Economics and Political Science* nada mais faz do que enriquecer consideravelmente um dos temas mais debatidos no Brasil. E, recentemente, debatido de uma maneira mais séria, mais conforme à realidade brasileira e sem os arroubos dos anos 60, quando McLuhan despejou sua cantilena para comunicólogos ventríloquos.

SÉRGIO CAPARELLI

## UMA SALADA PSEUDO CIENTÍFICA

MUTAÇÕES E CROMOSSOMOS, de Álvaro Faria, Avenir Editora, 53 páginas.

A Genética, ramo da Biologia que há alguns anos era quase de exclusivo conhecimento de especialistas, tem aparecido ultimamente nas páginas de revistas e jornais e, inclusive, na televisão. Nos países culturalmente mais desenvolvidos, multiplicam-se os debates públicos sobre o assunto, mesmo sobre aspectos que lhe dizem respeito indiretamente: diagnóstico pré-natal e aborto, defeitos congênitos, engenharia genética e sociobiologia, entre outros.

O livro de Álvaro Faria, *Mutação e Cromossomos*, pelo título e apresentação parece que pretendia tratar de assunto correlato à Genética, à sociobiologia. Na contracapa, consta que em 1945 "... o autor apresentou a linguagem como sendo um sistema de cromossomos extra-orgânicos, extensão do código genético celular. Hoje, o autor acredita estarem na sociobiologia as sementes das ciências interdisciplinares, as da engenharia genética e as da imagem científica da Teologia da Libertação, colocada na ordem do dia das atuais cogitações pós-conciliares dos bispos da Celam".

Uma apresentação destas, contudo, poderá enganar apenas a mentes pouco críticas. Pois, o código genético só começou a ser identificado em 1961. E "cromossomos extra-orgânicos" jamais foram descobertos. Por outro lado, a Teologia não segue o raciocínio científico atual, tendo sua própria linha de pensamento; e o que a Celam tem a ver com todo este palavreado pseudo-científico realmente é difícil de entender.

Ao longo de todo o livro misturam-se termos genéticos com conceitos sociais, temperados com ficções próprias do autor, resultando uma verdadeira salada de idéias. Uma salada às vezes hilariantes, outras vezes absurda, estilo de composição infantil sobre sexo de anjos.

Ao lado de frases cientificamente impecáveis, surgem complementos ou conclusões estapafúrdias, com embasamentos até mesmo místicos. Assim o conceito de *cromossomos* cujo termo o autor sugere uma modificação para *cronossomos* (?) é apresentado dentro de conceitos científicos aceitáveis para um leigo. Contudo, mais para o final do trabalho, a associação com o "verbo-logos" do Evangelho de São João é forçada, pois no princípio não estava o



cromossomo mas a matéria não orgânica ou a não organizada em um sistema biológico. Aliás Álvaro Faria já desanda completamente neste primeiro capítulo quando afirma que "... os cromossomos impuseram-se como verdadeiro Deus...". E pelo que vem depois, a palavra Deus não foi usada em sentido figurado, mas místico, pois o que os cromossomos fazem, na concepção do autor, só mesmo sendo Deus.

O conceito de mutação apresentado é igualmente surpreendente. Na verdade, nada tem a ver com a Genética. Usa-o sem defini-lo, com a finalidade de identificar mudanças históricas na evolução ou organização social da espécie humana. Para ele, as mutações surgem no cérebro "... neste órgão supremo... que se geram os novos cromossomos...". Essa afirmação absurda demonstra que o autor desconhece os termos e os conceitos científicos que usa. Aliás, as mutações apresentadas são muito originais, sendo: a) a dos cromossomos sexuais engendrados nos órgãos sexuais (?); b) os cromossomos extra-orgânicos ou sociais (?); c) e finalmente o que poderíamos denominar de cromossomos escravistas, mutação que deu origem a duas classes sociais, os "dirigentes consumidores" e os "sofridos produtores", ou seja, os patrões e os operários.

As bases científicas são nulas, apesar da boa intenção de qualificar os cromossomos causadores da formação das classes de satânicos e assim exorcizá-los.

No fim, Álvaro Faria mostra seu objetivo, ao excomungar todos os consumidores do superfluo e poluidores do planeta culpando os interesse das multinacionais. A idéia é simpática mas a defesa que faz e os argumentos que utiliza só favorecem os adversários. Diria até: com um amigo destes, para que inimigos? Acredito que não existe nada equivalente escrito e espero que ninguém escreva algo semelhante.

BERNARDO ERDTMANN, do Instituto de Genética da UFRGS.

## REGISTRO

**SALMOS** — Ernesto Cardenal, atualmente no exílio, é um dos maiores críticos do regime de Anastácio Somoza, na Nicarágua. E aqui ele traz os *Salmos numa ótica da Teologia da Libertação*, que o transforma num dos grandes poetas do nosso tempo. Traduzido por Thiago de Mello, com ilustrações de Poty, 70 páginas, Cr\$ 129,00.

**AGILDO BARATA, VIDA DE UM REVOLUCIONÁRIO** — São as memórias de um tenente do Exército brasileiro, revolucionário de 1930, herói da insurreição de 1935, ex-militante do PCB. Nas 414 páginas deste livro da Alfa-Omega, toda uma época de grandes atribulações na vida brasileira. Cr\$ 185,00.

**OS EXILADOS** — O drama partilhado hoje por 5 mil brasileiros, forçados a sair do País depois do movimento militar de março de 1964. "Os relatos reunidos no livro de Cristina Pinheiro Machado são o testemunho dessa experiência — amarga, cortante, cheia de revolta", segundo diz Eduardo Greenhalgh, presidente do Comitê Brasileiro pela Anistia, que faz a apresentação. Alfa-Omega, 129 páginas, Cr\$ 90,00.

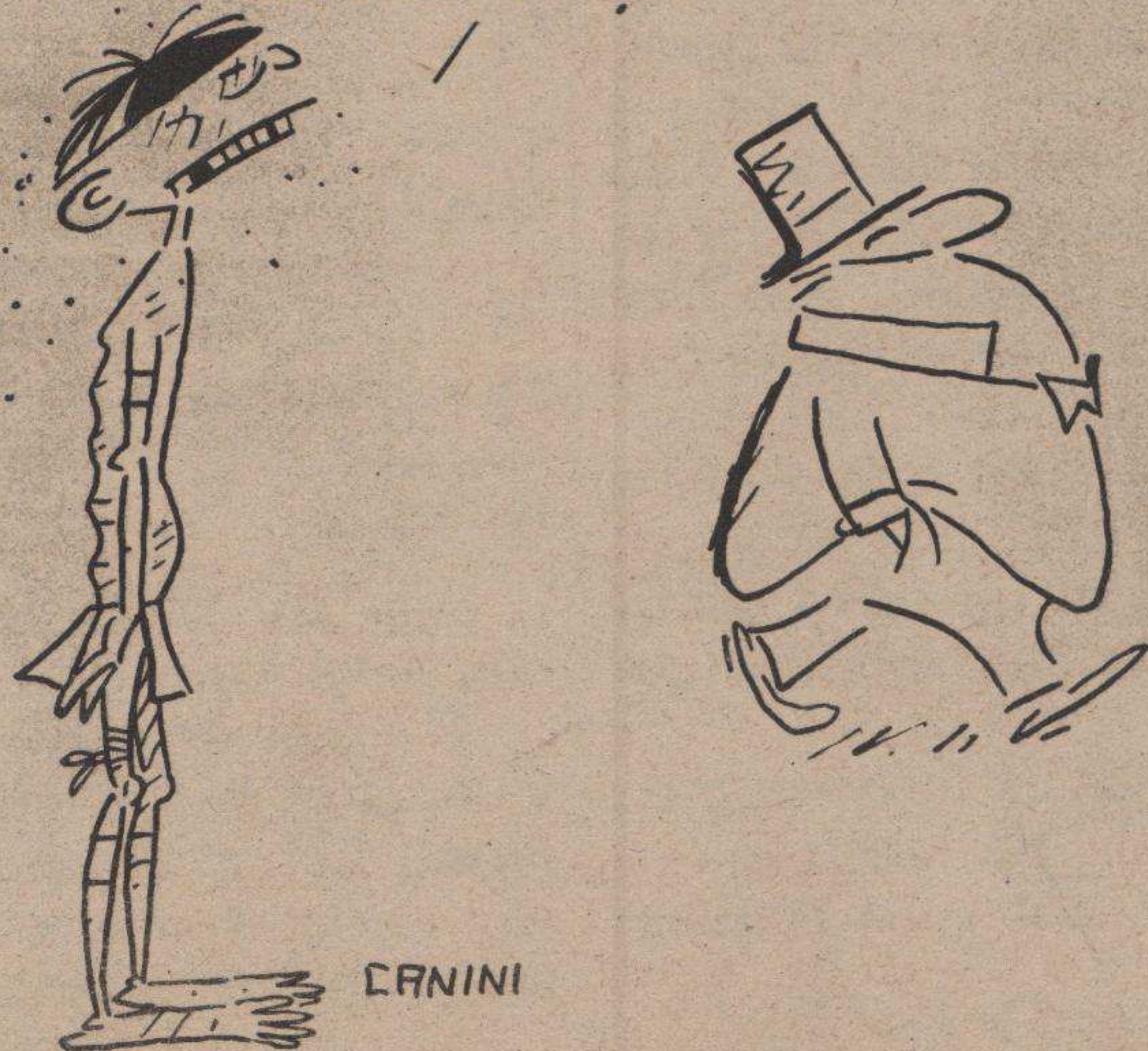
**ENSAIO GERAL** — Antônio Marcello, ex-estudante, ex-ator e diretor de teatro amador, ex-bancário, ex-militante sindical, ex-presos político, atualmente no jornalismo, escreveu na prisão esta novela que retrata "os terríveis anos do Eldorado em transe — os anos do Governo Médici". 144 páginas, Cr\$ 95,00.

**EMPRESÁRIO, ESTADO E CAPITALISMO NO BRASIL (1930 - 1945)** — É a tese de doutoramento que Eli Diniz apresentou no Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. Francisco Weffort diz na apresentação: "Este é um feliz exemplo da etapa de amadurecimento em que começam a entrar as Ciências Sociais no Brasil". Paz e Terra, 300 páginas, Cr\$ 200,00.

**NOVOS RUMOS — PESQUISA SOCIAL (1922-1946)** — O subtítulo desta obra de Edgar Rodrigues é "História do Movimento Operário e das Lutas Sociais no Brasil, de 1922 a 1946". Esta obra vem reforçar uma vertente da História do Brasil, só recentemente considerada em sua verdadeira importância. Edições Mundo Livre Ltda., 470 páginas.

**TEÓFILO OTTONI, MINISTRO DO POVO** — Paulo Pinheiro Chagas foi laureado com o Prêmio Joaquim Nabuco, pela Academia Brasileira de Letras com este trabalho. A nova edição da Itatiaia de novo coloca ao alcance do leitor um dos estudos mais completos desse personagem da História brasileira, Teófilo Ottoni. Co-edição do MEC, 430 páginas, Cr\$ 90,00.

QUERÁ QUE FUNAI É FUNDAÇÃO NACIONAL DE APOIO AO INTRUSO?



## COMPRE OS SERVIÇOS DA COOJORNAL

Compre os serviços da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

A Coojornal é a maior equipe de profissionais-jornalistas de todos os setores de Imprensa. Além disso, tem um dos melhores núcleos industriais do estado para a produção gráfica e jornalística. É uma experiência com mais de quatro anos e quase 30 clientes.

Conte com a Coojornal em:

**Serviços editoriais**  
Planejamento, execução e produção de jornais, revistas e boletins de empresas e entidades de classe.  
Edição de revistas, livros,

jornais, anais, relatórios e quaisquer outras publicações, especializadas ou não.  
Artes, *lay-outs* e produção de capas de livros, revistas, folhetos, prospectos, cartazes, malas-diretas, etc.

**Serviços fotográficos**  
Departamento fotográfico, com laboratório próprio e fotógrafos com formação jornalística e publicitária.  
Arquivo a cores e P&B e serviço de audiovisuais.

**Serviços industriais**  
Nosso núcleo industrial está operando com modernos equipamentos de

fotocomposição e fotolitagem, uma completa unidade preparada para atender a necessidade de fotolitos P&B e seleção de cores.  
Produção e impressão *off-set* de material jornalístico e publicitário, em qualquer tiragem, formato e padrões gráficos.

Consulte hoje mesmo a Coojornal sobre preços, prazos e condições.

**COOJORNAL**  
COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE LTDA.  
Rua Comendador Coruja, 366/372  
Fones: 24.0951 e 21.8984 - Telex (051)1605  
90000 - Porto Alegre - RS



Hanson, que disse aos ajudantes-de-ordens ter ouvido os gritos, tocou no assunto com os anfitriões.

E Mitriane? Mitriane saiu do Brasil em 1966, voltou à Academia Internacional de Polícia, deixando a fama de um especialista em torturas. Em 1969 voltou para o Uruguai. É certo que ele dirigia interrogatórios. Ele dizia: "É necessário saber o máximo antes de começar o interrogatório. Aprenda quais os pontos de quebra do suspeito e chegue a eles o mais rápido possível".

Uma vez um líder sindical que Mitriane considerou arrogante esteve na chefatura de Montevideu e quando ele saiu, o conselheiro, que o observara bem, fez comentários, explicando como faria para quebrar aquele homem:

— Tire toda a roupa dele e force-o a ficar de pé olhando para a parede. Depois faça com que um dos policiais mais jovens o ferre. Depois coloque-o numa cela e deixe-o por três dias sem nada para beber. No terceiro dia passe a ele um jarro de água misturada com urina. Depois disso o preso estava bom para o interrogatório.

Nove meses depois da chegada de Mitriane ao Uruguai, o semanário *Marcha* divulgou um dossiê feito por parlamentares liberais denunciando que a tortura estava sendo empregada sistematicamente contra prisioneiros, usando agulhas elétricas sob as unhas, choques elétricos pelo corpo, especialmente nos órgãos sexuais. Enfim, os mesmos métodos já conhecidos do Brasil.

Alejandro Otero, ex-chefe de polícia do Uruguai, rompeu com Mitriane por discordar dos métodos. Otero era o principal especialista no combate aos tupamaros até a chegada de Mitriane, agentes da CIA e outros conselheiros que assumiram o controle da repressão e começaram a adotar medidas mais rigorosas. Otero não aceitava a tortura física embora fizesse vista grossa para a violência de seus subordinados. Mas, segundo ele, os conselheiros americanos, especialmente Mitriane, introduziram métodos científicos de tortura que iam contra seus princípios. Por exemplo: Na sala ao lado onde o preso estava, tocavam fitas de mulheres e crianças gritando e diziam ao prisioneiro que era sua família que estava sendo torturada. Quando os americanos chegaram ao Uruguai a polícia já usava torturas com agulhas e choques. Mas eram agulhas de várias espessuras. Mitriane mandou vir dos Estados Unidos agulhas tão fininhas que passavam entre os dentes. Esse equipamento vinha dentro da mala diplomática da embaixada, assim como o gás lacrimogêneo era trazido por um avião militar.

Muitos policiais comentavam a frieza de Mitriane diante da tortura. Tudo indica, porém, que ele não fazia o trabalho sujo. Mas, à semelhança dos métodos usados no Brasil e no Uruguai, de acordo com depoimento de prisioneiros, indica que a fonte de inspiração foi a mesma.

Enquanto isso, nos últimos anos da década de 60, a CIA começou a trabalhar numa tarefa complementar à repressão interna. Estava colocando militares e policiais do Brasil, Argentina e Uruguai uns em contato com os outros para treinarem como fazer ligações clandestinas, vigilância, ataque e até assassinato de exilados políticos.

#### EL ESCUADRON

Depois do assassinato de Carlos Marighela em novembro de 69, Sergio Fleury ficou famoso entre a polícia uruguaia. É pelo menos em duas ocasiões foi levado a encontros com grupos de policiais do Uruguai, onde na mesma época surgiu o *Escuadron de La Muerte* que atentou contra professores e jornalistas tidos como simpatizantes dos tupamaros.

Um agente do alto escalão do Ministério da Justiça argentina chegou a ir a Montevideu para discutir a maneira de controlar os exilados políticos dos dois Países. Uma reclamação dos agentes platinos: o contato da CIA que armava os encontros nunca participava deles.

Quando Dan Mitriane foi morto pelos tupamaros em Montevideu, em 1970, deixando mulher e cinco filhos menores com uma pequena pensão, Frank Sinatra convidou Jerry Lewis e os dois deram um show para ajudar a família. Foi um espetáculo comovente em Richmond (Indiana), terra de Mitriane e, Sinatra disse:

— Eu não conheci Dan Mitriane. No entanto, ele era meu irmão. Da mesma forma que vocês e eu e Jerry somos irmãos. Como nós todos da América somos irmãos.

Mitriane foi o único dos conselheiros policiais enviados para a América Latina que morreu nos 12 anos da Secretaria de Segurança Pública e o seu programa anticomunista. Os outros seis morreram no Vietnã.

Depois de 64, os gastos norte-americanos para proteger os investimentos no Brasil chegam a 2 bilhões de dólares, enquanto os investimentos ficam em 1,6 bilhões. Em 1969, mesmo ano, Nelson Rockefeller, governador de Nova Iorque, visitou a América Latina em meio a manifestações hostis e ao voltar fez um relatório ao presidente Nixon: os trabalhadores e estudantes estavam amplamente o sob o domínio comunista e a polícia destes Países precisava ser fortalecida.

#### PRETAS INVENCÍVEIS

Mas foi em vão o apelo. Talvez porque seja impossível fortalecer mais a polícia. A Secretaria de Segurança Pública e seu programa entraram em decadência a partir de 1971. "Nos quartéis da polícia do Rio de Janeiro oficiais brasileiros treinados na Academia Internacional de Polícia lembravam-se carinhosamente de Dan Mitriane como um símbolo de uma Era. Nas garagens da polícia do Rio estavam as fortalezas ambulantes pretas, invencíveis, construídas a um custo de 100 mil dólares cada, projetadas para levar tropas com metralhadoras para o meio das multidões mais densas. Elas são à prova de bala e tão largas que não podem ser viradas, são imunes a coquetéis molotov e equipadas com ar-condicionado contra fumaça e o gás lacrimogêneo.



## Cobaias para uma aula prática

**Murilo Pinto da Silva foi preso em Belo Horizonte junto com 5 companheiros da organização clandestina Colina, em agosto de 1969. Em outubro foi levado para a Vila Militar no Rio de Janeiro. Segundo descreve A. J. Languth em seu livro, Murilo foi levado com outros nove presos políticos para "um prédio baixo" que se alcançava através do pátio do quartel. Eles foram conduzidos até a porta, onde ficaram aguardando e Murilo pôde ouvir um homem, depois identificaria como tenente Aylton, dando instruções sobre torturas. Ele diz que o policial deve-se fazer amigo do torturado para depois pegá-lo.**

**Logo a seguir eles são introduzidos na peça para "uma demonstração". Ao fundo, em seis mesas, estão sentados oficiais do Exército e da FAB. Os prisioneiros ficam no outro extremo sobre um estrado, diante de uma parede com uma tela. À medida que Aylton vai falando, vão se projetando na tela cenas de gente sendo torturada.**

**Ao final da breve exposição, inicia-se a demonstração que transcrevemos na íntegra, de acordo com o depoimento dado ao autor do livro:**

Os guardas levaram os seis prisioneiros para o palco e disseram a eles que tirassem suas roupas. Os homens ficaram de cuecas. Em seguida os guardas forçaram os prisioneiros em posição para a demonstração. Pedro Paulo Bretas tinha suas mãos amarradas. Seu guarda pôs peças de metal triangulares de 20 centímetros de comprimento e cinco de altura entre os quatro espaços de seus dedos. Os soldados forçavam as barras, pressionando para baixo e depois virando para um lado.

Murilo nunca havia experimentado aquela tortura. Notou que quando o torturador girava os cabos para um lado, Bretas gritava e caía sobre os joelhos. Quando virava para o outro lado, Bretas gritava e girava no ar. Murilo foi forçado a ficar de pé descalço nas bordas das duas latas de sardinhas abertas. As bordas cortavam as solas de seus pés, e a dor subiu até os músculos de suas canelas. O outro guarda ligou fios longos ao dedo mínimo da mão de um prisioneiro chamado Maurício. Os fios estavam ligados ao gerador que Murilo havia visto quando estava sendo trazido pelo pátio.

Um dos prisioneiros do Exército foi colocado no pau-de-arara. Outro foi espancado com uma palmatória, uma peça longa de madeira com pequenos furos. Para ilustrar, ele foi espancado na parte traseira, nos pés, nas palmas das mãos. No microfone Aylton disse: "Vocês podem bater com isso durante longo tempo e com muita força".

Nilo Sérgio foi forçado a ficar de pé com seus braços estendidos como o Cristo do Corcovado. Alguma coisa pesada — Murilo não podia ver o que — foi colocada em sua mão. Um prisioneiro foi deixado aguardando enquanto Aylton se movimentava discutindo o próximo método. Ele queria fazer a audiência saber que aquelas torturas não precisavam ser usadas separadamente, que o pau-de-arara, por exemplo, era muito mais eficiente quando combinado com choque elétrico ou com espancamento com a palmatória. O pau-de-arara parecia ser o favorito de Aylton, e ele explicou suas vantagens para a audiência. "Começa o trabalho", ele disse, "quando o prisioneiro não pode manter seu pescoço forte e firme. Quando seu pescoço cede, quer dizer que ele está sofrendo". Quando Aylton estava falando, o prisioneiro no pau-de-arara deixou sua cabeça cair para trás. Aylton riu e foi para o seu lado. "Não assim. Ele está apenas fingindo" "Olhem" — Aylton agarrou a cabeça do prisioneiro e a sacudiu vigorosamente — "seu pescoço ainda está firme. Agora ele está apenas enganando. Ele não está cansado, e não está pronto para falar".

Havia outros refinamentos. Usem a eletricidade onde e quando quiserem, disse Aylton, mas observem a voltagem. Vocês querem extrair informações do prisioneiro. Vocês não querem matá-lo. Ai então ele leu alguns números em voz alta — uma leitura de voltagem na medida de tempo que um corpo humano podia agüentar. Murilo, seus pés cortados e sangrando, tentou lembrar-se dos números, mas a dor estava levando tudo o mais de sua mente.

Há um outro método que não iremos demonstrar hoje, disse Aylton, mas tem sido muito eficiente. É uma injeção de éter no escroto. Alguma coisa nessa dor faz um homem muito desejoso de falar. Um lugar-tenente também recomendou, mas não mostrou, um melhoramento,

o afogamento — derramar água nas narinas quando a cabeça fica pendurada para trás. Para provar que a água na superfície da pele intensifica os choques, um guarda derramou um pouco sobre um prisioneiro no pau-de-arara e voltou a aplicar os choques para que todos pudessem ver como o corpo aumentava as convulsões.

À medida que a água aumentava a força da corrente, o prisioneiro do pau-de-arara começou a gritar. Aylton fez um gesto para o guarda, que enfiou um lenço na boca do prisioneiro. "Normalmente vocês não devem usar uma mordaca". Aylton disse maliciosamente: "Porque, como pode ele lhe dar informações se não pode falar?"

A aula já durava quarenta minutos e as torturas continuavam enquanto Aylton falava. Agora tornava-se claro que Maurício, esticado entre dois longos fios, estava sofrendo insuportavelmente. O soldado encarregado dele estava forçando o gerador cada vez mais, até que, como Aylton havia avisado, voltagem demais termina com o prisioneiro. Maurício caiu para frente na mesa mais próxima. Entre os homens do Exército correu uma risada forçada. Eles o empurraram, espancaram e chutaram com suas botas. Continuavam rindo e gritando brincadeiras um ao outro, durante o tempo todo.

Murilo saiu de seu transe de dor o suficiente para registrar em si que aqueles homens, os oito deles, haviam estado rindo durante toda a aula de Aylton. Não tão exageradamente como quando Maurício caiu na mesa, mas sempre, e alto. Seus gracejos haviam formado um contraponto na demonstração. Eu estou sofrendo, pensou Murilo, e estes homens estão tendo o maior divertimento de suas vidas. Ou talvez nem todos eles. Sargento Monte sentiu náuseas durante a tortura e havia saído às pressas da sala para vomitar. Essa demonstração de sensibilidade surpreendeu Murilo, porque uma vez Monte havia dado ordens a um sargento menos graduado para dar a Murilo sua dose diária de choque elétrico.

A aula estava acabando. Murilo queria lembrar quem mais estava lá, se juntando às torturas. Talvez ele não sáisse da prisão com vida, mas se sáisse, ele se lembraria. Havia Aylton e Monte, e o Sargento Rangel, da Vila Militar. Murilo se lembrava particularmente de Rangel no dia em que ele voltava da sala de visitantes com cigarros que haviam lhe passado. Rangel foi avisado que Murilo ou seu irmão, Angelo, haviam recebido os cigarros, e mandou que os dois fossem espancados com a palmatória até que encontrou os cigarros e os guardou para si mesmo.

Aylton perguntou se a classe tinha alguma pergunta sobre as torturas que havia visto. Ninguém tinha perguntas. Murilo foi arrancado das bordas cortantes das latas e levado com os outros. Na sala de espera viu seu irmão e outro prisioneiro, Júlio Bittencourt. Eles estavam sendo levados para mais torturas. Júlio sofreu a tortura chamada telefone: um guarda punha suas mãos em concha e batia nos ouvidos de Júlio até que ele não podia mais ouvir. Murilo soube disso mais tarde.

Ele nunca soube que uso Aylton tinha feito de Angelo. De volta às celas, nenhum dos guardas mencionou a aula, mas os prisioneiros que haviam passado pela experiência com Murilo estavam se consumindo em ódio e desgosto. De seu catre Murilo ouviu um gritar para o mundo: "Filho da V..." Outro repetiu continuamente: "Bem, isto é o fim do mundo". Outros repetiam uma frase brasileira: "É o fim da picada". Significa dizer que é insuportável para mim pensar nisso. No seu canto, Murilo considerava a provação. Suas maior preocupação havia sido que se ele demonstrasse não estar sofrendo o bastante, ele teria sido tirado das bordas da lata e levado a outro tipo de tortura. As latas haviam cortado e infiltrado, mas estavam suportáveis. Os choques elétricos não eram. Assim ele se contorceu em dores e esperou que sua tortura não fosse trocada pela de Maurício. Nenhuma emoção sobrava a ele.

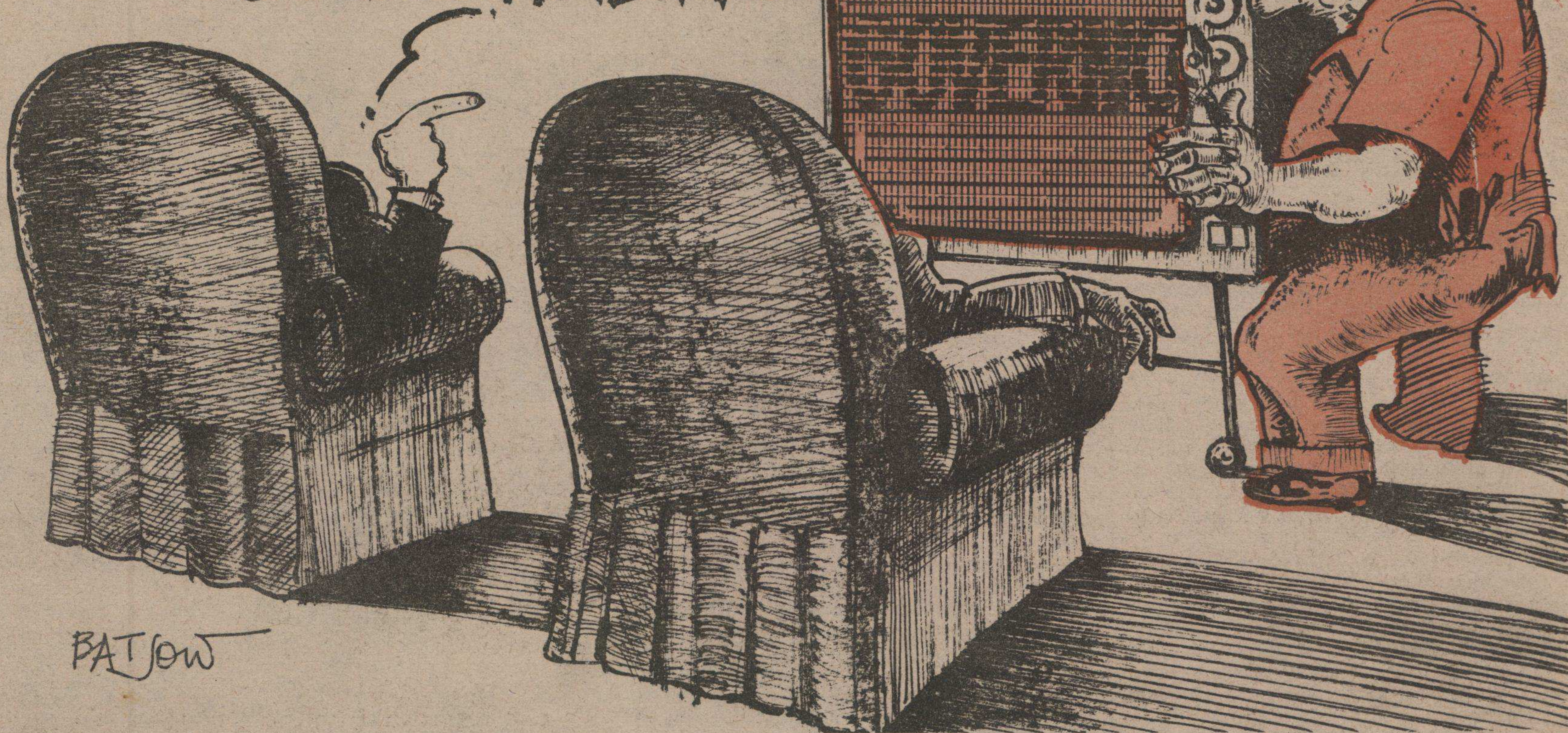
Não sentia vergonha de ter sido colocado em exposição como uma cobaia. Nenhuma revolta contra os homens que riam dele. Nenhuma simpatia por Maurício. Apenas autoproteção. Esperava não ser tirado das latas para ser levado à insensibilidade dos choques. Ele havia ultrapassado um outro dia. Seus pés sarariam. Ele ouviu um homem gritar: "É o fim da picada". Murilo se sentiu calmo, em paz. Ele sabia que depois daquele dia qualquer que fosse a provocação ou a justiça de sua causa, ele nunca iria ferir outro ser humano.





Veríssimo

É,  
OS CARAS MUDAM  
O TÉCNICO  
MAS A IMAGEM  
CONTINUA A MESMA!



BATJOW

# DEPENDE DO SLOGAN

Na reunião de coordenação dos programas de Relações Públicas o mais saliente era um gordinho da Agricultura. Ele mal pôde esperar o começo da reunião para anunciar a sua frase.

— Plante que o Antônio garante! Olhou em volta, cheio de expectativa.

— Hein? Hein?

Os outros fizeram que sim com a cabeça. Era uma boa frase. O gordinho esperava mais entusiasmo. Alguém fez uma objeção.

— O "plante que o Governo garante" não deu certo...

— Ah — protestou o gordinho. — Mas era uma frase muito impessoal. "O Governo"... Quem é o Governo? Desta vez é o Antonio. O Bom Antonio. Antonio, Pai do Milagre.

— Sei de gente que quando ouve falar em Milagre Brasileiro, se benze.

— Sempre há os descontentes. A verdade é que aquela foi a grande época. O Presidente amigo da gente. O tricampeonato de futebol. Noventa milhões em ação...

— Brasil, ame-o ou deixe-o...

— Essa foi cancelada. Agora é "Lugar de brasileiro é no Brasil".

— Ninguém segura este País...

— Pra frente, Brasil...

— Aquela corrente pra frente...

— Beleza...

— O Brasil?

— As frases.

— Eu estou pensando numa frase para o nosso cliente. "Casa é com o Andreazza."

— Não sei...

— Tenho outra. "Ele fez a ponte e vai fazer um monte".

— Essa é pior ainda.

— "Mário não desfalca o erário".

— Um pouco defensiva.

— O diabo é que a Pasta do Interior é fogo. O que é mesmo que faz o Ministro do Interior?

— Quem sabe uma coisa genérica. "No Interior, um homem por dentro".

— Sim senhor.

— Hein?

— Para rimar. "No Interior... sim senhor".

— A rima é importante?

— Importantíssima — disse o RP do Executivo. — Por exemplo, o Presidente em pessoa sugeriu uma frase para a Presidência. "Figueiredo, diz o que pensa e não tem temor".

— Mas essa não rima.

— É mesmo...

Todos olharam para o RP da Presidência com desaprovação. Aquele ia ser o caso mais difícil.

— Nós no Trabalho já temos vários *slogans*. Por exemplo: "Greve é coisa de gringo, brasileiro trabalha domingo".

— Essa vai fazer sucesso no ABC paulista.

— Outra: "Quem pede aumento semeia vento". Ou: "Patrão é como irmão". Também tem "O Governo é que está ao seu lado, Lula está doido e o Brizola americanizado".

— E eu que preciso de um *slogan* para o Ministério da Justiça?

— Que tal, "Depois do Falcão, qualquer um é bão".

Houve risadas, mas alguns protestos. Afinal, o momento era sério. Naquela sala poderia estar se decidindo o sucesso ou o fracasso do Governo que ia tomar posse. Tudo dependeria da imagem que o novo Governo formaria junto à opinião pública, com a ajuda dos profissionais.

— Vocês se queixam do Ministério da Justiça... E nós que temos a conta do de Minas e Energia?

— Esse é brabo.

— Com a crise de energia, as críticas à Petrobrás, os problemas de abastecimento, etc., pensamos em resumir nosso programa num *slogan* de uma palavra só.

— Qual é a palavra?

— "Socorro!"

O gordinho da Agricultura não compartilhava do pessimismo geral.

— Imaginem — disse ele, — um gordo na Agricultura. Não podia haver coisa melhor. Dá a idéia de fartura, de satisfação. E o Delfim esbanja confiança. "Plante que o Antonio garante".

— Nós já ouvimos esta — disse alguém, aborrecido. Era o encarregado da imagem do novo Ministro da Saúde, que ninguém conhecia.

— Eu sei. Mas eu tenho outras. Eu tenho outras! "Se faltar, o Antonio cobre e se sobrar o Antonio come".

— Espera aí. Não vamos exagerar.

Mas ninguém mais controlava o gordinho.

— "Horti, fruti ou granjeiro, Antonio apóia o brasileiro".

— Chega!

— "Gado leiteiro ou de corte, Antonio quer bonito e forte".

— Por favor, nós...

— "Soja, trigo ou capim", diz o Antônio "vinde a mim".

— Será que nós podíamos...

— "Ovino, suíno ou em lata, com o Antônio é batata".

— Vamos ouvir o nosso colega da Fazenda.

Mas o gordinho estava de pé.

— "Nenhuma vaca sem marido e nenhum terneiro sem leite, Antonio põe na sua mesa o pão, o vinho e o azeite!"

— Pare!

O RP da Fazenda tomou a palavra. Já tinha uma frase pronta para o ministro Rischbieter.

— Diga "raus" à inflação.

— "FEIJÃO PARA O POVO, É O ANTONIO DE NOVO!"

Depois de expulsarem o gordinho da Agricultura da sala, passaram a palavra ao RP da Previdência. Sua frase causou alguma consternação.

— "Se INPS fosse tão ruim, não tinha fila..."

Foi quando o RP da Previdência teve uma iluminação. A frase do Presidente podia ser modificada.

— Figueiredo, diz o que pensa e não quer nem saber.

— Continua não rimando.

— É verdade. Troço difícil...